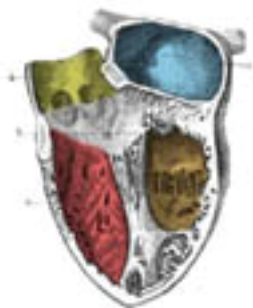


# Os Quatro Amores



C. S. LEWIS



## Os Quatro Amores

C. S. Lewis

<b>O AUTOR</b>	<b>2</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>2</b>
<b>PREFERÊNCIAS E AMORES PELOS SUB-HUMANOS</b>	<b>9</b>
<b>1. AFEIÇÃO</b>	<b>25</b>
<b>2. A AMIZADE</b>	<b>45</b>
<b>3. EROS</b>	<b>71</b>
<b>4. CARIDADE</b>	<b>90</b>

## **O Autor**

Nascido na Irlanda em 1898, C. S. Lewis estudou no Malvern College durante um ano, recebendo a seguir uma educação ministrada por professores particulares. Ele formou-se em Oxford, tendo trabalhado como professor no Magdalen College de 1925 a 1954. Em 1954 tomou-se Catedrático de Literatura Medieval e Renascentista em Cambridge. Foi um conferencista famoso e popular, exercendo grande influência sobre seus alunos.

C. S. Lewis conservou-se ateu por muitos anos, tendo descrito sua conversão no livro “Surprised by Joy”: “No Termo da Trindade de 1929 entreguei os pontos e admiti que Deus era Deus ... talvez o convertido mais desanimado e relutante de toda a Inglaterra.” Foi esta experiência que o ajudou a compreender não apenas a apatia mas também a resistência ativa por parte de certas pessoas em aceitarem a idéia de religião.

Como escritor cristão, caracterizado pelo brilho e lógica excepcionais de sua mente e por seu estilo lícido e vivo, ele foi incomparável. O Problema do Sofrimento, Cartas do Inferno, Cristianismo Autêntico, Os Quatro Amores e As Crônicas de Narnia são apenas alguns de seus trabalhos mais vendidos. Ele escreveu também livros excelentes para crianças e outros de ficção científica, além de muitas obras de crítica literária. Seus trabalhos são conhecidos por milhões de pessoas em todo o mundo através de traduções. C. S. Lewis morreu a 22 de novembro de 1963, em sua casa em Oxford, Inglaterra.

## **Introdução**

“Deus é amor”, diz o apóstolo João. Quando tentei começar a escrever este livro pensei que seu axioma iria fornecer-me um caminho plano através de todo o assunto. Estava certo de poder dizer que o amor humano só merecia ser assim chamado naquilo em que se assemelhava àquele Amor que é Deus. A primeira distinção que fiz foi portanto entre o que chamei de amor-Doação e amor-Necessidade. O exemplo típico do amor-Doação seria aquele

que leva o homem a trabalhar, planejar e poupar para o futuro de sua família, cujo futuro ele não irá ver nem partilhar com ela; do segundo, aquele que empurra a criança solitária ou amedrontada para os braços da mãe.

Restava sem dúvida aquilo que se identificava ainda mais com o próprio Amor, O Pai dá ao Filho tudo o que Ele é e possui. O Filho se dá de volta ao Pai, e se entrega ao mundo, e pelo mundo ao Pai, dando assim o mundo (que está nele) também de volta ao Pai.

Por outro lado, o que pode assemelhar-se menos a qualquer coisa que possamos conceber a respeito da vida de Deus do que o amor-Necessidade? Nada lhe falta, mas nosso amor-Necessidade, conforme discernido por Platão, é “filho da pobreza”. Ele é o reflexo correto de nossa natureza real sobre o consciente. No momento em que tomamos plena consciência descobrimos a solidão. Temos necessidade de outros no plano físico, emocional e intelectual; precisamos deles se devemos conhecer algo, até a nós mesmos.

Eu estava pretendendo escrever alguns elogios fáceis sobre o primeiro tipo de amor, depredando o segundo. E muito do que esperava escrever me parece ainda verdadeiro.

Continuo pensando que se tudo o que entendemos por amor é a ânsia de sermos amados, nossa condição é deplorável.

Mas não diria agora (com meu mestre MacDonald) que se incluirmos apenas esse desejo, estaremos tomando por amor algo que não representa absolutamente esse sentimento.

Não posso mais negar o nome de amor ao amor-Necessidade. Toda vez que tentei tirar deduções ao longo dessa linha de pensamento acabei encontrando enigmas e contradições.

A realidade é mais complicada do que supunha.

Em primeiro lugar, violentamos quase todas as línguas se não dermos ao amor-Necessidade o nome de “amor”. A língua não é naturalmente um guia infalível, mas ela contém, com todos os seus defeitos, uma boa dose de discernimento e experiência acumulados. Se você se puser a desconsiderá-la, ela tem um meio de vingar-se mais tarde. E melhor não imitarmos o personagem Humpty Dumpty que dava às palavras o significado que desejava.

Em segundo lugar, devemos ter cautela em dizer que o amor-Necessidade não passa de “simples egoísmo”. Simples é sempre uma palavra perigosa. Não há dúvida de que o amor-Necessidade, como todos os nossos impulsos, pode ser egoisticamente tolerado. Uma exigência tirânica e gulosa de afeição é às vezes algo terrível. Mas na vida comum ninguém chama de egoísta a criança que busca conforto na mãe; nem o adulto que procura “companhia” na pessoa de um amigo. Os que fazem isso em menor proporção, seja crianças ou adultos, não são geralmente os mais abnegados.

Onde o amor-Necessidade é sentido, pode haver razões para negá-lo ou mortificá-lo; mas não senti-lo é no geral a marca do egoísta frio. Desde que na verdade precisamos uns dos outros (“não é bom que o homem esteja só”), então o fato de este sentimento não surgir como amor-Necessidade no consciente (em outras palavras, o sentimento ilusório de que é bom para nós ficarmos sós) é um sintoma espiritual negativo, da mesma forma que a falta de apetite é um sintoma médico negativo porque os homens precisam de alimento.

Mas, em terceiro lugar, chegamos a um ponto muito mais importante. Todo cristão concordaria que a saúde espiritual do indivíduo é exatamente proporcional ao seu amor por Deus. Entretanto, o amor humano por Deus, pela própria natureza do mesmo, deve ser sempre em grande parte, e com frequência inteiramente, um amor-Necessidade. Isto se evidencia quando pedimos perdão de nossos pecados ou apoio nas tribulações. Mas, de modo geral, fica talvez mais manifesto em nossa crescente percepção (pois deveria mesmo crescer) que nosso ser inteiro pela sua própria natureza é uma enorme necessidade; incompleto, preparatório, vazio, mas atravancado, clamando por Ele que pode desatar coisas que agora estão atadas e atar aquelas que ainda se acham soltas. Não estou dizendo que o homem jamais possa dar a Deus qualquer outra coisa além do puro amor-Necessidade.

As almas exaltadas podem falar-nos de um alcance além desse. Mas, segundo penso, elas seriam também as primeiras a nos dizer que essas alturas deixariam de ser verdadeiras Graças, tornando-se ilusões neoplatônicas ou finalmente diabólicas, no momento em que o indivíduo ousasse pensar que poderia viver delas e daí por diante abandonasse o elemento da necessidade. “O mais elevado”, diz a Imitação, “não permanece sem o mais humilde”. Quão ousada e tola seria a criatura que se aproximasse de seu Criador, gabando-se: “Não sou um mendigo. Eu o amo desinteressadamente. Os que chegam mais perto de um amor-Doação por Deus, no momento seguinte, ou

nesse mesmo momento, irão bater no peito como o publicano e depositar sua indignação diante do único e verdadeiro Doador. E Deus quer isso. Ele se dirige ao nosso amor-Necessidade: “Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados”, ou no Velho Testamento: “Abre a tua boca e eu a encherei”.

Assim sendo, o amor-Necessidade, o maior de todos, ou coincide ou pelo menos constitui um ingrediente principal na condição espiritual mais elevada, mais sadia e mais realista do indivíduo. Segue-se um corolário muitíssimo estranho.

O homem se aproxima mais de Deus quando, num certo sentido, ele se assemelha menos a Deus. Pois que diferença pode ser maior do que aquela que existe entre plenitude e necessidade, soberania e humildade, justiça e penitência, poder ilimitado e pedido de ajuda? Este paradoxo me espantou quando me defrontei pela primeira vez com ele; também destroçou todas as minhas tentativas anteriores de escrever sobre o amor. Quando nós o enfrentamos, algo semelhante parece resultar.

Devemos distinguir duas coisas que possivelmente poderiam ser chamadas de “proximidade de Deus”. Uma delas é semelhança com Deus. Deus imprimiu em tudo quanto fez uma certa semelhança com a sua Pessoa, é o que suponho.

O espaço e o tempo, à sua própria maneira, refletem a sua grandeza; toda a espécie de vida, a sua fecundidade; a vida animal, sua atividade. O homem possui uma semelhança mais importante do que essas por ser racional. Os anjos, segundo creio, possuem uma semelhança que falta ao homem: imortalidade e conhecimento intuitivo. Dessa forma, todos os homens, bons ou maus, todos os anjos, incluindo os que caíram, são mais como Deus do que os animais. Sua natureza está mais “próxima” neste sentido da natureza divina. Mas, a seguir, existe o que poderemos chamar de proximidade de abordagem. Isto é, as condições em que o homem fica “mais próximo” de Deus são aquelas em que ele está mais rápida e seguramente se aproximando de sua união final com Deus, sua visão de Deus e seu gozo de Deus. E tão logo façamos a distinção entre “proximidade por semelhança” e “proximidade por abordagem”, vemos que elas não coincidem necessariamente, podendo ou não fazê-lo.

Uma analogia talvez venha a ser de auxílio. Vamos supor que estejamos

subindo uma montanha até a vila em que moramos. Ao meio-dia chegamos ao alto de um penhasco onde, no espaço, estamos muito próximos dela porque se encontra logo abaixo de nós. Poderíamos jogar uma pedra nela. Mas como não somos alpinistas não podemos descer. Precisamos dar uma longa volta, talvez de cinco quilômetros.

Em muitos pontos desse desvio estaremos mais longe da vila do que quando nos achávamos em cima do penhasco. Mas isso acontece apenas quando estamos parados. Em termos de progresso estaremos muito “mais próximos” de nossos banhos e nossos chás.

Desde que Deus é abençoado, onipotente, soberano e criativo, existe evidentemente um sentido em que a felicidade, força, liberdade e fertilidade (quer de mente ou de corpo), onde quer que apareçam na vida humana, constituem semelhanças, e dessa forma, proximidade de Deus. Mas ninguém supõe que a posse desses dons tenha qualquer ligação necessária com a nossa santificação. Nenhuma espécie de riqueza é um passaporte para o reino dos céus.

No alto do penhasco estamos perto da vila, mas por mais tempo que fiquemos ali sentados jamais nos aproximaremos de nosso banho e nosso chá. Aqui então a semelhança, e proximidade com Ele nesse sentido, que Deus conferiu a certas criaturas e certos estados dessas criaturas é algo acabado, embutido nelas. O que está próximo dele pela semelhança jamais irá, só por isso, ficar de qualquer forma mais próximo. Mas a proximidade de abordagem, por definição, representa uma proximidade crescente. E enquanto a semelhança nos é dada - e pode ser recebida com ou sem um sentimento de gratidão, pode ser usada ou abusada - a aproximação, embora iniciada e apoiada pela Graça, é algo que nos cabe fazer. As criaturas, cada uma a seu modo, são feitas à imagem de Deus sem a sua colaboração pessoal ou sequer consentimento. Mas não é assim que se tornam filhos de Deus. E a semelhança que recebem pela filiação não é aquela das imagens e retratos. De certo modo é mais de semelhança, pois é concordância ou unidade com Deus na vontade; isto porém coincide com todas as diferenças que vimos considerando.

Assim sendo, como um escritor melhor que eu afirmou, nossa imitação de Deus nesta vida isto é. nossa imitação voluntária, distinta de qualquer das

semelhanças que ele imprimiu em nossa natureza ou estado - deve ser uma imitação do Deus encarnado: nosso modelo é o Jesus, não só o do Calvário, mas o da carpintaria, das estradas, das multidões, das exigências clamorosas e más disposições, da falta de paz e privacidade, das interrupções. Pois isto, tão estranhamente diverso de tudo que possamos atribuir à vida divina em si, não tem semelhança apenas aparente, mas é a vida divina operando sob condições humanas.

Devo agora explicar por que achei esta distinção necessária a qualquer tratamento que devesse dispensar ao nosso tipo de amor. A declaração do apóstolo João de que Deus é amor foi comparada em minha mente ao comentário feito por um autor moderno (M. Denis de Rougemont) de que “o amor deixa de ser um demônio somente quando cessa de ser um deus”; cuja sentença pode naturalmente ser apresentada de outra forma: “começa a ser um demônio no momento em que começa a ser um deus”.

Este equilíbrio me parece uma proteção indispensável.

Se nós o ignoramos, a verdade que Deus é amor pode furtivamente vir a significar para nós o inverso, de que o amor é Deus.

Suponho que todos os que pensaram no assunto verão o que M. de Rougemont queria dizer. Todo amor humano, em seu apogeu, possui a tendência de reivindicar uma autoridade divina. Sua voz tende a soar como se fosse a vontade do próprio Deus. Ela nos diz para não contar o custo, exige de nós um compromisso total, tenta superar todas as outras reivindicações e insinua que todo ato feito sinceramente “por causa do amor” é portanto legal e até meritório.

Que o amor erótico e o amor patriótico tentam dessa forma “tornar-se deuses” é geralmente reconhecido. Mas a afeição familiar pode fazer o mesmo, assim como a amizade, embora de modo diverso.

Não vou demorar-me agora muito neste ponto, pois iremos defrontá-lo repetidamente nos capítulos que se seguem.

É preciso notar que os amores naturais fazem esta reivindicação blasfema quando se acham em sua melhor e não em sua pior condição natural; quando são o que nossos avós chamavam de “puros” e “nobres”. Isto se evidencia especialmente na esfera erótica. Uma paixão fiel e genuinamente

sacrificial irá falar-nos com o que parece ser a voz de Deus.

A simples lascívia animal ou frívola não faz isso. Irá corromper os seus adeptos de mil maneiras, mas não desse modo.

O indivíduo pode agir sob esse tipo de sentimento, mas não pode reverenciá-lo mais do que a pessoa que se coça presta reverência à coceira. A indulgência temporária de uma tola mulher, que é na verdade pura auto-indulgência, para com uma criança mimada, “a sua boneca do momento”, tem muito menos probabilidade de “tornar-se um deus” do que a devoção profunda, estreita, de uma mulher que (realmente) “vive para seu filho”. Estou inclinado a pensar que a espécie de amor patriótico de alguém influenciado por bandas militares e algumas cervejas não irão levá-lo a provocar muito mal (ou muito bem) por causa desse sentimento, pois ele irá ser provavelmente esquecido ao pedir uma outra garrafa e juntar-se ao coro.

Naturalmente devemos esperar tal coisa. Nossos amores não reivindicam divindade até que essa reivindicação se torne plausível. Ela não se torna plausível até que contenha uma verdadeira semelhança com Deus, o próprio Amor. Não vamos cometer aqui qualquer engano. Nossos amores-Doação são realmente divinos; e entre os mais divinos estão aqueles mais ilimitados e incansáveis na sua entrega. Tudo que os poetas apregoam sobre eles é verdade. Sua alegria, animação, paciência, prontidão em perdoar, querer o bem do ser amado - tudo isto é uma imagem da vida divina real, praticamente adorável. Na sua presença estamos certos em agradecer a Deus “que deu tal poder aos homens”. Podemos dizer, com sinceridade e num sentido inteligível, que os que muito amam estão “próximos” de Deus. Mas, naturalmente, trata-se de “proximidade por semelhança”. Ela não irá por si mesma produzir a “proximidade de abordagem”. A semelhança nos foi concedida. Ela não tem qualquer ligação necessária com aquela abordagem lenta e penosa que é tarefa nossa (embora receba ajuda de alguma forma). Nesse ínterim, entretanto, a semelhança é um esplendor. Essa a razão por que podemos tomar o termo Semelhante como Mesmo.

E possível que dediquemos a nossos amores humanos a fidelidade devida apenas a Deus. Eles então se tornam deuses: então se tornam demônios. Irão assim destruir-nos e também destruir a si mesmos. Pois os amores naturais, quando lhes é permitido que se tornem deuses, não permanecem amores. Continuam recebendo esse nome, mas se transformam na verdade em formas complicadas de ódio. Nossos amores-Necessidade podem ser cobiçosos e exigentes, mas não se estabelecem como deuses. Não



estão bastante próximos (pela semelhança) de Deus para tentar isso.

Pelo que foi dito, segue-se então que não devemos juntar-nos nem aos idólatras nem aos “desiludidos” do amor humano. A idolatria, tanto do amor erótico como das “afeições domésticas” foi o grande erro da literatura do Século Dezenove. Browning, Kingsley e Patmore falam às vezes como se pensassem que apaixonar-se era o mesmo que santificar-se; os romancistas habitualmente contrapõem ao “Mundo” o lar e não o Reino dos Céus. Nós vivemos na reação contra isto.

Os desiludidos estigmatizam como tolice e sentimentalismo grande parte do que os seus pais disseram em prol do amor.

Eles estão sempre arrancando e exibindo as raízes lamacentas de nossos amores naturais.

Mas julgo que não devemos dar ouvidos nem “ao super-sábio nem ao supertolo gigante”. O superior não subsiste sem o inferior. A planta precisa de raízes embaixo assim como de sol em cima dela e suas raízes devem ser terrosas.

Grande parte dela é terra limpa, bastando que a deixe no jardim e não se ponha a espalhá-la em cima da mesa da biblioteca. Os amores humanos podem ser imagens gloriosas do amor divino. Nada menos que isso, mas também nada mais - proximidades de semelhança que de um lado podem ajudar, mas de outro servir de impedimento, proximidade de abordagem. Algumas vezes talvez não tenham muito a ver com ela de modo algum.

## ***Preferências e Amores Pelos Sub-humanos***

As crianças de minha geração eram censuradas em sua maior parte por dizerem que “amavam” morangos, e algumas pessoas se orgulham do inglês possuir os dois verbos amar e gostar (como em português - Nota do Tradutor) enquanto o francês precisa satisfazer-se com *aimer* para ambos os sentidos. Mas o francês tem muitas outras línguas de seu lado. De fato, o uso inglês atual também com frequência faz isso. Quase todos os oradores, quer pedantes ou piedosos, falam diariamente sobre “amar ou adorar” um alimento, um jogo ou uma ocupação. Existe mesmo uma continuidade entre nossas preferências elementares por coisas e nossos amores pelas pessoas. Desde que “o superior não subsiste sem o inferior” seria melhor começar de

baixo, com as simples preferências, e desde que “gostar” de algo significa ter um determinado prazer nele, devemos começar com o prazer.

Sabe-se desde há muito tempo que os prazeres podem ser divididos em duas categorias: os que não seriam prazeres de modo algum a não ser que precedidos por um desejo e os que são prazeres por direito próprio e não necessitam de tal preparo. Um exemplo do primeiro seria um gole de água. Este é um prazer se você tem sede e um enorme prazer se estiver muito sedento. Mas provavelmente ninguém no mundo, exceto em obediência à sede ou às ordens do médico, jamais encheu um copo de água e o bebeu só pelo prazer da coisa. Um exemplo da outra categoria seria o prazer não procurado e inesperado de sentir o cheiro de um campo de feijão ou de um canteiro de ervilhas-de-cheiro esperando por você em seu passeio matinal. Você não precisava de nada, estava plenamente satisfeito antes disso; o prazer, que pode ser enorme, é um presente não solicitado, acrescentado. Estou dando exemplos muito simples para esclarecimento e naturalmente existem muitas complicações.

Se você receber uma xícara de café ou um copo de cerveja quando esperava água e teria ficado satisfeito com ela, então terá um prazer do primeiro tipo (satisfação da sede) e um do segundo (um sabor agradável) ao mesmo tempo.

De novo, uma adição pode transformar o que antes era um prazer do segundo tipo em outro do primeiro. Para o indivíduo temperante um copo de vinho ocasional é uma delícia - como o aroma do campo de feijão. Mas para o alcoólatra, cujo paladar e digestão já foram há muito destruídos, bebida alguma proporciona qualquer prazer exceto o do alívio de um desejo insuportável. No que concerne à sua capacidade de discernir sabores, ele na verdade a detesta; mas é melhor do que a miséria de permanecer sóbrio. Todavia, através de todas as permutas e combinações, a distinção entre as duas classes permanece toleravelmente clara. Podemos chamá-las Prazeres-Necessários e Prazeres de Apreciação.

A semelhança entre esses prazeres-Necessidade e amores-Necessidade do primeiro capítulo irá ocorrer a todos. Mas ali, como deve lembrar-se, tive de confessar que precisei resistir a uma tendência para depreciar os amores-Necessidade ou até a dizer que não eram de forma alguma amores. Aqui, para a maioria das pessoas, poderá haver uma inclinação oposta. Seria muito fácil

passarmos a louvar os prazeres-Necessidade e reprovar os Apreciativos: um deles tão natural (uma palavra de peso), tão necessário, tão protegido de excessos pela sua própria naturalidade; o outro tão desnecessário e abrindo a porta para toda sorte de luxúria e vício. Se nos faltasse matéria para este assunto poderíamos faltar-nos até o ponto máximo ao abrir as obras dos Estóicos. Mas através de toda esta pesquisa devemos ter cuidado em jamais adotar prematuramente uma atitude moral ou de avaliação. A mente humana tem no geral mais inclinação para elogiar e desprezar do que para descrever e definir.

Ela quer fazer de toda diferença uma distinção em valor; surgem então aqueles críticos fatais que nunca conseguem indicar a qualidade divergente de dois poetas sem colocá-los em ordem de preferência como se fossem candidatos a um prêmio. Não nos cabe absolutamente fazer isso com relação aos prazeres. A realidade é demasiado complicada. Já fomos advertidos quanto a isso pelo fato de que o prazer-Necessidade é o estado em que os prazeres apreciativos terminam quando se desviam (pelo hábito).

Para nós, de qualquer modo, a importância dos dois tipos de prazer está na proporção em que eles prefiguram as características em nossos “amores” (assim chamados adequadamente).

O indivíduo sedento que acabou de beber um copo de água, pode exclaimar: “Por Deus, eu queria isso”. O mesmo se aplica ao alcoólatra que terminou o seu trago”. O homem que passa pelas ervilhas-de-cheiro em seu passeio matinal terá maior probabilidade de dizer: “Que perfume delicioso”.

O “connoisseur” depois de seu primeiro gole do famoso clarete, poderá também afirmar: “Este vinho é excelente”.

Quando os prazeres-Necessidade estão em foco, nos inclinamos a fazer declarações sobre nós mesmos no passado.

Quando os prazeres Apreciativos são focalizados, tendemos a expressar-nos sobre o objeto no presente. É fácil ver a razão disso.

Shakespeare descreveu a satisfação de uma lascívia tirânica como algo

“Cobiçado passada a razão e, nem bem alcançado, Odiado passada a razão.”

Mas os mais inocentes e necessários dos prazeres-Necessidade possuem

algo desse mesmo caráter - apenas algo, naturalmente. Eles não são odiados no momento em que os obtemos, mas certamente “morrem em nós” com extraordinária brusquidão, e completamente. A torneira da pia e o copo são muito atraentes quando entramos suados depois de lidar no jardim, mas seis segundos mais tarde eles perdem todo o seu interesse. E se me perdoar por referir-me ao mais extremo dos casos, não houve momentos para a maioria de nós (numa cidade estranha) quando a palavra “Cavalheiros” sobre uma porta despertou uma alegria praticamente digna de ser celebrada em versos?

Os prazeres da Apreciação são muito diferentes. Eles nos fazem sentir que algo não só gratificou nossos sentidos como também reivindicou nossa apreciação por direito. O conhecedor não só tem prazer no seu vinho como apreciaria aquecer os pés quando estes estão frios. Ele sente que ali está um vinho que merece toda a sua atenção, que justifica toda tradição e habilidade gastas no seu preparo e todos os anos de treinamento que tornaram o seu próprio paladar apto para julgá-lo. Existe até mesmo um vislumbre de generosidade na sua atitude. Ele deseja que o vinho seja preservado e guardado em boas condições, mas não só por sua causa. Mesmo que estivesse em seu leito de morte e nunca mais fosse beber vinho, ficaria horrorizado ao pensar que essa vindima pudesse ser derramada ou estragada ou mesmo bebida por estúpidos (como eu) que não sabem distinguir um bom de um mau clarete. O mesmo se dá com o homem que passa pelas ervilhas-de-cheiro. Ele não goza simplesmente a fragrância, mas sente que da de alguma forma merece ser apreciada. Iria culpar-se se seguisse adiante, desatento e desencantado. Seria grosseiro, insensível. Que uma coisa tão linda viesse a ser desperdiçada nele seria uma vergonha. Irá lembrar-se daquele momento delicioso por muitos anos. Ficará triste ao ouvir que o jardim pelo qual passou em seu passeio naquele dia foi engolido por prédios de cinemas, garagens e pela nova rua.

Em termos científicos ambos os tipos de prazer são sem dúvida relacionados com nosso organismo. Mas os prazeres-Necessidade proclamam em voz alta sua ligação não apenas com a estrutura humana mas também com sua condição momentânea, e fora dessa relação não têm para nós qualquer significado ou interesse. Os objetos que proporcionam prazeres de apreciação nos fazem sentir que de algum modo somos obrigados a saboreá-los, dar-lhes atenção e elogiá-los (quer esse sentimento seja ou não irracional).

“Seria um pecado servir um vinho como esse ao Luís”, diz o perito em

clarete. “Como você pode passar por este jardim sem sentir seu aroma?” perguntamos. Mas jamais deveríamos sentir-nos assim em relação a um prazer-Necessidade: jamais culpar-nos por não termos tido sede e portanto passarmos por uma fonte sem beber um gole de água.

Como nossos prazeres-Necessidade prefiguram nosso amor-Necessidade é algo bastante evidente. No último, o ser amado é visto em relação às nossas próprias necessidades, assim como a torneira do filtro é vista pelo homem sedento e o copo de bebida pelo alcoólatra. E o amor-Necessidade, como o prazer-Necessidade, não irá durar mais do que a necessidade em si. Isto não significa, felizmente, que todas as afeições que começam no amor-Necessidade sejam transitórias. A necessidade em si pode ser permanente ou repetida. Uma outra espécie de amor pode ser enxertada no amor-Necessidade. Os princípios morais (fidelidade conjugal, piedade filial, gratidão e outros) podem preservar o relacionamento por toda uma vida. Mas onde o amor-Necessidade é deixado sem ajuda, dificilmente podemos esperar que não “morra” uma vez que cesse a necessidade. Vemos exemplos disso nas queixas das mães cujos filhos crescidos as negligenciam e as amantes abandonadas depois de satisfeita a necessidade do amante. Nosso amor-Necessidade por Deus está em posição diferente, pois nossa necessidade dele jamais cessará seja neste ou em qualquer outro mundo.

Mas nossa percepção do mesmo pode acabar e então nosso amor-Necessidade também morre. “O Diabo estava doente, o Diabo queria ser monge.” Não parece haver razão para descrever como hipócrita a piedade de curta duração daqueles cuja religião se desvanece uma vez que saiam do “perigo, necessidade ou tribulação”. Por que não teriam sido sinceros? Estavam desesperados e gritaram por socorro. Quem não faria o mesmo?

O que o prazer Apreciativo prefigura não é tão facilmente descrito.

Em primeiro lugar, ele é o ponto de partida de toda a nossa experiência de beleza. É impossível traçar uma linha abaixo da qual tais prazeres sejam “sensuais” e acima da qual eles sejam “estéticos”. As experiências do perito em clarete já contém elementos de concentração, julgamento e percepção disciplinada, que não são sensuais; as do músico contém elementos que o são. Não existe uma fronteira, mas uma continuidade, entre o prazer sensual dos aromas do jardim e a apreciação do campo (ou “beleza”) como um todo, ou mesmo de nossa apreciação dos pintores e poetas que fazem dele seu objeto.

Como já vimos, porém, existe desde o início nesses prazeres uma sombra, um despertar, ou um convite, ao desinteresse. De um modo, naturalmente, podemos mostrar desinteresse ou generosidade, mais heroicamente ainda, com relação ao prazeres-Necessidade: é o copo de água que Sidney, mesmo ferido, sacrifica ao soldado agonizante.

Mas não é a esse tipo de desinteresse que me refiro agora.

Sidney ama o seu próximo. Mas nos prazeres Apreciativos, mesmo em seu plano mais baixo, e mais e mais à medida que crescem na plena apreciação de toda beleza, obtemos algo que dificilmente podemos deixar de chamar de amor e dificilmente deixar de chamar de desinteressado em relação ao objeto em si. E o sentimento que iria impedir alguém de mutilar um quadro famoso mesmo que fosse o último homem vivo sobre a terra e estivesse ele mesmo prestes a morrer, o que nos faz ficar contentes ao pensar em florestas intactas que jamais veremos, que nos faz ansiar para que o jardim ou o campo de favas continue a existir. Não se trata simplesmente de gostarmos deles; nós os pronunciamos, num momento de bom senso divino momentâneo, como sendo “muito bons”.

Nosso princípio de começar do inferior - sem o qual o “superior não subsiste” - começa a pagar dividendos. Ele me revelou uma deficiência em nossa presente classificação dos amores em Necessidade e Doação. Existe um terceiro elemento no amor, não menos importante do que esses, que é prefigurado pelos nossos prazeres apreciativos. Esta idéia de que o objeto é muito bom, esta atenção (quase uma homenagem) oferecida a ele como uma espécie de obrigação, este desejo de que deveria e deve continuar sendo o que é, mesmo que não venhamos a gozá-lo, pode envolver não só coisas como pessoas. Quando oferecida a uma mulher, nós a chamamos de admiração; quando a um homem, adoração de um ídolo; quando a Deus, simplesmente adoração.

O amor-Necessidade clama a Deus de nossa pobreza; o amor-Doação deseja servir ou mesmo sofrer por Deus; o amor Apreciativo exclama: “Nós te damos graças por tua glória”. O amor-Necessidade diz a respeito de uma mulher: “Não posso viver sem ela”; o amor-Doação anseia por fazê-la feliz, dar-lhe conforto e proteção - e, se possível, riqueza; o amor Apreciativo contempla e prende a respiração, fica em silêncio e se rejubila de que tal maravilha possa existir, mesmo que não seja para ele; não ficará inteiramente

deprimido se a perder, pois prefere isso a jamais tê-la visto.

Nós matamos para dissecar. Na vida real, graças a Deus, os três elementos do amor se mesclam e se seguem um ao outro, momento a momento. Talvez nenhum deles exceto o amor-Necessidade exista por si só, em pureza “química”, por mais que alguns segundos. E talvez isso aconteça porque nada em nós exceto nossa necessidade é permanente nesta vida.

Duas formas de amor para aquilo que não é pessoal exigem um tratamento todo particular.

Para algumas pessoas, talvez principalmente para os ingleses e os russos, o que chamamos de “amor pela natureza” seja um sentimento permanente e sério. Quero indicar aqui aquele amor da natureza que não pode ser simplesmente classificado como um exemplo de nosso amor pela beleza.

Como é lógico, muitos objetos naturais-árvores, flores e animais - são belos. Mas os amantes da natureza que tenho em mente não se preocupam muito com os objetos desse tipo que sejam belos em si. O homem que se preocupa com eles os perturba. Um botânico entusiasta constitui uma companhia odiosa para eles. Está sempre parando para chamar sua atenção para algum detalhe.

Também não estão procurando “vistas” ou paisagens.

Wordsworth, que fala por eles, protesta contra isto: leva a uma “comparação de cena com cena”, faz com que se “habitue” com “magras novidades de cor e proporção”. Enquanto está ocupado com esta atividade crítica e discriminativa perde as coisas que realmente importam - “as disposições do tempo e da estação”, “o espírito” do lugar. E naturalmente Wordsworth está certo. Essa a razão porque, se você ama a natureza desse modo, um pintor de paisagens (fora de casa) é uma companhia ainda pior do que um botânico.

São a “disposição” ou o “espírito” que importam. Os amantes da natureza querem receber o mais plenamente possível o que quer que a natureza esteja dizendo, em cada momento e lugar determinados. A evidente riqueza, graça e harmonia de algumas cenas não são mais apreciadas por eles do que a tristeza, desolação, terror, monotonia, ou “melancolia visionária” de

outras. Mesmo aquilo que é informe recebe deles uma reação positiva. E mais uma palavra proferida pela natureza. Eles se abrem para a absoluta qualidade de toda paisagem campestre, a cada hora do dia. Querem absorvê-la, deixando-se colorir completamente por ela.

Esta experiência, como muitas outras, depois de ter sido exaltada até os céus no Século Dezenove, foi descartada pelos modernistas. Precisamos de fato admitir a favor dos opositores que Wordsworth, quando não estava comunicando idéias no papel de poeta, mas apenas falando sobre elas como filósofo (ou filosofastro), disse algumas coisas bem tolas. E tolo, a não ser que você tenha descoberto qualquer evidência nesse sentido, acreditar que as flores gozam do ar que respiram, e mais tolo ainda não acrescentar que, se isto fosse verdade, as flores iriam indiscutivelmente sentir tanto dores como prazeres. Não foram muitos os que aprenderam uma filosofia moral através de um “impulso primaveril”.

Se isso tivesse acontecido, não seria necessariamente a espécie de filosofia que Wordsworth teria aprovado. Poderia ser a da competição desenfreada, como julgo ser para alguns modernistas. Amam a natureza até o ponto em que, para eles, ela apela aos “deuses sombrios no sangue”; não apesar do sexo, fome e poder absoluto operarem ali sem compaixão ou vergonha, mas exatamente por isso.

Se você aceitar a natureza como um mestre, ela irá ensinar-lhe justamente as lições que já decidira aprender; isto é só outra maneira dó dizer que a natureza não ensina. A tendência de toma-la como mestra é logicamente enxertada com facilidade na experiência que chamamos “amor pela natureza”. Mas, não passa de um enxerto. Enquanto estamos sujeitos a eles, “as disposições” e “espíritos” da natureza não indicam qualquer moral. A alegria desregrada, grandeza insuportável, desolação sombria, são lançadas à sua frente.

Faça o que puder com elas, se puder fazer algo. O único imperativo proferido pela natureza é: “Olhe. Ouça. Atenda.”

O fato de este imperativo ser no geral mal interpretado e fazer com que as pessoas inventem teologias, panteologias e antiteologias podendo todas ser descartadas - não toca realmente a experiência central em si. O que os amantes da natureza - quer sejam seguidores de Wordsworth ou pessoas com



“deuses sombrios em seu sangue” obtêm dela é uma iconografia, uma linguagem de imagens. Não quero dizer apenas imagens visuais; são as “disposições” ou “espíritos” em si - as poderosas exibições de terror, tristeza, alegria, crueldade, luxúria, inocência, pureza - que são as imagens.

Nelas, cada um pode colocar ou “vestir” sua própria crença.

Devemos aprender em outra parte nossa teologia ou filosofia (não é de surpreender que no geral as aprendamos com teólogos e filósofos).

Mas quando falamos de “vestir” nossa crença em tais imagens, não estou me referindo a usar a natureza para símiles ou metáforas à maneira dos poetas. Eu poderia na verdade ter dito “encher” ou “encarnar” em lugar de vestir.

Muitas pessoas, inclusive eu, jamais poderiam, a não ser por aquilo que a natureza nos faz, ter qualquer conteúdo para colocar nas palavras que devemos usar ao confessar nossa fé. A natureza jamais me ensinou que existe um Deus de glória e de infinita majestade. Tive de aprender isso de outra forma. Mas a natureza deu à palavra glória um significado para mim. Ainda não sei onde poderia tê-lo encontrado a não ser nela. Não vejo como o “temor” de Deus poderia ter qualquer significado para mim além dos mínimos esforços para manter-me seguro, se não tivesse tido oportunidade de ver despenhadeiros medonhos e penhascos inacessíveis. E se a natureza jamais tivesse despertado em mim certos anseios, áreas imensas do que agora posso chamar de “amor” de Deus jamais existiriam, no que me é dado ver.

O fato de o cristão poder usar assim a natureza não é nem mesmo o início de uma prova de que o cristianismo é verdadeiro. Os que sofrem às mãos de deuses sombrios podem igualmente fazer uso dela (suponho eu) para o seu credo. Esse é justamente o ponto. A natureza não ensina.

Uma filosofia genuína pode às vezes validar uma experiência da natureza; uma experiência da natureza não pode dar validade a uma filosofia. A natureza não irá verificar qualquer proposição teológica ou metafísica (ou pelo menos não da maneira que consideramos agora); ela ajudará a revelar o seu significado. E, nas premissas cristãs, isso não se dará acidentalmente. Pode-se esperar que a glória criada nos proporcione vislumbres da não-criada: pois uma deriva da outra e de alguma forma a reflete.

De alguma forma. Mas talvez não de modo tão simples e direto como poderíamos supor a princípio. Como é lógico, todos os fatos destacados pelos

amantes da natureza da outra escola são também fatos. Há vermes no ventre assim como primaveras na floresta. Tente reconciliá-los ou mostrar que não precisam necessariamente de reconciliação, e você estará se desviando da experiência direta da natureza - nosso tema presente - para a metafísica ou teodicéia, ou algo desse tipo. Isso pode ser sensato, mas penso que devemos mantê-lo distinto do amor da natureza. Enquanto estamos nesse nível, enquanto continuamos alegando falar daquilo que a natureza nos “disse” diretamente, é preciso apegar-nos ao mesmo. Vimos uma imagem da glória. Não nos cabe descobrir um caminho direto através dela e além dela que leve a um crescente conhecimento de Deus. O caminho desaparece quase imediatamente. Terrores e mistérios, toda a profundidade dos conselhos de Deus e todo o emaranhado da história do universo o sufocam. Não podemos passar; não desse modo. E preciso entrar por um atalho - deixar as colinas e florestas e voltar aos nossos estudos, à igreja, às nossas Bíblias, aos nossos joelhos. De outra maneira o amor da natureza está começando a transformar-se numa religião.

E então, mesmo que não nos leve de volta aos deuses sombrios, nos levará a uma grande dose de tolice.

Mas não precisamos entregar o amor da natureza - disciplinado e limitado como sugeri, aos desiludidos. A natureza não pode satisfazer os desejos que desperta, nem responder a questões teológicas, nem santificar-nos. Nossa verdadeira jornada para Deus envolve o ato de voltar constantemente as costas para ela; passando dos campos iluminados pelo sol nascente para alguma acanhada igreja, ou (talvez) indo trabalhar na paróquia do distrito oriental (o mais pobre de Londres). Mas o amor por ela foi para alguns, uma valiosa e indispensável iniciação.

Eu não precisaria dizer “foi”, pois de fato os que não concedem mais que isto ao amor da natureza parecem ser os que o retêm. E é isto que se deve esperar. Este amor, quando estabelecido como uma religião, começa a ser um deus e, portanto, um demônio. Os demônios jamais cumprem as suas promessas. A natureza “morre” para aqueles que tentam viver por amor a ela. Coleridge acabou tornando-se insensível a ela; Wordsworth veio a lamentar que a glória tivesse passado. Diga suas orações bem cedo, no jardim, ignorando firmemente o orvalho, os pássaros e as flores, e sairá dele conquistado pela sua frescura e glória; vá para ali a fim de ser conquistado e, depois de certa idade, nove entre dez vezes nada lhe acontecerá.

Quero tratar agora do amor patriótico, aqui não é preciso elaborar o axioma de M. de Rougemon; todos sabemos agora como este amor se transforma em demônio ao tornar-se um deus. Alguns começam mesmo a suspeitar que ele nunca foi outra coisa senão um demônio. Mas então teriam de rejeitar metade da elevada poesia e metade dos atos heróicos de nossa raça. Não podemos nem sequer excluir o lamento de Cristo sobre Jerusalém. Ele também manifesta amor pelo seu país.

Vamos limitar nosso campo. Não existe aqui necessidade de um estudo sobre ética internacional. Quando este amor se toma demoníaco ele irá naturalmente produzir atos perversos. Mas outros, mais capazes, poderão dizer quais os atos entre as nações são perversos.

Nós estamos apenas considerando o sentimento em si na esperança de poder distinguir entre a sua condição inocente e a demoníaca. Nenhuma delas é a causa eficiente do comportamento nacional. Pois em termos estritos, são os governantes e não as nações que agem internacionalmente. O patriotismo demoníaco em seus súditos - eu escrevo só para os súditos - tornará mais fácil para eles agir perversamente. O patriotismo sadio pode dificultar sua tarefa: quando são perversos têm possibilidade, através da propaganda, de encorajar uma condição demoníaca de nossos sentimentos, a fim de obter nossa aquiescência à sua perversidade. Se forem bons, talvez façam o oposto. Essa a razão pela qual nós, cidadãos privados, devemos manter-nos vigilantes quanto à saúde ou doença de nosso amor pelo país. E é sobre isto que escrevo.

A ambivalência do patriotismo pode ser medida pelo fato de outros escritores não a terem expressado com mais vigor do que Kipling e Chesterton. Se ela fosse composta de um elemento único, dois homens como eles não poderiam tê-la elogiado simultaneamente. Ela contém na verdade diversos ingredientes, todos distintos, os quais permitem uma grande variedade de combinações.

Em primeiro plano, vem o amor pela terra natal, a cidade em que nascemos, ou os vários lugares, onde moramos; amor pelos velhos amigos, lugares, sons e cheiros conhecidos. Note que de forma mais ampla este é para nós o amor pela Inglaterra, Gales, Escócia ou Ulster. Apenas estrangeiros e políticos falam sobre a “Grã-Bretanha”. As palavras de Kipling, “não amo os

inimigos de meu império” fazem soar uma nota ridiculamente falsa. Meu império! Com este amor pelo lugar está envolvido o amor pelo estilo de vida; pela cerveja, o chá e fogueiras ao ar livre, trens com compartimentos e uma força policial desarmada, e todo o resto; pelo dialeto local e (um pouco menos) pela nossa língua nativa.

Como diz Chesterton, as razões por que o homem não quer que seu país seja dominado por estrangeiros são as mesmas por que não quer que sua casa pegue fogo; porque ele “não poderia nem sequer começar” a descrever todas as coisas que lhe fariam falta.

Seria difícil descobrir qualquer ponto de vista legítimo que pudesse condenar este sentimento. Da mesma forma que a família nos oferece o primeiro degrau que nos afasta do amor egoísta, este nos faz dar o primeiro passo para além do egoísmo familiar. Como é lógico, não se trata de pura caridade; ele envolve o amor pelo nosso próximo em sentido local e não no dominical. Mas os que não amam os cidadãos da vila ou cidade a quem viram, no irão provavelmente adiantar-se muito em amar o “Homem” a quem não viram. Todas as afeições naturais, inclusive esta, podem rivalizar com o amor espiritual, podendo também ser imitações preparatórias do mesmo; treinando, por assim dizer, os músculos espirituais que a Graça poderá mais tarde empregar num serviço mais elevado, como as mulheres cuidam das bonecas quando crianças e mais tarde dos seus filhos.

Pode surgir ocasião de renunciar a este amor, arrancar seu “olho direito”. Mas é preciso em primeiro lugar que você tenha um olho -a criatura que não tenha um, que só chegasse a ter um ponto “fotosensível”, iria dar-se mal ao meditar sobre esse texto severo.

O patriotismo deste tipo não é naturalmente de forma alguma agressivo. Ele só pede que o deixem sozinho. Só se torna militante a fim de proteger aquilo que ama. Em qualquer mente dotada de um mínimo de imaginação, ele produz uma atitude positiva em relação aos estrangeiros. Como posso amar minha pátria sem compreender que outros homens, com o mesmo direito, amam a sua? Uma vez que você compreenda que os franceses gostam de café compiet da mesma forma que nós gostamos de toicinho com ovos ótimo para eles e vamos permitir que comam isso. A última coisa que desejamos é tornar todos os outros lugares iguais ao nosso lar.

Ele não seria um lar a não ser que fosse diferente.

Um segundo ingrediente é uma atitude particular com relação ao passado de nosso país. Quero dizer, esse passado que vive na imaginação popular; os grandes feitos de nossos ancestrais. Lembre-se de Maratona. Lembre-se de Waterloo.

“E preciso que os que falam a língua de Shakespeare sejam livres ou morram”. Sente-se que esse passado tanto impõe uma obrigação como oferece uma segurança. Não devemos baixar o padrão estabelecido para nós por nossos pais, e por sermos seus filhos há uma boa chance de que não faremos isso.

Este sentimento não possui credenciais tão positivas quanto o puro amor pela terra natal. A verdadeira história de cada país está cheia de feitos tristes e até mesmo vergonhosos. As histórias de heroísmo, se tomadas como padrão, dão uma idéia errada dela e com frequência se prestam a sérias críticas históricas. Dessa forma o patriotismo baseado em nosso glorioso passado é presa fácil para o desiludido.

À medida que cresce o conhecimento ele pode romper-se e converter-se em cinismo desiludido, ou manter-se mediante o fechar voluntário dos olhos. Mas, quem pode condenar o que faz claramente muitas pessoas, em muitos momentos importantes, comportar-se tão acima da média, o que certamente não fariam sem a sua ajuda?

Penso que é possível fortalecer-se pela imagem do passado sem ser enganado nem envaidecido. A imagem se torna perigosa exatamente na proporção em que ela é aceita ou passa por um estudo sério e sistemático da História. As lendas são melhores quando transmitidas e aceitas como lendas. Não estou querendo dizer que devam ser passadas adiante como simples ficção (algumas delas no final de contas são verdadeiras). Mas a ênfase deve ficar na narrativa como tal, no quadro que incendeia a imaginação, o exemplo que robustece a vontade. O escolar que as ouve deveria sentir vagamente embora, como é lógico, não possa colocar isso em palavras - que está aprendendo uma saga.

Deixe que se entusiasme com os “Feitos que conquistaram o império”; mas quanto menos misturarmos isto com suas “lições de história” ou que seja tomado como uma análise séria - ou, pior ainda, uma justificação - da política imperial, tanto melhor. Quando eu era criança ganhei um livro cheio de gravuras coloridas chamado “A História de Nossa Ilha”. O título sempre me pareceu fazer soar justamente a nota certa.

O livro também não parecia absolutamente um compêndio escolar. O que me parece prejudicial, que gera um tipo de patriotismo pernicioso caso perdure, mas que provavelmente não dura muito no indivíduo adulto instruído, é o ensino a sério de uma história-pátria sabidamente falsa ou preconceituosa aos jovens. A lenda heróica mal disfarçada e impingida como fato no estudo da história. Com isto se insinua a suposição de que os outros países igualmente não possuem heróis; e talvez a crença - com certeza um grande erro em biologia - de que podemos “herdar” literalmente uma tradição. E isso leva inevitavelmente a uma terceira coisa que é algumas vezes chamada de patriotismo.

Essa terceira coisa não é um sentimento mas uma crença: uma crença firme e até mesmo prosaica de que nosso país, de fato, vem sendo há muito e continua a sê-lo, notavelmente superior a todos os demais. Aventurei-me a dizer certa vez a um velho clérigo que estava dando voz a este tipo de patriotismo: “Mas, senhor, não nos disseram que todo povo julga seus próprios homens os mais valentes e suas mulheres as mais belas em todo o mundo?” E ele replicou com toda gravidade, não poderia ter-se mostrado mais grave se estivesse recitando o Credo no altar: “Sim, mas na Inglaterra isso é verdadeiro”. Para ser sincero, esta convicção não fez de meu amigo (Deus dê descanso à sua alma) um vilão, apenas um velho asno extremamente digno de amor. Mas, ela pode também produzir asnos que escoiceiam e mordem.

Quando chega às raias da loucura talvez se transforme no popular Racismo, proibido igualmente pelo cristianismo e a ciência.

Surge agora o quarto ingrediente. Se nosso país está tão acima dos demais, pode ser dito então que ele tem ou os direitos ou os deveres de um ser superior em relação a eles. No Século Dezenove os ingleses se tornaram demasiado conscientes de tais deveres: “o fardo do homem branco”.

Os que chamávamos de nativos eram nossos tutelados e nós seus guardiães auto-nomeados. Mas nem tudo era hipocrisia nesta atitude. Nós realmente fizemos a eles algum bem.

Mas nosso hábito de falar como se o motivo de a Inglaterra adquirir um império fosse puramente altruísta repugnou o mundo. Isto mostrava, todavia, o sentimento de superioridade operando em sua melhor forma. Alguns países que também sentiram esse impulso, enfatizaram os direitos e não os deveres. Para eles, alguns dos estrangeiros eram tão maus que tinham o direito de

exterminá-los. Outros, que serviam apenas para cortar lenha e carregar água para o Povo Escolhido, seria melhor que continuassem em seus misteres.

Cães, conheçam os seus superiores!

Não quero de forma alguma sugerir que as duas atitudes se comparem. Mas ambas são fatais. Ambas exigem que a sua área de operações se alargue cada vez mais, e vemos nelas este sinal claro de perversidade: somente sendo terríveis evitam ser cômicas. Se não fosse pelos tratados infringidos pelos vermelhos, pelo extermínio dos tasmanianos, pelas câmaras de gás, etc., a pomposidade de ambos seria uma imensa farsa.

Chegamos finalmente ao estágio em que o patriotismo em sua forma demoníaca nega inconscientemente a si mesmo. Chesterton tomou duas linhas de empréstimo a Kipling como o exemplo perfeito. Isso foi desonesto para com Kipling, que sabia maravilhosamente para um homem tão apátrida quanto ele - o que o amor pela pátria significa. Mas as linhas citadas, isoladamente, resumem realmente a idéia:

“Se a Inglaterra fosse o que parece ser.

Quão depressa nos afastaríamos dela. Mas não é!”

O amor nunca falou dessa forma. É como amar nossos filhos “apenas se forem bons”, nossa esposa só enquanto mantiver sua aparência, nosso marido somente enquanto for famoso e tiver êxito na vida. “Homem algum”, disse um dos gregos, “ama sua cidade por ser grande, mas por ser sua”. O homem que realmente ama seu país, continuará a amá-lo através da ruína e da degeneração. “Inglaterra, com todas as tuas faltas, continuo a amar-te.” Ela será para ele “uma coisa pobre mas muito minha”. Pode julgá-lo bom e grande, quando isso não é verdade, porque o ama; a ilusão é perdoável até certo ponto. Mas o soldado de Kipling inverte a situação, ele julga a Inglaterra boa e grandiosa e a ama por isso, ele a ama devido a seus méritos, e seu orgulho é gratificado por fazer parte dela. E se deixasse de ser essas coisas?

A resposta é dada com toda clareza: “Quão depressa nos afastaríamos dela”. Quando o navio começar a submergir ele o abandona. Essa espécie de patriotismo que se inicia com o bater de tambores e desfraldar de bandeiras geralmente toma o caminho que leva a Vichy. Vamos encontrar de novo este fenômeno. Quando os amores naturais infringem a lei, eles não só prejudicam os demais amores; mas deixam eles mesmos de ser os amores que

costumavam ser, perdendo por completo sua condição.

O patriotismo possui então muitas faces. Os que desejam rejeitá-lo inteiramente não parecem ter considerado o que irá com certeza tomar o seu lugar, e que já começou a fazê-lo.

Ainda por muito tempo, ou talvez para sempre, as nações viverão em perigo. Os governantes precisam de alguma forma encorajar seus súditos a defendê-las ou pelo menos preparar-se para a sua defesa. Onde o sentimento de patriotismo foi destruído isto só pode ser feito apresentando todos os conflitos internacionais sob urna luz puramente ética. Se o povo não quiser dar nem o seu suor nem o seu sangue pelo “seu país”, eles devem ser então levados a sentir que estão fazendo isso por causa da justiça, da civilização, ou da humanidade. Este é um passo para baixo e não para cima. O sentimento patriótico não necessitaria, como é lógico, desconsiderar a ética. Homens bons precisaram ser convencidos de que a causa de seu país era justa; mas mesmo assim continuava sendo a causa do país e não da justiça como tal.

A diferença me parece importante. Sem qualquer sentimento de auto-retidão ou hipocrisia, eu posso defender minha casa pela força contra um ladrão. Mas se começar a pretender que dei-lhe um soco no olho puramente por questões morais - indiferente ao fato de a casa assaltada ser minha - tomo-me insuportável. A pretensão de que quando a causa da Inglaterra for justa estamos do lado dela - como algum Dom Quixote neutro poderia estar - só por essa razão, é igualmente espúria. E a falta de bom senso tira conclusões erradas desse conceito. Se a causa de nosso país é a causa de Deus, as guerras devem ser guerras de aniquilação. Uma falsa transcendência é concedida a coisas que são bem deste mundo.

A glória do antigo sentimento está no fato de que embora pudesse influenciar os homens a esforçar-se ao máximo, mesmo assim ele tinha consciência de que era na verdade um sentimento. As guerras podiam ser heróicas sem pretenderem passar por Guerras Santas. E a morte do herói não era confundida com a do mártir. Assim também, de maneira deliciosa, o que podia ser tão sério numa ação de retaguarda, em tempos de paz, poderia aceitar a si mesmo com toda a leveza como fazem no geral todos os amores felizes. Podia rir de si mesmo. Nossas velhas canções patrióticas não podem ser cantadas sem um brilho alegre nos olhos; as mais recentes se parecem



mais com hinos. Gosto muito mais dos “Granadeiros Britânicos” (com o seu tow-row-row-row) do que da “Terra de Esperança e Glória”.

Devemos notar que o tipo de amor que descrevi, assim como todos os seus ingredientes, pode envolver outras coisas além do país: a escola, o regimento, uma família grande, uma classe, mas as mesmas críticas são também aplicáveis.

Pode igualmente ser sentido por grupos que reivindicam mais do que uma afeição natural, por uma Igreja ou (que penal) por um partido na igreja, ou por uma ordem religiosa. Este assunto terrível exigiria um livro inteiro, mas basta dizermos aqui que a Sociedade Celestial é também uma sociedade terrena. Nosso patriotismo (simplesmente natural) em relação à última pode facilmente tomar de empréstimo as reivindicações transcendentais da primeira e usá-las para justificar os atos mais abomináveis. Se o livro que não vou escrever for um dia escrito, deve conter a plena confissão do cristianismo quanto à contribuição específica feita pelo mesmo para a soma da crueldade e traição humanas. Grandes áreas do “Mundo” não irão dar-nos ouvidos enquanto não tivermos repudiado muito de nosso passado. Por que deveriam fazê-lo? Gritamos a plenos pulmões o nome de Cristo, mas agimos a serviço de Moloque.

Talvez alguns pensem que eu não deveria terminar este capítulo sem dizer uma palavra sobre o nosso amor pelos animais. Mas esse assunto se enquadrará melhor no próximo. Quer os animais sejam dê fato sub-pessoais ou não, eles jamais são amados como se o fossem. O fato ou a ilusão da personalidade acha-se sempre presente, e o amor por eles é então na verdade um exemplo daquela Afeição que é o tema do próximo capítulo.

## **1. Afeição**

Começando com o mais humilde e mais largamente difundido de todos os amores, o amor em que nossa experiência mais se aproxima daquela dos animais. Deixe-me acrescentar imediatamente que não lhe confiro um valor menor por causa disso. Nada no homem piora ou melhora por ser partilhado com os animais. Quando culpamos um homem por não passar de um “simples animal”, não queremos dizer que demonstre características animais (pois todos o fazemos) mas que só exhibe essas, e apenas essas, nas ocasiões

em que as atitudes especificamente humanas eram exigidas.

(Quando o chamamos de “brutal”, geralmente indicamos que comete crueldades impossíveis aos verdadeiros brutos; eles não têm a sagacidade necessária).

Os gregos davam a este amor o nome de *storge* (duas sílabas). Vou chamá-lo aqui simplesmente de Afeição. Meu léxico grego define *storge* como “Afeição”, especialmente a dos pais pelos filhos; mas também a dos filhos pelos pais. E essa, não tenho dúvidas, é a forma original da coisa assim como o significado essencial da palavra. A imagem inicial é a da mãe amamentando uma criança, uma cadela ou uma gata com uma cesta de filhotes; todos amontoados, empurrando-se e guinchando ou miando; lambidas, ronronar, tatibitate, leite, calor, o cheiro da vida jovem.

A importância desta imagem é que ela nos apresenta logo no princípio uma espécie de paradoxo. A Necessidade e o amor-Necessidade dos recém-nascidos são óbvios; assim também o amor-Doação da mãe. Ela dá vida, dá o alimento, dá proteção. Por outro lado ela deve dar à luz ou morrer.

Deve amamentar ou sofrer. Dessa forma, a sua Afeição é também um amor-Necessidade. Vemos aí o paradoxo. Trata-se de um amor-Necessidade, mas o que ele precisa é dar.

Trata-se de um amor-Doação, mas precisa ser necessitado.

Teremos de voltar a este ponto.

Mesmo na vida animal, e mais ainda na nossa, a Afeição se estende muito além da relação entre a mãe e a criança.

Este conforto que aquece, esta satisfação na proximidade, abrange toda sorte de objeto. Ele é na verdade o menos discriminatório dos amores. Existem mulheres que já prevemos terão poucos cortejadores e homens que provavelmente terão poucos amigos. Nada têm a oferecer. Mas quase todos podem tornar-se objeto de uma Afeição; os feios, os estúpidos e até os exasperantes. Não é necessário que exista qualquer afinidade aparente entre aqueles a quem une. Já o vi manifestar-se em relação a um imbecil, não só por seus pais mas também por seus irmãos. Ele ignora as barreiras de idade, sexo, classe e educação. Pode existir entre um jovem universitário inteligente e uma velha enfermeira, embora suas mentes habitem mundos diversos. Ele ignora até mesmo a barreira das espécies. Nós o vemos não só entre cão e homem,

mas também, surpreendentemente, entre cão e gato. Gilbert White alega tê-lo descoberto entre um cavalo e uma galinha.

Alguns dos romancistas apanharam bem esta idéia. Num livro bastante conhecido, os dois personagens estão tão longe de unir-se por meio de qualquer comunhão de interesses e idéias que não podem conversar por dez minutos sem que surjam mal-entendidos; mas pode-se sentir que existe entre eles profunda afeição mútua. O mesmo acontece com Don Quixote e Sancho Pança, Pickwick e Sam Weller, Dick Swiveller e a Marquesa. Do mesmo modo, embora sem intenção consciente do autor, no livro “The Wind in the Willows”, o quarteto formado pela Toupeira, Rato, Texugo e Sapo sugere a surpreendente heterogeneidade possível entre aqueles que se acham ligados pela Afeição.

A Afeição porém possui seus próprios critérios. Seus objetos precisam ser familiares. Podemos às vezes precisar o dia e a hora exatos em que nos enamoramos ou começamos uma nova amizade, mas duvido que jamais saibamos quando começa uma afeição. Percebê-la é perceber que se achava presente há algum tempo. O uso da palavra “velho” como um termo afetuosos é significativo. O cão late para os estranhos que nunca lhe fizeram qualquer mal e sacode a cauda para os velhos conhecidos embora jamais lhe tenham feito qualquer bem. A criança pode amar um velho jardineiro carrancudo que quase não nota sua presença e guardar distância do visitante que faz tudo para atraí-la. Mas é preciso que seja um “velho” jardineiro, alguém que “sempre” esteve ali — o curto mais imemorial “sempre” da infância..

A Afeição como já disse é o amor mais humilde. Não se dá ares. As pessoas podem mostrar-se orgulhosas por estar enamoradas ou por causa de uma amizade. A Afeição é modesta - até mesmo tímida e envergonhada. Certa vez quando comentei sobre a afeição que se observa com freqüência entre cão e gato, um amigo replicou: “É verdade. Mas aposto que nenhum cão iria confessar isso a outro”. Esse é pelo menos um bom exemplo de grande parte da afeição humana.

“Os rostos feios devem ficar em casa”, diz Comus, e a afeição tem um rosto bem pouco atraente. O mesmo acontece com muitos daqueles por quem temos esse sentimento. Não é uma prova de nosso refinamento ou discernimento o fato de as amarmos, nem o de que elas nos amam. O que chamei de Amor Apreciativo não é um elemento básico da Afeição.

No geral é necessária a ausência ou a morte para que passemos a louvar aqueles a quem somente a Afeição nos prende.

Nós os tomamos por certos, e este sentimento, que seria uma afronta no amor erótico, é aqui correto e adequado até certo ponto. Encaixa-se na natureza confortável e tranqüila do sentimento.

A afeição não seria afeição se fosse ostentosa e expressa com freqüência; produzi-la em público é o mesmo que tirar nossa mobília de casa para uma mudança. Ela parecia adequada no lugar em que estava, mas se nos afigura envelhecida, espalhafatosa ou grotesca à luz do sol. A afeição quase que se esquia ou se infiltra em nossa vida. Ela faz parte das coisas privadas, humildes, como uma simples roupa de baixo. Chinelos macios, roupas velhas, velhas anedotas, o bater da cauda de um cachorro sonolento no chão da cozinha, o som da máquina de costura, uma boneca deixada no jardim.

Devo porém corrigir-me imediatamente. Estou falando da Afeição como ela é quando isolada dos outros amores.

Ela muitas vezes existe dessa forma; mas outras não. Como o gim não é uma bebida em si, mas também uma base para muitas misturas alcoólicas, a Afeição além de ser um amor em si mesma, pode penetrar os outros amores e colori-los inteiramente, tornando-se o próprio meio em que eles operam dia a dia. Eles talvez não se dessem muito bem sem ela.

Fazer um amigo não é o mesmo que tornar-se afeiçoado. Mas quando seu amigo se torna um velho amigo, todas aquelas coisas nele que inicialmente nada tinham a ver com a amizade se tornam familiares e queridas com a familiaridade.

Quanto ao amor erótico, não posso imaginar nada mais desagradável do que experimentá-lo por mais do que um breve período sem esta roupagem caseira da afeição. Seria uma condição muito constrangedora, demasiado angelical ou animada, cada uma por sua vez; jamais grande ou pequena o bastante para o homem. Existe sem dúvida uma atração peculiar, tanto na amizade como em Eros, naqueles momentos em que o Amor Apreciativo repousa, por assim dizer, adormecido, e o simples bem-estar e hábito do relacionamento (livre como a solidão, embora nenhum esteja sozinho) nos envolvem. Não há necessidade de palavras.

Não há necessidade de fazer amor. Necessidade alguma, de nenhum modo, exceto talvez de atçar o fogo.

Esta mescla e sobreposição dos amores é mantida diante de nós pelo fato de que na maioria das épocas e lugares, os três tiveram em comum, como sua manifestação, o beijo. Na Inglaterra moderna a amizade não faz mais uso dele, mas a Afeição e Eros o fazem. Pertence de tal modo aos dois que não podemos dizer quem o tomou de empréstimo ao outro, ou se houve na verdade empréstimo. Você pode mesmo dizer que o beijo da Afeição difere do de Eros. E verdade, mas nem todos os beijos entre amantes são beijos eróticos.

Ambos esses amores tendem, outrossim, a usar uma “linguagem própria” ou “fala infantil” (e isso embaraça o homem moderno). Não sendo isto peculiar à espécie humana. O Professor Lorenz nos contou que na época do acasalamento das gralhas os chamados entre elas “consistem principalmente de sons infantis reservados pelas aves adultas para essas ocasiões” (King Solomon’s Ring, pág. 158). Nós e os pássaros temos a mesma desculpa. Diferentes tipos de ternura são todos ternura e a linguagem da primeira ternura que conhecemos é repetida a fim de tomar o lugar da nova.

Um dos mais notáveis subprodutos da Afeição não foi ainda mencionado. Afirmo não tratar-se em primeiro lugar de um Amor Apreciativo. Ele não é discriminatório. Pode “acomodar-se” com as pessoas menos prometedoras. Todavia, por mais estranho que pareça, justamente este fato significa que em análise final ele pode tornar possíveis aquelas apreciações que talvez jamais existissem sem o mesmo. Podemos dizer, e com certa dose de verdade, que escolhemos nossos amigos e a mulher que amamos pelas suas várias qualidades beleza, franqueza, bondade, inteligência, sagacidade, etc. Mas era necessário que fosse uma certa qualidade de inteligência, de beleza, de bondade que apreciamos, e temos nosso gosto pessoal nesses aspectos. Essa a razão pela qual amigos e amantes sentem que foram feitos “um para o outro”. A glória especial da Afeição é que ela pode unir aqueles que mais enfaticamente, e até de maneira cômica, não o foram; pessoas que se não tivessem sido colocadas pelo destino na mesma casa ou comunidade, não teriam nada a ver uma com a outra. Se por causa disso surge uma Afeição naturalmente com frequência não acontece isso - os olhos começam a abrir-se. Quando passo a gostar de “fulano”, a princípio porque ele acontece estar ali, começo então a ver que “existe algo de bom nele” no final de contas..

No momento em que alguém diz, com sinceridade, que embora não seja “do meu tipo” ele é um bom sujeito “a seu modo” é um momento de libertação. Não sentimos isso, mas podemos apenas sentir-nos tolerantes e indulgentes.

Entretanto, na verdade, acabamos de cruzar uma fronteira.

Aquele “a seu modo” indica que estamos superando as nossas idiossincrasias, que estamos aprendendo a apreciar a bondade e a inteligência por si mesmas, e não simplesmente bondade e inteligência temperadas e servidas para agradar apenas ao nosso paladar.

“Cães e gatos deviam ser sempre criados juntos”, disse alguém, “isso ajuda a alargar a mente deles.” A Afeição alarga a nossa. De todos os amores naturais é o mais universal, menos afetado, mais amplo. As pessoas com quem você entra em contato na família, na escola, no restaurante, no navio, na casa religiosa, são deste ponto de vista um círculo mais amplo do que os amigos, por mais numerosos, que você fez no mundo exterior. Pelo fato de ter muitos amigos não provo possuir uma ampla apreciação da excelência humana. Você poderia igualmente dizer que provo a amplitude de meu gosto literário por gostar de todos os livros de minha biblioteca. A resposta é a mesma em ambos os casos:

“Você escolheu esses livros. Você escolheu esses amigos.

É natural que lhe agradem”. O gosto verdadeiramente amplo na leitura é aquele que capacita o homem a descobrir algo que supra as suas necessidades na banca de saldos de qualquer livraria onde se vendam livros de segunda-mão.

A apreciação verdadeiramente ampla pela humanidade irá igualmente encontrar algo de que gostar em qualquer grupo representativo da mesma que venha a encontrar diariamente. Em minha experiência é a Afeição que cria este gosto, ensinando-nos primeiro a notar, depois a tolerar, a sorrir, a gostar e finalmente a apreciar as pessoas que “acontece estarem ali”. Feitas para nós? Graças a Deus, não. São elas mesmas, mais estranhas do que teria acreditado e valendo muito mais do que pensávamos.

Aproximamo-nos agora do ponto perigoso. A Afeição, disse eu, não se dá ares; a caridade, disse Paulo, não se ensoberbece. A afeição pode amar os que não possuem atrativos; Deus e seus santos amam os que não são dignos de amor. A Afeição “não espera demasiado, fecha os olhos para as faltas, renova-se facilmente depois das discussões; a caridade também é longânime, é

bondosa e perdoa. A Afeição abre nossos olhos para a bondade que não teríamos visto nem apreciado não fosse por causa dela. O mesmo acontece com a santidade humilde.

Se nos limitássemos exclusivamente a essas semelhanças poderíamos ser levados a crer que a Afeição não é simplesmente um dos amores naturais mas o próprio Amor operando em nossos corações humanos e cumprindo a lei.

Estariam os romancistas vitorianos certos no final de contas?

O amor (desta espécie) é na verdade suficiente? As “afeições domésticas”, quando desenvolvidas num grau elevado e pleno, se identificam com a vida cristã? A resposta para todas essas perguntas é um redondo “não”.

Não me refiro simplesmente ao fato de esses romancistas terem algumas vezes escrito como se jamais tivessem ouvido falar do texto sobre “odiar” esposa e mãe e também a própria vida. Isso é naturalmente verdade. A rivalidade entre todos os amores naturais e o amor de Deus é algo que os cristãos não ousam esquecer. Deus é o grande Rival, o supremo objeto da inveja humana; aquela beleza, terrível como a de Górgona, que pode a qualquer momento roubar de mim (ou que a meu ver é um roubo) o coração da esposa, marido ou filha. A amargura da incredulidade de alguns, embora disfarçada até mesmo daqueles que a sentem em anti-clericalismo ou ódio da superstição, é na realidade devida a isso.

Não estou porém pensando no momento nessa rivalidade; teremos de enfrentá-la mais adiante. Nosso assunto presente é mais “terreno”.

Quantos desses “lares felizes” realmente existem? Pior ainda, os infelizes são infelizes por falta de Afeição? Penso não ser assim. Ela pode estar presente, causando a infelicidade. Quase todas as características deste amor são ambivalentes. Podem tanto trabalhar para o bem como para o mal.

Por si mesma, seguindo as suas próprias inclinações, ela pode turvar e degradar a vida humana. Os desiludidos e não-sentimentais não disseram toda a verdade sobre ela, mas tudo o que disseram é fato. Um sintoma disto talvez seja a odiosidade de quase todas aquelas melodias e poemas adocicados em que a arte popular expressa Afeição. São odiosos devido à sua falsidade, representando como uma receita já pronta para a felicidade (e até para a bondade) o que não passa apenas de uma oportunidade. Não existe qualquer insinuação de que teremos de fazer algo: basta permitir que a Afeição se

derrame sobre nós como um banho de chuveiro morno e tudo, fica implícito, estará bem.

A afeição, como vimos, inclui tanto o amor-Necessidade como o amor-Doação. Começo com a Necessidade, o desejo de ganhar a Afeição de outros.

Vejam agora uma razão clara porque este anseio, dentre todas as ambições humanas, facilmente se mostra o menos razoável. Já afirmei que quase todo mundo pode tornar-se um objeto de Afeição. E verdade, e quase todos esperam isso. O ilustre Sr. Pontifex no livro “The Way of all Flesh” fica zangado ao descobrir que seu filho não lhe tem amor; “não é natural” que um rapaz não ame seu próprio pai. Jamais lhe ocorreu perguntar, desde o primeiro dia de que o filho pode lembrar-se, se ele fez ou disse alguma coisa que pudesse gerar amor. Da mesma forma, no início do livro King Lear o herói é apresentado como um velho bem pouco digno de amor e devorado por uma enorme sede de Afeição.

Sinto-me impelido a fazer uso de exemplos literários porque você, o leitor, e eu, não vivemos na mesma vizinhança; se vivêssemos, não haveria infelizmente dificuldade em substituí-los por exemplos extraídos da vida real. Isso acontece todos os dias, e podemos ver porque. Todos sabemos que é preciso fazer algo, se não para merecer, pelo menos para atrair, o amor erótico ou a amizade. Mas a Afeição é no geral tida como sendo provida, já pronta, pela natureza; “embutida”, “imposta”, “por conta da casa”. Temos o direito de esperá-la. Se os outros não a derem são “anti-naturais”.

Esta suposição é sem dúvida a distorção de uma verdade.

Muito foi “embutido”. Por sermos da classe dos mamíferos, o instinto proverá, pelo menos um certo ponto, no geral bastante elevado, de amor maternal. Por sermos uma espécie social, a associação familiar proverá um ambiente em que, se tudo correr bem, a Afeição surgirá e se fortalecerá sem exigir qualidades brilhantes de seus objetos. Se nos for dada não será necessariamente concedida em proporção aos nossos méritos; talvez a obtenhamos sem grande dificuldade. De uma percepção indistinta da verdade (muitos são amados com Afeição muito superior aos seus méritos) o Sr. Pontifex tira a ridícula conclusão: “Portanto eu, mesmo sem merecer, tenho direito a ela”. Seria o mesmo que se, num plano muito superior, nós argumentássemos que pelo fato de homem algum ter direito merecido à Graça de Deus, eu, que não tenho mérito, tenho direito a ela. Não existe



questão de direitos em qualquer dos casos. O que temos não é o “direito de esperar” mas uma “esperança razoável” de sermos amados pelos nossos íntimos se nós, e eles, formos pessoas mais ou menos comuns.

Talvez, porém, não sejamos. É possível que sejamos intoleráveis. Se assim for a “natureza” trabalhará contra nós. Pois as mesmas condições de intimidade que tornam possível a Afeição também tornam possível - não menos naturalmente uma repulsa peculiarmente incurável; um ódio tão imemorial, constante, e quase inconsciente, como a forma correspondente de amor. Siegfried, na época, não podia lembrar-se de época alguma em que cada um dos resmungos, movimentos impacientes e o arrastar dos pés do seu enfezado pai adotivo não lhe fossem odiosos. Nós não percebemos este tipo de ódio, assim como de Afeição, no momento em que se inicia. Estavam sempre ali antes. Note que velho tanto um termo de ódio desgastado como de carinho:

“com seus velhos truques”, “do seu velho modo,” “a mesma velha coisa”.

Seria absurdo dizer que falta Afeição ao rei Lear. No que diz respeito à Afeição ser amor-Necessidade ele está meio louco com esse sentimento. A não ser que, à sua maneira, ele amasse suas filhas, não desejaria tão desesperadamente o amor delas. Os pais menos dignos de amor (assim como os filhos) podem estar cheios desse amor faminto. Mas ele opera em seu próprio detrimento e no de outros. A situação se torna sufocante. Se as pessoas já são indignas de amor, uma exigência contínua da parte delas (como se de direito) para serem amadas —seu senso manifesto de injúria, suas censuras, quer em voz alta e clamorosas ou simplesmente implícitas em cada olhar e cada gesto de auto-piedade ressentida— produzem em nós uma sensação de culpa (sendo essa a sua intenção) por uma falta que não poderíamos ter evitado e não deixaremos de cometer.

Elas selam a própria fonte em que desejam beber. Se algum dia, em algum momento favorável, qualquer germe de Afeição pelas mesmas despertar em nós, sua exigência crescente nos petrifica de novo. E, como é natural, tais indivíduos sempre desejam a mesma’ prova de nosso amor; devemos colocar-nos do seu lado, ouvir e partilhar toda a sua queixa contra alguém mais. Se meu filho realmente me amasse ele veria como seu pai é egoísta... se meu irmão me amasse tomaria meu partido contra minha irmã...

se você me amasse não permitiria que fosse tratado deste modo.

E o tempo todo eles não percebem onde se acha o caminho certo. “Se quer ser amado, seja digno de amor”, disse Ovídio. Aquele velho e alegre réprobo queria dizer apenas:

“Se quer atrair as garotas, seja atraente”, mas a sua máxima tem uma aplicação mais ampla. O galanteador era mais sábio em sua geração do que o Sr. Pontifex e o rei Lear.

O que realmente surpreende não é que essas exigências insaciáveis feitas por essas pessoas que não atraem amor sejam feitas algumas vezes em vão, mas que com frequência elas sejam satisfeitas. Vemos às vezes uma mulher que passou toda a infância, juventude, idade adulta, até quase a velhice, cuidando, obedecendo, acarinhando e talvez sustentando uma mãe exploradora, que nunca pode ser acariciada nem obedecida o suficiente. O sacrifício - existem porém duas opiniões a respeito - pode ser belo; mas a velha mulher que o exige não tem beleza alguma.

O caráter “embutido” ou não-merecido da Afeição, é então um convite a um medonho mal-entendido. Assim também a sua despreocupação e informalidade.

Ouvimos falar muito dos modos grosseiros da nova geração. Eu sou um velhote e poderia tomar o lado dos mais velhos, mas de fato me impressiono muito mais com os maus tratos dos pais em relação aos filhos do que com a atitude contrária. Quem já não ficou constrangido ao participar de uma refeição em família onde o pai ou a mãe trataram o filho crescido com uma incivilidade tal que se fosse aplicada a qualquer outro jovem teria terminado o relacionamento?

Afirmativas dogmáticas sobre assuntos que os filhos entendem e não os mais velhos, interrupções rudes, contradições manifestas, ridicularizar coisas que os jovens levam a sério - algumas vezes a religião deles - referências insultuosas a seus amigos tudo isso fornece uma resposta à pergunta:

“Por que estão sempre fora de casa? Por que gostam muito mais da casa dos outros que da sua?” Quem não prefere a civilidade ao barbarismo?

Se você perguntasse a uma dessas pessoas intoleráveis - nem todas são

pais, naturalmente - porque se comportavam dessa forma em casa, responderiam: “Oh, diabos me carreguem, entro em casa para descansar. Ninguém pode ser bem educado todo tempo. Se um homem não pode ser ele mesmo dentro de casa, onde poderá? Á0á7 claro que não exigimos maneiras formais quando estamos em família. Somos felizes. Podemos dizer qualquer coisa uns aos outros.

Ninguém se importa. Todos somos compreensivos.”

Mais uma vez isso está tão perto. da verdade e ao mesmo tempo tão fatalmente errado. A Afeição é algo ligado a roupas velhas, conforto, momentos descuidados, liberdades que seriam descortesias se tomadas com um estranho.

Mas roupas velhas são uma coisa, e usar a mesma camisa até cheirar mal seria outra muito diferente. Existem trajes adequados para uma festa, mas as roupas de casa devem ser também apropriadas, embora diferentes. Assim também existe uma distinção entre a cortesia pública e a doméstica.

O princípio em que ambas se baseiam é o mesmo: “que ninguém dê preferência a si mesmo”. Mas quanto mais pública a ocasião, tanto mais nossa obediência a este princípio tem sido formalizada.

Existem “regras” de etiqueta. Quanto mais íntima a ocasião, tanto menores as formalidades; não sendo porém menor a necessidade de cortesia. Pelo contrário, a Afeição em sua melhor forma pratica um tipo de cortesia incomparavelmente mais sutil, sensível e profundo do que o público.

Em público um ritual serviria. Em casa é preciso que haja a realidade representada por esse ritual, ou então veremos o triunfo estrondoso do maior egoísta. Você não deve de modo algum favorecer a si mesmo; na festa basta ocultar a preferência. Surgiu daí o velho provérbio “venha viver comigo para conhecer-me”. As maneiras do indivíduo em família revelam em primeira mão o verdadeiro valor de seu comportamento em “Sociedade” ou “de Festa”. Os que deixam suas boas maneiras para trás quando entram em casa, ao sair de uma festa ou reunião, na verdade não eram cortesias nem ali, pois simplesmente imitavam os que sabiam comportar-se.

“Podemos dizer qualquer coisa uns para os outros.” A verdade subjacente é que a Afeição em sua melhor forma pode dizer o que a Afeição em sua melhor forma quer dizer, sem levar em conta as regras que governam a etiqueta em público, pois a Afeição em sua melhor forma não deseja nem

ferir, nem humilhar, nem dominar. Você pode chamar a esposa de seu coração de “Esponja!” quando ela toma inadvertidamente tanto o seu drinque como o dela. Pode caçoar da história que seu pai vem contando repetidamente. Pode arreliar, pregar peças e provocar. Pode até dizer: “Cale a boca, agora quero ler”. Pode fazer tudo com o tom de voz certo e na hora oportuna o tom e o momento que não irão ferir nem têm essa intenção.

Quanto melhor a Afeição tanto mais saberá quais são eles (todo amor tem a sua arte de amar). Mas o tipo em questão está querendo dizer algo muito diferente quando reivindica liberdade para dizer “tudo”. Por ter uma espécie de Afeição muito imperfeita, ou talvez nenhuma naquele momento, ele se arroga o direito de tomar liberdades que apenas a Afeição mais completa pode reclamar ou sabe como controlar. Faz então uso delas maliciosamente em obediência aos seus ressentimentos; ou desapiedadamente segundo o seu egoísmo; ou pelo menos estupidamente, pois lhe falta a arte necessária. E todo o tempo sua consciência se mantém tranqüila.

Ele sabe que a Afeição toma liberdades. Ele toma liberdades.

Portanto (conclui), está sendo afetuosos. Ressinta-se de qualquer coisa e lhe dirá que a imperfeição no amor está do seu lado. Fica ferido. Sente-se incompreendido.

Vinga-se então, mantendo-se à distância e afetando uma atitude de exagerada “polidez”. A implicação é naturalmente esta: “Há! não somos então íntimos? Devemos comportar-nos como simples conhecidos? Eu esperava... mas não tem importância. Faça como quiser”. Isto ilustra muito bem a diferença entre a cortesia íntima e a informal. O que se adapta perfeitamente a uma pode ser uma infração da outra. Mostrar-se à vontade e íntimo quando apresentado a uma pessoa estranha e importante é uma quebra de etiqueta; praticar em casa maneiras formais (“maneiras públicas em lugares privados”) é — e sempre pretendeu ser — falta de boas maneiras. Encontramos um delicioso exemplo de boas maneiras domésticas no livro *Tristram Shandy*. Num momento singularmente inoportuno o Tio Toby se põe a falar de seu tema favorito: a fortificação. “Meu Pai”, perdendo pela primeira vez a calma, interrompe violentamente; mas, a seguir, vê a face do irmão; a fisionomia indefesa de Toby, profundamente ferido, não por ter sido desdenhado, jamais pensaria nisso, mas pelo desprezo à nobre arte. Meu Pai se arrepende na hora, desculpando-se, e acontece uma reconciliação total. O Tio Toby, para mostrar quão completo é o seu perdão, e que não vai esconder-se por trás de sua

dignidade ferida, retorna calmamente à sua palestra sobre as fortificações.

Não tocamos porém ainda nos ciúmes. Suponho que ninguém mais acredita que os ciúmes estão especialmente ligados ao amor erótico. Se alguém ainda crer nisso, o comportamento das crianças, dos empregados e dos animais domésticos, logo irá tirar-lhe essa ilusão. Toda espécie de amor, quase todo tipo de associação, está sujeita a eles.

Os ciúmes da Afeição se acham ligados de perto com a sua confiança no que é antigo e familiar. O mesmo se dá com a indiferença total ou relativa pela Afeição por parte do que chamo amor Apreciativo. não queremos que as “velhas fisionomias familiares” se tornem mais alegres ou mais belas, as velhas maneiras mudem para outras melhores, as velhas brincadeiras e interesses sejam substituídos por novidades excitantes. A mudança é uma ameaça para a Afeição.

Um irmão e uma irmã, ou dois irmãos - pois o sexo aqui não opera - crescem até uma certa idade partilhando tudo. Eles leram as mesmas revistas em quadrinhos, subiram nas mesmas árvores, foram juntos homens do espaço ou piratas, começaram e abandonaram no mesmo momento as coleções de selos. Então acontece uma coisa horrível. Um deles se distancia - descobre a poesia ou a ciência, a música erudita, ou talvez sofre uma conversão religiosa. Sua vida se enche com o novo interesse. O outro não pode partilhar da nova vida do irmão, ficando para trás. Duvido que até mesmo a infidelidade de uma esposa ou marido provoque uma sensação mais desagradável de abandono ou uma inveja mais forte do que uma situação assim pode causar. não se trata ainda de ciúmes dos novos amigos que o desertor irá logo fazer. Isso virá mais tarde.

O ciúme a princípio é da coisa em si — da ciência, da música, de Deus (sempre chamado de “religião” ou “toda essa religião” em tais contextos). O ciúme irá provavelmente expressar-se através de zombarias. O novo interesse é “tudo bobagem”, desprezivelmente infantil (ou desprezivelmente adulto), ou também o desertor não tem na verdade um interesse real — está apenas se mostrando, se exibindo. Tudo não passa de afetação. Logo mais os livros sairão de vista, os espécimes científicos serão destruídos, o rádio desligado na hora dos programas de música clássica; pois a Afeição é o mais instintivo e, nesse sentido o mais animal, dentre os amores, e o seu ciúme é feroz nessa

mesma proporção. Ele rosna e mostra os dentes como um cão de quem tiraram a comida. E por que não agir assim? Algo ou alguém roubou da criança que estou descrevendo seu sustento, seu segundo eu. O seu mundo desmoronou.

Não são porém apenas as crianças que reagem desse modo. Poucas coisas na vida rotineira de um país civilizado são mais demoníacas do que o rancor com que uma família de incrédulos se volta contra um de seus membros que se torna cristão, ou a família de pouca cultura contra aquele dentre os seus que mostra sinais de tornar-se intelectual não se trata, como cheguei a pensar, do ódio inato e, por assim dizer, desinteressado da escuridão pela luz. Uma família fiel que perde um de seus membros para o ateísmo nem sempre irá comportar-se melhor. E a reação comum a um abandono, a um roubo. Alguém ou algo roubou “nosso” filho ou filha. Aquele que era um de nós tornou-se um deles.

Que direito tinha alguém de fazer isso? Ele é nosso. Mas uma vez iniciada a mudança nesse sentido, quem sabe onde irá parar? (E nós tão contentes e acomodados antes e não fazendo nada para prejudicar ninguém!)

Outras vezes surge um ciúme dobrado, ou seja dois ciúmes inconsistentes que se sucedem um ao outro na mente do sofredor. De um lado a idéia: “Tudo isso é tolice, bobagem completa, pura tapeação”. Mas de outro: “Suponhamos - não pode ser, não deve ser - mas suponhamos que exista alguma verdade nisso tudo?” Suponhamos que houvesse mesmo algo na literatura ou no cristianismo? E se o desertor tivesse realmente entrado num novo mundo que o restante de nós jamais tivesse suspeitado? Se for assim, que injustiça! Por que ele? Por que essa porta não se abriu para nós?

“Uma menininha dessas, um rapaz insignificante como esse - alcançando oportunidades negadas a seus maiores?” E como isso é claramente incrível e insuportável, a inveja volta à hipótese: Tudo não passa de tolice”.

Os pais nesta situação acham-se muito melhor equipados para enfrentá-la do que os irmãos e irmãs. Os filhos não conhecem o seu passado. Qualquer que seja o novo mundo do desertor, podem sempre alegar que já passaram por ele e saíram do outro lado. “não é mais do que uma fase”, dizem eles, “vai passar”. Nada poderia ser mais satisfatório. E uma declaração sobre o futuro que não pode ser então refutada.

Ela fere, mas por ser dita com tanta indulgência fica difícil ressentir-se da mesma. Mais ainda, os mais velhos parecem realmente crer nela, e pode finalmente resultar verdadeira; não sendo culpa deles se isso não acontecer.

“Menino, essas suas loucuras vão quebrar o coração de sua mãe.” Esse apelo eminentemente vitoriano pode ter sido no geral verdadeiro. A Afeição ficava profundamente ferida quando um dos membros da família saía do caminho conhecido para algo pior - jogo, bebida, mulheres. Infelizmente é, da mesma forma, possível quebrar o coração da mãe por superar o ethos doméstico. A tenacidade conservadora da Afeição opera dos dois lados. Pode ser equivalente àquele tipo de educação suicida que refreia a criança promissora porque os vadios e estúpidos poderiam ficar “feridos” se ela passasse para uma classe mais adiantada.

Todas essas perversões da Afeição estão principalmente ligadas à mesma como um amor-Necessidade, embora como amor-Doação ela tenha também as suas perversões.

Estou pensando na Sra. Fidget que morreu há alguns meses. E realmente assombroso como a sua família melhorou. O ar sombrio desapareceu do rosto do marido dela, e ele começou a aprender a rir. O filho mais novo que sempre julguei uma criatura amarga, rabugenta, tem-se mostrado muito humano. O mais velho que nunca estava em casa senão para dormir, pode ser visto quase sempre ali e começou a lidar no jardim. A filha, sempre tida como “delicada” (embora eu nunca chegasse a saber por que razão), está tendo agora as lições de equitação que lhe foram proibidas, dança a noite inteira e joga tênis à vontade. Até o cachorro que jamais saía exceto na corrente, é hoje um membro conhecido do Clube dos Postes na rua deles.

A Sra. Fidget dizia com frequência que vivia para a família e isso era verdade. Todos na vizinhança sabiam disso.

“Ela vive para a sua família”, diziam, “que exemplo de esposa e mãe!” Lavava toda a roupa, embora mal lavada; como tinham recursos para chamar uma lavadeira, repetidamente lhe pediam para não fazer isso, mas em vão. Havia sempre almoço quente para quem estivesse em casa e uma refeição quente à noite (mesmo no verão). Eles imploravam que abandonasse esse hábito (protestavam quase com lágrimas nos olhos, dizendo que preferiam comida fria. E estavam falando a verdade). Mas de nada valiam os protestos.

Ela sempre ficava acordada para dar as “boas vindas” a quem chegava tarde; duas ou três da manhã, não fazia diferença.

Você sempre encontrava aquela fisionomia frágil, pálida e cansada à sua espera, como uma acusação silenciosa. O que significava naturalmente que não lhe era possível sair com muita frequência, em nome da decência.

Também estava sempre fazendo coisas, sendo em sua própria opinião (não posso ser juiz nisso) uma perita costureira amadora e grande tricoteira. A não ser que você fosse um bruto sem coração precisava usar essas coisas. (O vigário me contou que depois de sua morte, as contribuições feitas pela família para os “bazares de caridade” em matéria de roupas superaram as de todos os outros paroquianos juntos).

E os cuidados com a saúde deles! Era ela quem carregava todo o peso da “delicadeza” da filha. O médico - um amigo antigo, pois os gastos não eram feitos através de qualquer convênio de saúde - jamais teve permissão para discutir o assunto com a paciente. Depois de examiná-la sumariamente, era levado a um outro aposento pela mãe. A menina não podia ter preocupações, nenhuma responsabilidade pela sua saúde. Só cuidados cheios de amor, carícias, comidas especiais, vinhos tônicos repugnantes e café na cama. Pois a Sra. Fidget, como afirmava repetidamente, “se mataria” pela família. Ninguém podia impedi-la. Eles também não podiam, sendo pessoas decentes, ficar sentados observando. Tinham de ajudar. Na verdade estavam sempre tendo de ajudar. Isto é, faziam coisas que a auxiliassem a ajudá-los, coisas que não queriam que fossem feitas. Quanto ao querido cachorro, era para ela, como dizia, como um dos filhos. E ele era de fato como um deles, na medida em que ela conseguia fazê-lo conformar-se, mas como ele não tinha escrúpulos saía-se melhor do que os demais e embora vacinado, alimentado e confinado ao máximo ele conseguia às vezes chegar até a lata de lixo ou até o cachorro do vizinho.

O vigário disse que a Sra. Fidget repousa agora em paz. Esperemos que sim. O que é certo é que sua família está em paz.

E fácil ver como a sujeição a este estado é, por assim dizer, congênita no instinto maternal. Como vimos, este é um amor-Doação, mas que precisa ser dado; portanto, precisa ser necessitado. Entretanto, o objetivo adequado da dádiva é colocar o recipiente numa condição tal que ele não mais necessite de nossa doação. Alimentamos as crianças a fim de que logo possam comer



sozinhas. Nós as ensinamos para que dentro em breve possam prescindir desse ensino.

Um fardo pesado é então imposto a este amor-Doação. Ele deve trabalhar no sentido de sua própria abdicação. Nosso alvo é nos tornar supérfluos. A hora em que pudermos dizer “não precisam mais de mim” é a nossa recompensa. Mas o instinto, por si só, não tem poder para cumprir esta lei. O instinto deseja o bem do seu objeto, mas não simplesmente isso; apenas o bem que ele pode dar. Um amor mais sublime, aquele que deseja o bem do objeto em si, qualquer seja a fonte desse bem, deve interferir ou domesticar o instinto antes que ele possa abdicar. E, como é lógico, ele sempre o faz. Mas quando isso não acontece, a voraz necessidade de ser necessário irá gratificar-se, seja mantendo o objeto em estado de carência permanente ou inventando para ele necessidades imaginárias. E isso é feito mais impiedosamente ainda porque julga (e de. um certo modo com razão) ser um amor-Doação e portanto se considera “desinteressado, generoso”.

Não são só as mães que podem fazer isto. Todas aquelas outras Afeições que, seja por derivação do instinto paternal ou por semelhança de função, precisam ser necessárias, podem cair na mesma armadilha.

A Afeição do patrono pelo protegido é uma delas. Na novela de Jane Austen, Ema quer que Harriet Smith tenha uma vida feliz; mas apenas o tipo de felicidade que a própria Ema planejou para ela. A minha profissão — a de professor universitário — é perigosa neste sentido. Se somos bons devemos estar sempre trabalhando em direção ao momento em que nossos, alunos estejam preparados para tornar-se nossos críticos e rivais. Devemos ficar satisfeitos quando esse momento chegar, como o mestre de esgrima fica feliz quando seu aluno consegue desarmá-lo. E muitos ficam mesmo.

Mas nem todos. Tenho idade bastante para lembrar-me da triste história do Dr. Quartz. Nenhuma universidade tinha um professor mais eficiente e dedicado. Ele se entregava inteiro a seus alunos, deixando em quase todos eles uma lembrança indelével, sendo objeto de bem merecida veneração por parte dos mesmos. Como é natural, eles continuavam a visitá-lo alegremente mesmo depois de terminada a sua relação de mestre e aluno. Faziam-lhe visitas à noite e tinham com ele interessantíssimas discussões. Mas, coisa curiosa, este relacionamento nunca durava. Mais cedo ou mais tarde — poderia ser dentro de alguns meses ou poucas semanas — chegava a noite

fatal em que batiam à sua porta, sendo informados de que o Doutor estava ocupado. Depois disso ele nunca mais os recebia, banindo-os por completo. Isto acontecia porque no último encontro se mostravam rebeldes, afirmando sua independência, contradizendo o mestre e sustentando seu ponto de vista, talvez sem êxito. Ao enfrentar aquela independência que ele havia trabalhado para produzir e que era seu dever produzir caso possível, o Dr. Quartz não podia suportá-la. Wotan se esforçara para criar um Siegfried livre, mas ao ver-se frente a frente com ele, perdeu a calma. O Dr. Quartz era um homem infeliz.

Esta terrível necessidade de ser necessário com freqüência encontra a sua válvula de escape amimando um animal.

Dizer que alguém “gosta de animais” revela muito pouco até que saibamos de que modo, pois existem dois deles. De um lado, o animal doméstico mais elevado é, por assim dizer, uma “ponte” entre nós e o resto da natureza. Todos nós sentimos às vezes nosso isolamento humano do mundo sub-humano. A atrofia do instinto gerada pela nossa inteligência, o excesso de consciência de nossa própria pessoa, as inúmeras complexidades de nossa situação, nossa incapacidade de viver no presente. Se apenas pudessemos atirar tudo para o alto! não podemos, e, incidentalmente, não podemos tornar-nos animais. Mas podemos estar com um deles. É bastante pessoal dar à palavra com um significado real; mas ela permanece em sua maior parte um aglomerado inconsciente de impulsos biológicos. Tem três pernas no mundo da natureza e uma no nosso. É um elo, um embaixador. Quem não gostaria, como afirma Bosanquet, “de ter um representante na corte de Pan”? O homem com um cão fecha uma brecha no universo. Mas os animais são naturalmente usados de um modo mais negativo com freqüência. Se você precisa ser necessário e se sua família, muito adequadamente, se nega a fazer isso, um animal de estimação é o substituto óbvio.

Você pode mante-lo a vida inteira dependente de sua pessoa. Pode mante-lo permanentemente infantil, reduzi-lo à invalidez permanente, impedi-lo de gozar de todo e qualquer conforto animal, e compensar isso criando necessidades para uma série enorme de pequenas indulgências que só você pode conceder. A infeliz criatura se torna então muito útil para o restante da família. Ela funciona como um dreno você está ocupado demais estragando a vida de um cachorro para poder estragar a deles.

Os cães são melhores para isso do que os gatos. O macaco, me

disseram, é o melhor de todos, sendo também mais parecido com a coisa real. É certo que isso não é nada bom para o coitado do bicho, mas ele provavelmente não compreende a extensão do mal que você lhe faz. Melhor ainda, você nunca saberia se ele compreendesse. O ser humano mais pisado, quando chega ao final de sua resistência, pode um dia deixar escapar uma terrível verdade, mas os animais não falam.

Os que dizem “quanto mais convivo com os homens mais gosto de cachorros” — os que encontram nos animais um alívio das exigências do convívio humano, devem ter o cuidado de analisar sua real motivação.

Espero que não me compreendam mal. Se este capítulo levar alguém a duvidar que a falta de “Afeição” natural é uma extrema depravação, eu terei falhado. Também não questiono o fato de a Afeição ser responsável por nove décimos de toda felicidade sólida e durável em nossa vida natural. Irei portanto simpatizar com aqueles cujo comentário sobre as últimas páginas for mais ou menos este: “ Naturalmente. Essas coisas acontecem. As pessoas egoístas ou neuróticas têm o poder de torcer qualquer coisa, até o amor, transformando-a em miséria ou exploração. Mas, por que enfatizar esses casos doentios? Um pouco de bom senso, um pouco de reciprocidade, irá evitar sua ocorrência entre pessoas decentes”. Mas, em minha opinião, este comentário precisa ser comentado.

Em primeiro lugar, o termo neurótico: não penso que veremos as coisas mais claramente se classificarmos todas essas condições maléficas da Afeição como patológicas.

Existem sem dúvida condições patológicas que tornam difícil ou praticamente impossível resistir à tentação de agir dessa forma. Tais pessoas devem ser encaminhadas ao médico o mais depressa possível. Mas acredito que quem for sincero consigo mesmo irá admitir que sentiu tais tentações.

A sua ocorrência não é uma doença; ou, se for, o seu nome é Homem Decaído. Nas pessoas comuns o fato de ceder a elas (e quem não cede às vezes) não é uma enfermidade, mas pecado. A orientação espiritual será de maior ajuda nesses casos do que o tratamento médico. A medicina se esforça para restaurar a estrutura “natural” ou a função “normal”. Mas a cobiça, o egoísmo, o auto-engano e a auto-piedade não são inaturais ou anormais no mesmo sentido que o astigmatismo ou um rim flutuante. Pois quem, em nome do céu, poderia descrever como natural ou normal o homem que não

possuísse tais falhas? “Natural”, se quiser, num sentido muito diverso; arquinatural, não-decaído. Só vimos um Homem assim. E Ele não; se adaptava de forma alguma à idéia do cidadão integrado, equilibrado, ajustado, feliz no casamento, empregado e popular, apresentada pelos psicólogos. Você não pode de modo algum ser muito bem “ajustado” ao seu mundo se lhe disserem que “tem demônio” e terminarem pregando-o nu numa estaca de madeira.

Em segundo lugar, o comentário em sua própria linguagem admite exatamente aquilo que estou tentando dizer.

A Afeição produz felicidade se - e apenas se - houver bom senso, decência e reciprocidade. Em outras palavras, apenas se algo mais além da Afeição for acrescentado. O simples sentimento não basta. Você precisa de “senso comum”, isto é, raciocínio. Precisa de “reciprocidade”; isto é, de justiça, estimulando continuamente a simples Afeição quando ela desaparece e restringindo-a quando se esquece ou quer desafiar a arte do amor. Você precisa de “decência”. não se pode disfarçar o fato de que isto significa bondade, paciência, abnegação, humildade, e a intervenção contínua de um tipo mais elevado de amor do que a Afeição em si mesma jamais poderá ser. E isso é tudo. Se tentarmos viver pela Afeição ela irá mostrar-se como um sentimento negativo. Quão negativo, creio que raramente reconhecemos.

Será que a Sra. Fidget não percebia absolutamente as incontáveis frustrações e misérias que infligia à sua família? Difícil de acreditar. Ela sabia muito bem. Também tinha plena noção que a noite de qualquer dos membros ficaria completamente estragada ao pensar que ao voltar para casa a encontraria à sua espera, ociosa, acusadoramente “acordada por sua causa”; mas continuava essas práticas porque se as deixasse teria de enfrentar a realidade que estava decidida a ignorar: saber que não era necessária. Esse é o primeiro motivo. A própria operosidade da sua vida silenciava 25 dúvidas secretas quanto à qualidade do seu amor. Quanto mais seus pés queimavam e suas costas doíam, tanto melhor, pois esse sofrimento lhe sussurrava ao ouvido: “Como devo amá-los se faço tudo isso!” Esse o segundo motivo..

Penso que existe um plano ainda inferior. A falta de apreciação por parte das pessoas, aquelas palavras terríveis, ofensivas - qualquer coisa “fere” uma Sra. Fidget - com que pediam que mandasse lavar fora a roupa, a capacitavam a sentir-se explorada, e portanto a manter-se constantemente

queixosa, gozando os prazeres do ressentimento. Se alguém disser que não conhece esses prazeres só pode estar mentindo ou é um santo. Na verdade são prazeres apenas para os que sentem ódio. Mas um amor como o da Sra. Fidget contém uma boa dose de ódio. Foi com respeito ao amor erótico que o poeta romano declarou: “amo e odeio”, mas outras espécies de amor admitem a mesma combinação de sentimentos. Trazem consigo as sementes do ódio. Se a Afeição tornar-se a soberana absoluta de uma vida as sementes germinarão. O amor, tornando-se deus, transforma-se em demônio.

## **2. A Amizade**

Quando a Afeição ou Eros é o nosso tema, já encontramos ouvintes preparados. A importância e beleza de ambos têm sido enfatizadas e quase exageradamente repetidas.

Mesmo os que gostariam de descartá-las reagem conscientemente contra essa tradição laudatória, e até esse ponto, são influenciados por ela. Mas bem poucas pessoas hoje julgam a Amizade um amor comparável a eles ou mesmo um amor em qualquer sentido.

Não posso lembrar-me de qualquer poema ou romance que a tenha celebrado, desde que In Memoriam foi escrito. Tristão e Isolda, Antônio e Cleópatra, Romeu e Julieta, possuem muitos equivalentes na literatura moderna: Davi e Jônatas, Pilades e Orestes, Roland e Oliver, Amis e Amile, porém não os possuem. Para os antigos, a Amizade parecia o mais feliz e humano de todos os amores. A coroa da vida e a escola da virtude. O mundo moderno, em comparação, a ignora. Admitimos naturalmente que além da esposa e da família o homem precisa de alguns “amigos”. Mas o próprio tom da admissão e a espécie de relações que tais pessoas descreveriam como “amizade” são suficientes para mostrar que o sentimento de que falam tem pouco a ver com aquela Philia que Aristóteles classificou entre as virtudes ou a Amicitia sobre a qual Cícero escreveu um livro. Trata-se de algo puramente marginalizado, e não um prato principal no banquete da vida; uma diversão, algo que preenche as brechas em nosso tempo. Como isto aconteceu?

A primeira e óbvia resposta é que poucos lhe dão valor, porque são raros os que a experimentam. E a possibilidade de atravessar a vida sem passar por essa experiência está enraizada no fato que separa tão agudamente

a Amizade dos dois outros amores. A Amizade, num sentido que não a deprecia de modo algum, é o menos natural de todos os amores; o menos instintivo, orgânico, biológico, gregário e necessário. Ela tem menos a ver com nossos nervos; não há nada de gutural no que lhe diz respeito, nada que acelere o pulso, faça você ficar vermelho ou empalidecer. Acontece essencialmente entre indivíduos. No momento em que duas pessoas se tornam amigas, elas de uma certa forma se isolam das demais. Sem Eros nenhum de nós teria sido gerado e sem a Afeição ninguém teria sido criado; mas podemos viver e procriar sem a Amizade.

A espécie, considerada biologicamente, não tem necessidade dela. O grupo ou rebanho - a comunidade - pode até repeli-la e suspeitar da mesma. Os seus líderes no geral fazem isso. Os diretores e diretoras de escolas, os administradores de comunidades religiosas, os capitães de navios, podem sentir-se preocupados quando surgem amizades fortes entre pequenos grupos de seus agregados.

Esta qualidade “não natural” (para dar-lhe um nome) da Amizade ajuda a explicar por que era exaltada nos tempos antigos e medievais e perdeu sua posição de destaque nos nossos. O conceito mais profundo e permanente dessas idades era ascético e de renúncia ao mundo. A natureza, as emoções e o corpo eram temidos como representando perigo para a alma, e desprezados como degradações de nossa condição humana. Como é inevitável, o tipo de amor mais apreciado passou a ser aquele que parecia independer ou até desafiar a simples natureza. A Afeição e Eros estavam ligados aos nossos nervos com demasiada evidência, indicando uma associação óbvia demais com os brutos. Você podia sentir através deles os puxões em suas entranhas e o alvoroço em seu diafragma. Mas na Amizade, nesse mundo tranquilo, luminoso, racional dos relacionamentos livremente escolhidos, era possível escapar de tudo isso. Apenas este, dentre todos os amores, parecia elevá-lo ao nível dos deuses ou anjos.

Veio então o Romantismo e a “tragicomédia” e a “volta à natureza” e a exaltação dos Sentimentos; seguindo-se a eles aquela imensa maré de emoções que, embora geralmente criticadas, duram até hoje. E por fim a exaltação dos instintos, os deuses sombrios no sangue; cujos hierofantes (sacerdotes) podem ser incapazes de amizades masculinas.

Sob esta nova dispensação, tudo o que antes recomendava este amor começou agora a operar contra ele. Não possuía sorrisos lacrimosos, lembranças nem falas infantis suficientes para agradar os sentimentalistas. Não havia nele sangue e vísceras em quantidade suficiente para atrair os primitivistas. Parecia magro e estiolado; uma espécie de substituto vegetariano para os amores mais orgânicos.

Outras causas também contribuíram. Para aqueles - e estes constituem agora a maioria - que vêem a vida humana simplesmente como um desenvolvimento e complicação da vida animal, todas as formas de comportamento que não evidenciam uma origem animal e o valor da sobrevivência são suspeitas. Os testemunhos da Amizade não são muito satisfatórios. O conceito que valoriza a coletividade acima do indivíduo necessariamente também desacredita a Amizade; ela é uma relação entre homens em seu mais alto nível de individualidade. Isola os homens do “conjunto” como a própria solidão poderia fazê-lo; e mais perigosamente ainda, pois os isola em grupos de dois ou três. Algumas formas de sentimento democrático são naturalmente contrárias a ela por ser seletiva e um assunto restrito a uns poucos apenas.

Dizer, “Estes são meus amigos” é o mesmo que dizer, “Estes não são”. Por todas essas razões se alguém acreditar (como faço) que a antiga avaliação da Amizade era correta, ele não pode escrever um capítulo sobre o assunto exceto como uma reabilitação.

Isto faz cair sobre mim desde o início um trabalho bem cansativo de demolição. Tornou-se na verdade necessário em nossos dias refutar a teoria de que toda amizade firme e séria é realmente homossexual.

A palavra perigosa realmente é importante aqui. Dizer que toda Amizade é consciente e explicitamente homossexual seria obviamente demasiado falso; os sabichões se refugiam na acusação menos palpável de que ela é realmente, inconsciente e secretamente, homossexual. E isto, embora não possa ser provado, não pode naturalmente ser jamais refutado. O fato de que nenhuma evidência positiva de homossexualidade possa ser descoberta no comportamento de dois amigos não desconcerta em absoluto os sabidos: “Isso”, dizem balançando a cabeça, “é justamente o que se deveria esperar”. A própria falta de evidência é tomada como evidência; a ausência de fumaça

prova que o fogo foi cuidadosamente oculto, se é que existe. Mas é preciso provar primeiro a sua existência. De outro modo estaríamos argumentando como alguém que dissesse: “Se houvesse um gato invisível nessa cadeira, ela pareceria vazia; mas a cadeira parece vazia, portanto há um gato invisível nela”.

Uma crença em gatos invisíveis talvez não possa ser logicamente refutada, mas nos dá uma boa idéia das pessoas que a sustentam. Os que não podem conceber a Amizade como um amor substancial, mas apenas como um disfarce ou elaboração de Eros, atraíam o fato de que nunca tiveram um amigo. O restante de nós sabe que embora possamos ter amor erótico e amizade pela mesma pessoa, todavia, em um certo sentido, nada é menos semelhante à Amizade do que um caso de amor. Os amantes estão sempre falando um com outro sobre o seu amor; os amigos quase nunca falam de sua amizade. Os amantes no geral ficam se olhando, mutuamente absorvidos; os amigos, lado a lado, absorvidos em algum interesse comum. Acima de tudo, Eros (enquanto dura) fica necessariamente apenas entre duas pessoas. Mas dois, longe de ser o número necessário para a Amizade, não é nem sequer o melhor. E a razão para isto é importante.

Lamb diz em algum lugar que se dentre três amigos (A, B e C) , A morresse, então B perde não só A mas também a “parte de A em C”, enquanto C perde não A mas “a parte de A em B”. Em cada um de meus amigos existe algo que somente um outro amigo pode trazer plenamente à tona. Por mim mesmo não sou grande o bastante para fazer com que o homem total entre em atividade. Quero outras luzes além da minha para mostrar todas as suas facetas. Agora que Carlos morreu, jamais verei de novo a reação de Ronaldo a uma brincadeira especial de Carolina. Longe de ter mais de Ronaldo, de tê-lo “ para mim mesmo ” agora que Carlos se ausentou, tenho menos de Ronaldo. Assim sendo, a verdadeira Amizade é o menos ciumento dos amores. Dois amigos ficam contentes quando chega um terceiro e três quando o quarto se reúne a eles, basta que o recém-chegado tenha as necessárias qualificações para tornar-se um verdadeiro amigo. Eles podem dizer, como as almas abençoadas dizem em Dante: “Está chegando alguém que vai ampliar o nosso amor ”. Pois neste tipo de amor “dividir não é remover”. A escassez de almas afins (para não mencionar as considerações práticas sobre o tamanho dos aposentos e a audibilidade das vozes) naturalmente estabelece limites para a ampliação do círculo; mas dentro



desses limites possuímos cada amigo mais e não menos, à medida que aumenta o número daqueles com quem o partilhamos. A Amizade manifesta nisto uma gloriosa “proximidade por semelhança” ao próprio céu onde a multidão dos benditos (que homem algum pode contar) aumenta a fruição que cada um tem de Deus. Pois cada alma, vendo-o à sua maneira, sem dúvida comunica a todos os restantes essa visão singular.

Essa a razão, conforme um velho autor, por que os serafins na visão de Isaías clamam: “Santo, Santo, Santo” uns para os outros ( Isaías 6: 3). Quanto mais então dividirmos o Pão Celestial entre nós, tanto mais teremos.

A teoria homossexual parece-me assim praticamente implausível.

Isto não quer dizer que a Amizade e o Eros anormal jamais se combinaram. Certas culturas em certos períodos parecem ter-se inclinado à contaminação. Nas sociedades guerreiras julgo que isso era especialmente provável, insinuando-se esse tipo de relação entre o Guerreiro mais maduro e seu jovem pajem ou escudeiro. A ausência de mulheres enquanto se achavam nas frentes de guerra sem dúvida estava ligada ao problema. Ao decidir, caso julgemos que precisamos ou podemos decidir, onde ele se insinuou e onde não se insinuou, teremos de ser guiados certamente pela evidência ( quando houver) e não por uma teoria a priori. Beijos, lágrimas e abraços não são em si mesmos evidência de homossexualidade. As implicações seriam pelo menos demasiado cômicas. Hrothgar abraçando Beowulf, Johnson abraçando Boswell (uma dupla flagrantemente heterossexual) e todos aqueles cabeludos centuriões em Tácito, agarrando-se uns aos outros e suplicando um último beijo quando a legião se dissolveu ... todos “afeminados”?

Se pode crer nisso crerá então em tudo. De um ponto de vista histórico abrangente não são naturalmente os gestos demonstrativos de Amizade entre nossos ancestrais que exigem urna explicação especial e sim a ausência de tais gestos em nossa sociedade. Somos nós e não eles que estamos fora de compasso.

Afirmar que a Amizade era o menos biológico de nossos amores.

Tanto o indivíduo como a comunidade podem sobreviver sem ela. Existe, porém, uma outra coisa muito confundida com a Amizade, que é necessária à comunidade, a qual, embora não sendo esse sentimento, é a fonte dele.

Nas primeiras comunidades, a colaboração dos homens como caçadores ou guerreiros era tão necessária quanto a procriação e educação dos filhos. A tribo que não se dedicava a uma dessas atividades morria tão seguramente quanto aquela que não se aplicava à outra. Muito antes do início da história, os homens se reuniram em separado das mulheres e fizeram determinadas coisas. Tiveram de fazer. E gostar de fazer o que deve ser feito é uma característica que possui valor de sobrevivência. Não tínhamos apenas de fazer as coisas, precisávamos falar sobre elas. Tínhamos de planejar a caçada e a batalha. Depois de terminadas era necessário fazer uma autópsia e tirar conclusões para uso futuro. Gostávamos ainda mais disso. Zombávamos dos covardes e dos trapalhões ou os castigávamos, elogiando os que se destacavam.

Nós nos deliciávamos nos detalhes técnicos. (“Ele deveria ter sabido que não conseguiria chegar perto do bruto, não com o vento soprando daquele jeito”. . . “Veja, a ponta de minha flecha era mais leve, foi isso que ajudou”.... “O que eu sempre disse foi. . .” “dê o golpe deste jeito, está vendo?

Justamente como estou pegando este bastão”. . .). De fato, conversávamos sobre interesses comuns.

Gostávamos muito da companhia uns dos outros: os valentes, os caçadores, unidos pelas habilidades, perigos e dificuldades partilhados, brincadeiras esotéricas, longe das mulheres e crianças. Como disse alguém, o homem paleolítico pode ter tido ou não uma daga no ombro, mas com certeza tinha um clube. Fazia provavelmente parte de sua religião; como aquele clube sagrado de fumantes onde os selvagens no livro “Typee” de Melville ficavam “confortavelmente” reunidos todas as noites..

O que as mulheres faziam nessas horas? Como posso saber? Sou homem e jamais tentei devassar os mistérios delas. Com certeza realizavam rituais que excluía os homens.

Quando, como acontecia algumas vezes, a agricultura ficava em suas mãos, deveriam, como os homens, ter tido habilidades, trabalhos e triunfos comuns. O mundo delas todavia talvez jamais fosse tão enfaticamente feminino como o dos homens era masculino. As crianças ficavam com as mulheres e talvez também os velhos. Mas estou apenas conjecturando. Só posso traçar a pré-história da Amizade na linha masculina.

Este prazer na colaboração, nas conversas sobre os interesses comuns, no respeito mútuo e compreensão entre homens que observam diariamente as experiências vividas por uns e outros é biologicamente válida. Você pode, se quiser, considerá-la um produto do “instinto gregário”. Para mim, isso parece um modo complicado de chegar até algo que todos nós já entendemos melhor do que alguém jamais compreendeu a palavra instinto - uma coisa que está acontecendo agora em dezenas de alojamentos, bares, salões e clubes.

Prefiro chamá-lo de Companheirismo - ou Sociabilidade.

O Companheirismo é, porém, apenas a fonte da Amizade. Ele é no geral chamado de “Amizade” e muitas pessoas quando se referem a seus “amigos” estão falando apenas de seus companheiros. Não se trata entretanto de amizade no sentido que dou à palavra, embora não esteja com isso tentando de forma alguma depreciar a relação simplesmente sociável. Não depreciamos a prata ao distingui-la do ouro.

A Amizade surge do mero Companheirismo quando dois ou mais dos companheiros descobrem que têm em comum alguma percepção ou interesse ou mesmo gostos que os demais não partilham e que, até aquele momento, cada um acreditava ser o seu tesouro ou fardo especial. A expressão típica de um começo de Amizade seria algo como: “O quê?

Você também?

Pensei que eu fosse o único.” Podemos imaginar que entre aqueles primeiros caçadores alguns indivíduos - um em cada século? um em cada milênio? - viram o que os outros não viam; viram que o veado era tão belo quanto comestível, que a caça era tão agradável quanto útil, sonharam que seus deuses poderiam ser não só poderosos mas também santos. Mas enquanto cada uma dessas pessoas com percepção morrer sem encontrar uma alma afim, nada (suspeito eu) irá resultar disso. Nem arte, nem esporte nem religião espiritual irão surgir. É quando duas pessoas assim descobrem uma à outra, quando, seja com imensa dificuldade e hesitação, ou com o que nos parece uma rapidez surpreendente e elíptica, elas partilham a sua visão - nascendo assim a Amizade. E imediatamente ficam juntas numa imensa solidão.

Os amantes buscam privacidade. Os amigos encontram esta solidão ao seu redor, esta barreira entre eles e o rebanho, quer queiram quer não. Gostariam de reduzi-la, os dois primeiros apreciariam encontrar um terceiro.

Em nossos dias a Amizade surge do mesmo modo.

Como é natural, para nós a atividade partilhada e portanto o companheirismo em que a Amizade aparece não será no geral físico como a caça ou a luta. Pode ser uma religião comum, estudos, profissão e até um divertimento comum.

Todos os que partilharem dele serão nossos companheiros; mas um, ou dois, ou três que partilharem algo mais serão nossos amigos.

Neste tipo de amor, segundo Emerson, “Você me ama?” significa “Você vê a mesma verdade que eu?” ou, pelo menos, “Você está interessado na mesma verdade?” A pessoa que concorda conosco que alguma questão, pouco considerada por outros, tem grande importância, pode ser nosso amigo.

Ela não precisa concordar conosco quanto à resposta.

Note que a Amizade repete assim num nível mais individual e menos socialmente necessário o caráter do Companheirismo que foi a sua matriz. O Companheirismo era entre duas pessoas que faziam algo juntas - caçar, estudar, pintar, ou o que quiser. Os amigos continuarão fazendo algo em conjunto, mas algo mais íntimo, menos amplamente partilhado e mais dificilmente definido; ainda caçadores, mas de uma presa mais imaterial; ainda colaboradores, mas em uma obra desconhecida até então do mundo; ainda companheiros de viagem, mas num caminho diferente. Retrataríamos assim o amor face a face, mas os amigos lado a lado; com os olhos voltados para a frente.

Esse o motivo pelo qual aquelas criaturas patéticas que simplesmente “querem amigos” jamais descobrem algum. A própria condição de ter amigos é que deveríamos desejar algo além de Amigos. Onde a resposta sincera à pergunta:

“Você vê a mesma verdade?” fosse: “Não vejo nada e não me importo com a verdade; só quero um amigo”, não pode surgir Amizade - embora possa haver Afeição. Não haveria um terreno comum para a Amizade, e este

precisa existir neste caso, mesmo que seja um entusiasmo por jogar dominó ou por ratinhos brancos. Os que nada têm nada podem partilhar; os que não vão a lugar algum não podem ter companheiros de viagem.

Quando as duas pessoas que descobrem estar palmilhando a mesma estrada secreta são de sexos diferentes, a amizade que surge entre elas irá facilmente transformar-se - talvez depois da primeira meia hora - em amor erótico. De fato, a não ser que sejam repulsivos um ao outro fisicamente ou que um ou ambos já tenham outros compromissos, é quase certo que isso aconteça mais cedo ou mais tarde. E, inversamente, o amor erótico pode levar à amizade entre os amantes. Mas isto, longe de anular a distinção entre os dois amores, a coloca numa luz mais clara. Se alguém que era primeiro, num sentido profundo e pleno, seu amigo, revelar-se gradual ou repentinamente como seu amante, você não irá certamente partilhar com um terceiro o amor erótico do amado. Mas não terá ciúme algum em partilhar a amizade. Nada enriquece mais o amor erótico do que a descoberta de que o ente amado pode entrar numa amizade profunda, verdadeira e espontânea com os amigos que já possuíamos: sentir que nós dois não estamos apenas unidos pelo amor erótico, mas que nós três, ou quatro, ou cinco, somos viajantes em busca da mesma coisa, tendo todos a mesma visão.

A coexistência entre a Amizade e Eros pode ajudar também alguns modernistas a compreenderem que a primeira é realmente amor e um amor tão grande quanto Eros.

Suponhamos que você teve a felicidade de “apaixonar-se” e casar-se com seu Amigo. E suponhamos então que lhe oferecessem a escolha de dois futuros: “Ou vocês dois deixam de ser amantes, mas permanecem sempre buscando juntos o mesmo Deus, a mesma beleza, a mesma verdade, ou então, perdendo tudo isso, irão reter enquanto viverem os êxtases e entusiasmos, todo o esplendor e os desejos violentos de Eros. Escolha o que preferir.” O que escolheria?

Qual escolha não seria motivo de arrependimento depois de feita?

Salientei o aspecto “desnecessário” da amizade e isto requer naturalmente mais justificação do que já dei.

Poderia ser argumentado que as amizades têm valor prático para a comunidade. Toda religião civilizada teve início num pequeno grupo de

amigos. A matemática de fato começou quando alguns amigos gregos se reuniram para falar sobre números, linhas e ângulos. O que é agora a Sociedade Real não passava originalmente de urna reunião de cavalheiros em suas horas de lazer a fim de discutir coisas de que eles (e não muitos outros) gostavam. O que chamamos agora de “Movimento Romântico” não passava antes das conversas incessantes dos Srs. Coleridge e Wordsworth sobre uma visão secreta só deles. O comunismo, o tractarianismo, o metodismo, o movimento antiescravista, a Reforma, a Renascença, poderiam ser ditos sem grandes exageros que nasceram da mesma maneira.

Existe alguma, verdade nisso, mas quase todo leitor provavelmente julgaria alguns desses movimentos como sendo bons para a sociedade e outros maus. A lista inteira, se aceita, tenderia a mostrar na melhor das hipóteses que a Amizade é tanto um possível benfeitor como um possível perigo para a comunidade. E mesmo como benfeitor ela não teria tanto valor de sobrevivência como do que poderemos chamar “valor de civilização”; seria algo ( na frase de Aristóteles) que não auxilia a comunidade a viver e sim a viver bem. O valor de sobrevivência e o de civilização coincidem em alguns períodos e em algumas circunstâncias mas no em todos. O que em qualquer caso parece certo é que quando a Amizade produz fruto que possa ser usado pela comunidade, ela o faz acidentalmente, como um subproduto.

As religiões inventadas com um propósito social, como a adoração do imperador romano ou as modernas tentativas de “vender” o cristianismo como um meio de “salvar a civilização”, não têm muito resultado. Os pequenos grupos de amigos que voltam as costas ao “mundo” são aqueles que realmente o transformam. A matemática egípcia e babilônica era prática e social, aplicada a serviço da agricultura e da mágica. Mas a matemática livre dos gregos, utilizada pelos Amigos como um passatempo, veio a ser mais importante para nós.

Outros poderiam dizer também que a amizade é extremamente útil, talvez necessária para a sobrevivência do indivíduo.

Eles apresentam uma base autoritária: existe “amigo mais chegado do que um irmão”. Mas quando falamos dessa forma estamos usando a palavra amigo com o significado de “aliado”.

No uso comum, amigo significa, ou deveria significar, mais que isso. O

amigo irá de fato mostrar-se também um aliado quando uma aliança se torna necessária; irá dar ou emprestar quando temos necessidade, tratar de nós na doença, apoiar-nos contra os inimigos, fazer o que puder por nossas viúvas e órfãos. Mas tais bons ofícios não são a essência da Amizade. As ocasiões para eles são quase interrupções, sendo de um lado importantes e de outro não.

Importantes porque você seria um falso amigo se não os executasse quando necessário; irrelevantes porque o papel de benfeitor sempre permanece accidental, e até mesmo um pouco alheio, ao do amigo. É quase embaraçoso. Pois a amizade se acha completamente livre da necessidade que a Afeição tem de ser necessária. Estamos aborrecidos de que qualquer presente ou empréstimo ou vigília noturna tenha sido necessária - e agora, vamos esquecer tudo isso e voltar às coisas que realmente desejamos fazer ou sobre as quais queremos conversar juntos.

Nem mesmo a gratidão enriquece este amor. O invariável “Não há de que” expressa aqui aquilo que realmente sentimos. A marca da verdadeira amizade não é o fato de ser prestada ajuda na hora certa (pois naturalmente fará isso), mas, depois de feito isso, tudo é prontamente esquecido.

Foi uma interrupção, uma anomalia. Uma perda terrível do tempo, sempre tão curto, que podemos passar juntos. Nós talvez tivéssemos apenas algumas horas para conversar e, infelizmente, vinte minutos foram gastos com negócios.

Na verdade não queremos conhecer os negócios de nosso amigo. A amizade, diferentemente de Eros, não é inquisitiva.

Você se torna amigo de alguém sem saber ou se preocupar se ele é casado ou solteiro ou como ganha a vida. O que todas essas “coisas desprezíveis e rotineiras” têm a ver com a pergunta real: “Você vê a mesma verdade?” Num círculo de amigos verdadeiros cada homem é simplesmente o que é: não representa nada além dele mesmo. Ninguém se importa absolutamente com a família, profissão, classe social, renda, raça ou história prévia do outro. Você irá naturalmente ficar sabendo sobre a maior parte dessas coisas no final, mas casualmente. Elas virão aos poucos, para fornecer um exemplo ou uma analogia, para servir de ganchos para uma anedota, mas nunca por si mesmas. Essa a realza da amizade.

Nós nos reunimos como príncipes soberanos de Estados independentes, no estrangeiro, em um país neutro, livres de nossos próprios contextos. Este amor (essencialmente) ignora não só nossos corpos físicos mas também todo aquele conjunto que consiste de nossa família, emprego, passado e associações. Em casa, além de ser Pedro ou Janete, temos também um caráter geral; marido ou esposa, irmão ou irmã, chefe, colega ou subordinado. Mas não entre nossos amigos.

Trata-se de uma relação de mentes desembaraçadas ou despidas. Eros quer corpos nus, a Amizade personalidades nuas.

Dessa forma (se você não me interpretar mal) vemos a singular arbitrariedade e irresponsabilidade deste amor. Não tenho obrigação de ser amigo de ninguém e homem algum neste mundo é obrigado a ser meu amigo. Nenhuma reivindicação, nenhuma sombra de necessidade. A amizade é tão desnecessária quanto a filosofia, a arte, o próprio universo (pois Deus não precisava criar.). Ela não tem valor de sobrevivência; pelo contrário, é uma daquelas coisas que dá valor à sobrevivência.

Quando falei de amigos lado a lado ou ombro a ombro, estava apontando um contraste necessário entre a sua postura e a dos amantes que descrevemos como face a face. Não quero forçar a imagem além desse contraste. A busca ou visão comum que une os amigos não faz com que se absorvam um no outro de forma a permanecerem ignorantes ou esquecidos um do outro. Pelo contrário, esse é exatamente o meio em que seu amor e conhecimento mútuos existem. Ninguém conhece tão bem uma pessoa como um seu amigo. Cada passo na jornada comum testa a sua substância, e compreendemos muito bem esses testes porque estamos também nos submetendo a eles. Assim sendo, cada vez que é aprovado, nossa confiança, nosso respeito, nossa admiração florescem num Amor Apreciativo de um tipo singularmente robusto e bem informado. Se, no princípio, tivéssemos dado mais atenção a ele do que aquilo em que nossa amizade está envolvida, não teríamos chegado a conhecê-lo e amá-lo tanto.

Você não vai descobrir o guerreiro, o poeta, o filósofo ou o cristão se ficar olhando para ele como se fosse sua amante: é melhor lutar a seu lado, ler com ele, discutir e orar com ele.

Numa amizade perfeita este amor apreciativo é, penso eu,



frequêntemente tão grande e tão firmemente alicerçado que cada membro sente-se, em seu íntimo, humilhado diante dos demais. Algumas vezes se pergunta o que está fazendo ali entre seus melhores. Foi grandemente abençoado por estar em tal companhia. Especialmente quando o grupo está reunido, cada um trazendo à tona o que há de melhor, mais sensato, ou mais engraçado em todos os demais. Essas são as reuniões de ouro - quando quatro ou cinco de nós depois de um dia cansativo entramos na estalagem; quando pomos os chinelos, estendemos os pés para o fogo, com uma bebida ao lado; enquanto o mundo inteiro, e algo além do mundo, abre-se para as nossas mentes quando conversamos; e ninguém tem nada a reivindicar nem qualquer responsabilidade em relação a quem quer que seja, mas todos são igualmente homens livres e iguais como se tivéssemos nos encontrado pela primeira vez há uma hora, enquanto ao mesmo tempo uma Afeição temperada pelos anos nos envolve. A vida — a vida natural — não possui dom melhor a ofertar. Quem poderia merecê-lo?

Do que foi dito pode-se deduzir claramente que na maioria das sociedades e na maior parte das vezes a Amizade existe entre homens e entre mulheres. Os sexos terão se encontrado em Afeição e em Eros, mas não neste amor. Pois eles raramente terão tido um com o outro o companheirismo nas atividades comuns que é a matriz da Amizade. Quando os homens são cultos e as mulheres não, quando um dos sexos trabalha e o outro fica ocioso, ou quando o trabalho deles difere por completo, no geral nada têm que possa torna-los amigos. Mas podemos observar facilmente que é esta falha, e não algo em sua natureza, que exclui a amizade; pois quando podem ser companheiros podem também ser amigos. Portanto, numa profissão (como a minha) onde homens e mulheres trabalham lado a lado, ou no campo missionário, ou entre autores e artistas, tal amizade é comum. É certo que o que é oferecido como Amizade de um lado pode ser tomado como Eros do outro, com resultados penosos e desconcertantes. Ou o que começa como amizade em ambos pode também transformar-se em Eros. Mas dizer que algo pode ser tomado por ou transformar-se em outra coisa, não é negar a diferença entre eles. Pelo contrário, torna-se implícita, caso contrário não iríamos falar de “transformar-se em” ou “ser tomado por”.

Em um aspecto a nossa sociedade é infeliz. Um mundo onde homens e mulheres não têm um trabalho comum ou uma educação comum pode prosseguir sem muita dificuldade. Os homens que vivem nele se voltam um

para o outro com Amizade e apreciam muito esse sentimento. Espero que as mulheres gostem de suas amigas da mesma forma. Um mundo onde todos os homens e mulheres tivessem uma base comum para relacionamento assim seria também confortável. No momento, porém, encontramos duas dificuldades. O terreno comum necessário, a matriz, existe entre os sexos em alguns grupos, mas não em outros. Ela se acha ausente de maneira notável em muitos subúrbios residenciais. Numa vizinhança plutocrática onde os homens passaram a vida inteira ganhando dinheiro, pelo menos algumas das mulheres usaram seu tempo livre para desenvolver uma vida intelectual —inclinaram-se para a música ou a literatura. Em tais lugares os homens surgem como bárbaros entre pessoas civiliza das. Em outra vizinhança você encontra a situação invertida.

Ambos os sexos “foram à escola”, mas desde então os homens tiveram uma educação muito mais aprimorada. Tornaram-se médicos, advogados, clérigos, arquitetos, engenheiros ou homens de letras. As mulheres são para eles como as crianças para os adultos. Em nenhuma dessas circunstâncias a verdadeira amizade entre os sexos tem muitas possibilidades. Mas isto, embora represente um empobrecimento, seria tolerável se admitido e aceito.

A dificuldade peculiar entre nós é que os homens e mulheres nesta situação, perseguidos por rumores e vislumbres de grupos mais felizes onde não existe tal abismo entre os sexos, e possuídos pela idéia igualitária de que o que é possível para alguns deve ser (e portanto é) possível para todos, recusam-se a aceitar a situação. Por um lado temos então a esposa, a mulher “cultu” que está sempre tentando elevar o marido “ao seu nível”. Ela o arrasta para concertos, quer que ele aprenda a dançar e convida pessoas cultas para irem à sua casa. Isso na verdade quase nunca prejudica muito. O homem de meia idade tem um grande potencial de resistência passiva e (mal sabe ela) de indulgência; “as mulheres precisam ter seus caprichos”. Algo muito mais penoso acontece quando são os homens os civilizados e não as mulheres, e quando todas elas, e muitos dos homens também, se recusam simplesmente a reconhecer o fato.

Quando isto acontece surge uma simulação bondosa, polida, laboriosa e lamentável. As mulheres estão “fadadas” (como dizem os advogados) a fazer parte do círculo masculino. O fato — por si sem importância — reunam de elas agora fumarem e beberem como os homens, representa para as pessoas simples uma prova que realmente fazem parte dele.

Não se permitem reuniões só de homens. Onde quer que eles se reúnam, as mulheres devem estar presentes. Os homens aprenderam a viver com as idéias. Sabem o que significa discussão, prova e ilustração. A mulher que só freqüentou a escola e abandonou logo após o casamento qualquer verniz de cultura que tenha recebido — que só lê revistas femininas e cuja conversa é quase inteiramente narrativa, não pode realmente entrar nesse círculo. Pode fazer parte dele de maneira física, mas de que adianta? Se os homens forem impiedosos, ela ficará sentada aborrecida e silenciosa durante uma conversa que a seu ver não tem sentido. Se forem bem educados tentarão incluí-la. As coisas lhe são explicadas e as pessoas procuram sublimar suas observações irrelevantes e inoportunas, fazendo com que ganhem algum significado. Mas os esforços logo falham e, por amor às boas maneiras, o que poderia ter sido uma discussão agradável é deliberadamente diluído e se desvia, transformando-se em mexericos, anedotas e pilhérias. A presença dela destruiu então justamente aquilo de que deveria partilhar. Não poderá jamais fazer parte do círculo, porque este deixa de existir com a sua entrada. Da mesma forma que o horizonte cessa de ser horizonte quando você o alcança. O fato de ter aprendido a beber e fumar, e talvez até mesmo a contar histórias picantes, não a aproximou nesse sentido um milímetro mais dos homens do que o fez sua avó. Mas a sua avó era muito mais feliz e realista. Ficava em casa conversando com outras mulheres, talvez com grande dose de charme, bom senso e até perspicácia.

Ela poderia fazer o mesmo. Pode ser até tão inteligente como os homens cuja noite estragou, ou mais ainda. Mas não está realmente interessada nas mesmas coisas nem sabe dominar os mesmos métodos. (Todos parecemos tolos quando fingimos interesse em coisas que absolutamente não nos atraem.)

A presença de tais mulheres, milhares delas, ajuda a justificar o desprezo moderno pela Amizade. Elas quase sempre vencem em toda linha, banindo a companhia masculina e portanto a Amizade masculina, de vizinhanças inteiras. No único mundo que conhecem, uma conversa trivial interminável substitui a comunicação de mentes. Todos os homens com quem se encontram falam como mulheres quando estas estão presentes.

Esta vitória sobre a Amizade é com freqüência inconsciente.

Existe, porém, um outro tipo de mulher, mais agressivo, que planeja

nesse sentido. Ouvi uma delas dizer: “Nunca deixe dois homens se sentarem juntos, eles começam a falar de algum assunto e depois disso ninguém mais se diverte”. Ela não poderia ter falado com mais acerto.

Conversa claro que sim; quanto mais melhor; cascatas incessantes da voz humana; mas, por favor, não um assunto definido. A conversa não deve fixar-se em nada.

Essa senhora alegre, essa mulher vivaz, empreendedora, “encantadora”, insuportável, buscava apenas a diversão de cada noite, fazendo com que a reunião “continuasse”. Mas a ‘guerra consciente contra a Amizade pode ser travada num nível mais profundo. Existem mulheres que a consideram com ódio, inveja e medo como o inimigo de Eros e, talvez, mais ainda, da Afeição.

Uma mulher desse tipo possui centenas de artifícios para acabar com as amizades do marido. Ela briga com os amigos dele ou, melhor ainda, com as esposas dos mesmos.

Mostrará desprezo, fará objeções e mentirá, sem compreender que o marido que consegue isolar dos seus afins não valerá na verdade grande coisa, pois o emasculou. Acabará se envergonhando dele ela mesma. Não se lembra também que grande parte da vida dele decorre em lugares onde não pode vigiá-lo. Novas amizades surgirão, mas desta vez em segredo. Sorte dela, e sorte além do que merece, se logo não houver também outros segredos.

Todas essas mulheres são com certeza tolas. As sensatas, que se quisessem poderiam naturalmente qualificar-se para o mundo de discussões e idéias são precisamente aquelas que, se não forem qualificadas, jamais tentam entrar nele ou destruí-lo. Têm outros peixes a fritar. Numa reunião mista, vão para um canto da sala e conversam com as outras mulheres. Não nos querem com este propósito mais do que nós as queremos. Somente a escória de cada sexo é que precisa estar sempre pendurada um no outro. Viva e deixe viver.

Elas riem bastante de nós. É assim que deve ser.

Quando os sexos não partilham realmente das atividades, podendo apenas encontrar-se na Afeição e em Eros, sem serem amigos, é saudável que cada um possa sentir o absurdo do outro.

Ninguém jamais apreciou o outro sexo, assim como ninguém apreciou

realmente uma criança ou um animal, sem às vezes considerá-lo engraçado. Isso se aplica a ambos os sexos. A humanidade é tragicômica, mas a divisão em sexos capacita cada um a ver no outro a graça que quase sempre lhe escapa, e o patético também.

Fiz uma advertência de que este capítulo seria em sua maior parte de reabilitação. As páginas precedentes devem ter tornado claro que, pelo menos para mim, não é surpreendente o fato de nossos ancestrais terem considerado a Amizade como algo que nos elevava quase acima da humanidade. Este amor, livre do instinto, livre de todos os deveres menos dos que o amor assumiu livremente, quase totalmente livre de inveja, e livre por completo da necessidade de ser necessitado, é eminentemente espiritual. Trata-se da espécie de amor que podemos imaginar existir entre anjos. Encontramos aqui um amor natural, queque é o Amor em si?

Antes de nos precipitarmos a extrair tal conclusão, vamos tomar cuidado com a ambigüidade da palavra espiritual.

Existem muitos contextos no Novo Testamento em que ela significa “pertencente ao Espírito (Santo)”, e em tais contextos o espiritual, por definição, é bom. Mas quando espiritual é ‘usado simplesmente como o contrário de corpóreo, ou instintivo, ou animal, isto não acontece. Existe o mal assim como o bem espiritual. Existem anjos ímpuros e santos. Os maiores pecados dos homens são espirituais. Não devemos pensar que por descobrir que a amizade é espiritual, descobrimos também que ela é santa em si mesma ou que não comete erros. Três fatos significativos devem ser ainda tomados em consideração.

O primeiro, já mencionado, é a desconfiança com que as autoridades parecem olhar as amizades íntimas entre os que se acham sob a sua jurisdição. Essa suspeita pode ser gratuita, ou talvez tenha realmente alguma base.

A seguir, vem a atitude da maioria com relação aos amigos íntimos. Todo nome que dão a tal círculo é quase sempre depreciativo. Na melhor das hipóteses chamam-no de “grupo”, “roda”, “gang”, ou “sociedade de admiração mútua”.

Os que só conhecem pessoalmente a Afeição, o Companheirismo e Eros consideram os Amigos como “pedantes convencidos que se julgam

bons demais para nós”. Esta é naturalmente a voz da inveja, mas ela sempre faz a acusação mais verdadeira, ou a que mais se aproxima da verdade que lhe é possível fazer; a que mais dói. Esta acusação terá, portanto, de ser considerada.

Devemos, finalmente, notar que a Amizade é raramente a imagem sob a qual as Escrituras representam o amor, entre Deus e o Homem. Embora não seja inteiramente negligenciada, ao procurar um símbolo para o mais elevado dentre os amores, a Escritura ignora esta relação aparentemente angélica e mergulha nas profundezas do que é mais natural e instintivo. A Afeição é tomada como a imagem quando Deus é representado como nosso Pai; Eros, quando Cristo é representado como o Noivo da Igreja.

Vamos começar com as suspeitas das autoridades. Julgo haver certa base para elas e que uma consideração das mesmas faz surgir à tona algo importante. A Amizade, como já disse, nasce no momento em que um diz para o outro: “O quê? Você também? Pensei que eu fosse o único. . .” Mas o gosto ou visão ou ponto de vista comum assim descoberto não precisa ser sempre bom. A partir desse instante a arte, a filosofia, o progresso na religião ou na moralidade podem perfeitamente ser promovidos; mas, por que não também a tortura, o canibalismo, ou o sacrifício humano?

Com certeza a maioria de nós experimentou a natureza ambivalente de tais sentimentos em sua juventude. Era maravilhoso encontrar alguém que apreciava nosso poeta favorito. O que mal compreendíamos até então tomava agora uma forma definitiva. O que sentíamos pudor em revelar, reconhecíamos agora livremente. Mas não era menos delicioso encontrar alguém que partilhava conosco um segredo maldoso. Este também se tornava mais palpável e explícito; disto também deixávamos de envergonhar-nos. Mesmo agora, qualquer que seja a nossa idade, todos conhecemos a atração perigosa de um ódio ou ressentimento partilhado. (É difícil não saudar como Amigo o colega de faculdade que vê abertamente os defeitos do vice-diretor)

Sozinho, entre companheiros que não me compreendem, eu mantenho certos padrões e pontos de vista timidamente, um tanto envergonhado por admiti-los e um tanto duvidoso de que possam ser certos. Mas basta estar de volta aos meus Amigos e em meia hora, ou mesmo dez minutos, esses mesmos padrões e conceitos se tornam de novo indiscutíveis. A opinião desse

pequeno círculo, enquanto estou nele, supera a de mil outras pessoas: à medida que a amizade se robustece, me sentirei assim, mesmo quando meus amigos estão distantes, pois todos queremos ser julgados por nossos iguais, por aqueles que são “segundo o nosso coração”.

Apenas estes conhecem na verdade nossos pensamentos e só eles julgam segundo padrões que reconhecemos. E deles o louvor que cobiçamos e a censura que tememos. Os pequenos bolsões dos primeiros cristãos sobreviveram porque se preocupavam exclusivamente com o amor “dos irmãos” e fechavam os ouvidos à opinião da sociedade pagã que os rodeava. Mas um círculo de criminosos, excêntricos ou pervertidos, sobrevive da mesma forma; fazendo-se de surdo à opinião do mundo exterior, descontando-a como conversa fiada de intrusos que “não compreendem”, de “conservadores”, “burgueses”, do “Estabelecimento”, de pedantes, melindrosos e hipócritas.

E fácil ver, portanto, por que as autoridades não vêem com bons olhos a Amizade. Cada amizade verdadeira é uma espécie de secessão, e mesmo rebelião. Pode ser uma rebelião de pensadores sinceros contra erros aceitos ou de maníacos contra o bom senso aceito; de verdadeiros artistas contra a arte popular inferior, ou de charlatões contra o gosto civilizado; de homens bons contra a maldade social ou de homens maus contra a bondade. Qualquer que seja ela, não irá agradar os que estão Em Cima. Em cada grupo de Amigos existe um departamento de “opinião pública” que fortalece seus membros contra a opinião pública da sociedade em geral. Cada um deles é então um conjunto de resistência em potencial. Os homens que possuem amigos fiéis são menos fáceis de manejar ou “alcançar”; mais difíceis de corrigir por parte das boas autoridades e de corromper por parte das más. Assim sendo, se nossos senhores, pela força ou propaganda a respeito da “Proximidade” ou por tornarem impossível, de maneira sutil, a privacidade ou o lazer não planejado, vierem a ter êxito em produzir um mundo em que todos são Companheiros e ninguém é Amigo, terão removido alguns perigos, e terão também tirado de nós aquilo que é quase nossa mais forte proteção contra a servidão absoluta.

Os perigos porém são perfeitamente reais. A Amizade (como os antigos descobriram) pode ser uma escola de virtude; mas também (como não perceberam) uma escola de vício. Ela é ambivalente. Torna melhores os homens bons e piores os maus. Seria perda de tempo continuar batendo nesta

tecla. O que nos interessa não é entrar em detalhes sobre os pontos negativos das más amizades, mas perceber os possíveis perigos nas boas. Este amor, como todos os outros amores naturais, possui a sua ligação congênita com uma doença em particular.

Fica evidente que o elemento de divisão, de indiferença ou surdez (pelo menos em alguns assuntos) às vozes do mundo exterior, é comum a todas as amizades, sejam elas boas, más, ou simplesmente inócuas. Mesmo que a base comum da amizade não seja nada mais momentoso do que colecionar selos, o círculo correto e inevitavelmente ignora a opinião de milhões que a consideram como uma ocupação tola, e dos milhares que são apenas diletantes. Os fundadores da meteorologia, correto e inevitavelmente, ignoraram a opinião de milhões que ainda atribuíam as tempestades à feitiçaria. Não existe ofensa nisto. Da mesma forma que sei que eu seria um intruso num círculo de golfistas, matemáticos ou motoristas, reivindico o mesmo direito de considerá-los intrusos no meu. As pessoas que aborrecem umas às outras devem encontrar-se poucas vezes, as que interessam uma à outra, muitas vezes.

O perigo está em que esta indiferença ou surdez à opinião externa, embora justificada e necessária, pode levar a uma indiferença ou surdez totais. Os exemplos mais espetaculares neste sentido podem ser vistos na classe teocrática ou aristocrática, e não num círculo-de amigos. Sabemos o que os sacerdotes nos tempos de Jesus pensavam a respeito do povo comum. Os fidalgos nas crônicas de Froissart não tinham simpatia nem misericórdia pelos “de fora”, os rústicos ou camponeses. Mas esta deplorável indiferença estava entrelaçada intimamente com uma boa qualidade.

Eles mantinham realmente entre si um padrão muito elevado de valor, generosidade, cortesia e honra. O camponês cauteloso, mesquinho, teria julgado tal padrão como ridiculamente tolo. Os fidalgos, para mantê-lo, precisavam ficar por completo indiferentes às opiniões do mesmo. Não se importavam nada com o que pensasse. Se tivessem feito isso, nosso próprio padrão hoje seria mais baixo e mais grosseiro também. Ignorar, porém, a voz do camponês nos pontos em que deve realmente ser ignorada, torna mais fácil ignorá-la quando ele pede justiça ou misericórdia. A surdez parcial, nobre e necessária, encoraja a surdez total que é arrogante e desumana.

Um grupo de amigos não pode naturalmente oprimir o mundo exterior



como o faria uma classe social poderosa.

Mas, fica sujeito, em sua própria escala, ao mesmo perigo.

Pode passar a tratar como “intrusos” num sentido geral e depreciativo os que eram corretamente intrusos num determinado propósito. Assim sendo, da mesma forma que a aristocracia, ele pode criar um vácuo ao seu redor que voz nenhuma consegue atravessar.

O círculo de artistas ou literatos que começou descontando, talvez com razão, as idéias do homem comum a respeito de literatura e arte, pode vir igualmente a ignorar sua idéia de que eles devem pagar suas contas, cortar as unhas e comportar-se com civilidade. Quaisquer que sejam os defeitos possuídos pelo círculo - e todo grupo os tem - tornam-se então incuráveis. Isso porém não é tudo. A surdez parcial e justificável era baseada em certo tipo de superioridade - mesmo que se tratasse de um conhecimento superior a respeito de selos. O senso de superioridade vai então ligar-se à surdez total. O grupo irá desdenhar e ignorar os que se acham fora dele; tornando-se, com efeito, algo muito semelhante a uma classe. Um círculo social é uma aristocracia automeada.

Afirmar acima que numa boa Amizade cada membro se sente humilde em relação aos demais. Vê que eles são esplêndidos e se julga com sorte por estar entre os mesmos.

Mas, infelizmente, esses eles, de um outro ponto de vista, são também nós. Assim, a transição da humildade individual para o orgulho corporativo é muito fácil.

Não estou tratando do que poderíamos chamar de orgulho social ou esnobismo: prazer em conhecer personagens importantes, em divulgar esse fato. Isso é algo muito diferente. O esnobe quer ligar-se a um grupo porque este já é considerado como uma elite; os amigos estão em perigo de vir a considerar-se uma elite por já se acharem associados. Buscamos homens segundo o nosso coração por causa deles mesmos e depois nos alarmamos ou ficamos felizes ao sentir que nos tornamos uma aristocracia. Mas não que a chamássemos assim. Todo leitor que conheceu a Amizade irá provavelmente sentir-se inclinado a negar com certo calor que seu grupo possa jamais ser acusado de tal absurdo.

Eu sinto o mesmo. Em tais assuntos, porém, o melhor é não começar

pela nossa própria pessoa. O que quer que aconteça com o nosso grupo, penso que todos reconhecemos essa tendência naqueles outros círculos em relação aos quais somos os “de fora”.

Estive certa vez numa conferência onde dois clérigos, evidentemente amigos íntimos, começaram a falar sobre “energia incriada” em separado de Deus. Perguntei-lhes como poderia haver coisas não-criadas exceto Deus se o Credo estava certo em chamá-lo de “criador de todas as coisas visíveis e invisíveis”. A resposta deles foi entreolhar-se e rir. Eu nada tinha a objetar quanto a esse riso, mas queria também uma resposta em palavras. Não se tratava de um riso zombeteiro ou desagradável, expressando talvez o que os americanos querem dizer com a frase: “Ele não é engraçado” ou podia ser o tipo de risada que os adultos dão quando uma criança travessa faz a espécie de pergunta que jamais deveria ter sido feita. É difícil imaginar a inocência da atitude deles e como ela transmitia claramente a impressão de que estavam plenamente conscientes de que viviam no geral em um plano muito superior ao dos demais, que estavam entre nós como nobres entre rústicos, ou como adultos entre crianças. Com toda probabilidade tinham uma resposta para a minha pergunta e sabiam ser eu demasiado ignorante para acompanhá-la. Se tivessem dito claramente: “Acho que uma explicação tomaria muito tempo” eu não iria atribuir-lhes o orgulho da Amizade.

O olhar e o riso são o foco real — a essência audível e visível de uma superioridade corporativa tomada por certa e manifesta. A inocência quase completa, a ausência de qualquer desejo aparente de ferir ou exultar (eram pessoas educadas) sublinham realmente a atitude olímpica. Ali estava um senso de superioridade tão seguro que podia dar-se ao luxo de ser tolerante, urbano, pouco enfático.

Este senso de superioridade corporativo nem sempre é olímpico; isto é, tranqüilo e tolerante. Ele pode ser tirânico ou impaciente e amargo. Uma outra ocasião, quando me dirigia a um grupo de estudantes e surgiu, muito adequadamente uma discussão a respeito de meu discurso, um jovem com uma expressão tão tensa quanto a de um roedor falou comigo de um modo tal que tive de dizer-lhe: “Olhe, meu caro, por duas vezes nesses últimos cinco minutos você praticamente me chamou de mentiroso. Se não consegue fazer uma crítica sem agir desse modo, sou obrigado a retirar-me”. Esperava que ele fizesse uma destas coisas: perdesse a calma e redobrasse os insultos ou enrubescesse e pedisse desculpas.

Mas surpreendentemente não fez nada disso. Sua expressão facial “azeda” não sofreu modificação. Ele não repetiu a Mentira Direta, mas além disso continuou como antes. Eu batera numa cortina de ferro. Ele se achava armado contra o risco de qualquer relação estritamente pessoal, amiga ou inimiga, com pessoas como eu.

Por trás de uma atitude assim com toda certeza se acha um círculo do tipo titânico — nobres templários com títulos auto-conferidos, perpetuamente em guerra para defender um Baphomet crítico. Nós — que somos eles, não existimos absolutamente como pessoas. Somos espécimes, espécimes de vários grupos etários, tipos, climas de opinião, ou interesses, a serem exterminados. Privados de uma arma, friamente tomam outra. Não estão, no sentido comum da palavra, se encontrando conosco, mais simplesmente fazendo um trabalho aspergindo (já ouvi um deles usando essa imagem) inseticida.

Meus simpáticos clérigos e meu não tão simpático roedor ocupavam um alto nível intelectual. O mesmo acontecia com aquele círculo famoso que nos tempos eduardianos chegou ao ponto máximo da fatuidade, dando-se o nome de “as Almas”. O mesmo sentimento de superioridade grupal pode envolver um círculo de amigos bem mais comuns, vulgares, e a coisa será então ostentada de maneira muito mais crua. Já vimos isto sendo feito pelos “veteranos” na escola falando na presença de um aluno novo, ou dois, “permanentes” no Exército diante de um “temporário”; tais pessoas se expressam com grande intimidade e esotericamente a fim de serem ouvidas. Todos os que não fazem parte do círculo precisam saber que não estão nele. A Amizade pode em análise final não ter base alguma, exceto o fato de ser exclusivista. Ao falar a um Estranho, cada membro tem prazer em mencionar os outros pelo primeiro nome ou por um apelido; não apesar de que, mas porque, o Estranho não saberá a quem se refere.

Um homem que conheci mostrou-se ainda mais sagaz.

Ele simplesmente se referia a seus amigos como se todos os conhecessem, como se certamente tivéssemos de conhecer quem eram. “Como disse o Ricardo Meira...” começava ele.

Nós todos éramos muito jovens na época e ninguém ousava admitir não ter ouvido falar de Ricardo Meira. Parecia óbvio que para quem quer que fosse alguém o seu nome era uma senha; “não conhecê-lo nos tomava

desconhecidos”. Só tempos mais tarde viemos a compreender que ninguém mais ouvira falar dele também, (Na verdade suspeito agora que alguns dos Ricardos Meira, Ezequias Cronwells e Eleonoras Forsyth não existiam mais do que a Sra. Harris. Mas durante um ano ou mais nos sentimos por completo reverentes.)

Podemos detectar assim o orgulho da Amizade — seja olímpica, titânica ou simplesmente vulgar — em muitos círculos de amigos. Seria precipitado supor que o nosso possa estar livre desse perigo, pois, como é natural, exatamente nele é que seríamos mais lentos em reconhecer essa falha. A ameaça de tal vaidade é praticamente inseparável do amor-Amizade, pois este é exclusivista. É fácil passar do ato inocente e necessário de exclusão ao espírito exclusivista; e dali ao hábito degradante do exclusivismo. Uma vez admitido isso a ladeira se tornará rapidamente mais inclinada. Talvez jamais venhamos a nos tornar Titãs ou simples grosseirões; poderíamos, o que é às vezes pior, nos transformar em “Almas”. A visão que primeiro nos uniu pode desvanecer-se rapidamente. Seremos um grupo que existe por ser um grupo; uma pequena aristocracia auto-eleita (e portanto absurda), aquecendo-se ao sol de nossa auto-aprovação coletiva.

Algumas vezes um círculo nestas condições começa a intrometer-se no mundo da prática, ampliando-se judiciosamente a fim de admitir recrutas cuja participação no interesse comum original é desprezível, mas que são considerados como “pessoas sólidas”, de certo modo indefinido, e tornando-se um poder no mundo. A filiação ao mesmo passa a ter certa importância política, embora a política envolvida não vá além daquela de um regimento, uma faculdade ou um mosteiro.

A manipulação de comitês, a obtenção de empregos (para homens sólidos) e a frente unida contra os demais torna-se agora sua principal ocupação. Os que antes se reuniam para falar de Deus ou de poesia, encontram-se agora para discutir palestras ou modos de vida. Note a justiça da sua condenação. “Ês pó e ao pó voltarás”, disse Deus a Adão.

Num círculo que degenerou num bando de espertalhões, a amizade voltou a ser o simples companheirismo prático que foi a sua matriz. São agora o mesmo tipo de corpo da horda primitiva de caçadores. Caçadores, de fato, é o que são, e não a espécie de caçadores que mais respeito.

A massa do povo, que jamais está muito certa, nunca está muito errada. Eles estão completamente errados porém em sua crença de que todo grupo de amigos veio a existir apenas para gozar os prazeres da presunção e superioridade. Tenho a certeza de que erram ao pensar que toda amizade abandona-se a esses prazeres. Mas parecem estar certos ao diagnosticar o orgulho como a ameaça a que as amizades estão naturalmente sujeitas. Por ser justamente este o mais espiritual dos amores, o perigo que o assalta é também espiritual. A amizade é até mesmo angelical, mas o homem precisa ser triplamente protegido pela humildade se quiser comer o pão dos anjos sem risco.

Talvez possamos tentar descobrir agora por que as Escrituras usam tão raramente a Amizade como uma imagem do mais sublime amor. Ela já é de fato demasiado espiritual para ser um símbolo positivo das coisas Espirituais. O superior não subsiste sem o inferior. Deus pode apresentar-se como Pai e Marido sem correr nenhum risco, porque somente um lunático iria pensar que ele nos gerou fisicamente ou que seu casamento com a igreja fosse qualquer outra coisa além de místico. Mas caso a amizade fosse usada com este propósito, poderíamos confundir o símbolo com a coisa simbolizada. O perigo inerente seria agravado. Talvez nos sentíssemos ainda mais encorajados a confundir essa proximidade (por semelhança) à vida celestial que a Amizade certamente manifesta para uma proximidade de abordagem.

A amizade, como os outros amores naturais, não tem então capacidade para salvar-se a si mesma. Na realidade, por ser espiritual e enfrentar portanto um inimigo mais sutil ela deve, com maior sinceridade ainda do que os outros amores, invocar a proteção divina caso espere permanecer atraente.

Consideremos agora como é estreito o seu caminho: ela não deve transformar-se no que o povo chama de “sociedade de admiração mútua”; todavia, se não estiver cheia desse sentimento de admiração, de amor apreciativo, não será então amizade. A não ser que nossas amizades sejam como a de Cristiana e seu grupo no livro “O Peregrino” teremos uma vida tremendamente pobre:

Cada uma parecia representar um terror para a outra, pois não podiam perceber em si mesmas aquela glória que viam uma na outra. Mas agora começavam a gostar uma da outra mais do que de si mesmas. “Pois você é mais bela do que eu”, disse uma; “e você mais atraente do que eu”, replicou a

outra.

A longo prazo, só há um modo de experimentarmos com segurança esta nobre experiência; o qual foi indicado por Bunyan na mesma passagem. Na Casa de Intérprete, depois deles terem sido lavados, selados e vestidos com “Vestês Brancas”, foi que as mulheres se observaram uma à outra sob esta luz. Se lembrarmos do lavar, do selo e das vestes estaremos salvos.

Numa amizade explicitamente religiosa, esquecer-se disso seria além de tudo fatal.

Irá parecer-nos então que nós (quatro ou cinco) nos escolhemos reciprocamente, a percepção de cada um descobrindo a beleza intrínseca dos demais, de igual para igual, uma nobreza voluntária. Teremos a impressão de que nos elevamos acima do restante da humanidade mediante nossos poderes inatos. Os outros amores não provocam o mesmo tipo de ilusão. A Afeição evidentemente exige afinidade ou pelo menos aproximações que nunca dependeram de nossa própria escolha.

No que diz respeito a Eros, metade das canções e poemas de amor escritos no mundo irão contar-lhe que o Amado é a sua sorte ou destino, não sendo uma escolha sua como não o seria um raio, pois “não está em nosso poder amar ou odiar”. O arco de Cupido, os genes qualquer coisa, exceto nós. Mas na Amizade, por estar livre de tudo isso, escolhemos nossos iguais, segundo supomos. Alguns anos de diferença entre as datas de nosso nascimento, alguns quarteirões a mais na distância entre nossas casas, a escolha de uma escola em lugar de outra, a indicação para regimentos diferentes, o acidente de um assunto ter sido ou não levantado num primeiro encontro —Qualquer uma dessas coisas poderia na verdade ter-nos mantido separados. Para o cristão, porém, não existem realmente oportunidades. Um Mestre de Cerimônias invisível tem estado em atividade. O Cristo que disse aos discípulos “Vocês não escolheram a Mim! Eu é que escolhi vocês!” pode dizer a todo grupo de amigos cristãos:

“Vocês não se escolheram uns aos outros, mas Eu os escolhi uns para os outros”. A Amizade não é uma recompensa de nosso bom gosto e discriminação, mas o instrumento através do qual Deus revela a cada um as qualidades de todos os demais.

Elas não são maiores do que as de milhares de homens, mas mediante a amizade Deus abre os olhos deles para elas.

Essas qualidades, como todas as que existem, são derivadas dEle e numa boa amizade são acrescentadas por Ele através da mesma, a fim de que seja um seu instrumento para criar assim como para revelar. Nesta festa é Ele que arranja a mesa e quem escolhe os convidados. E é Ele, ousamos esperar, que algumas vezes preside e sempre deveria presidir.

Não calculemos mal.

Isso não quer dizer que devemos ser sempre solenes em relação a esse sentimento. Que o Deus que fez o riso saudável não permita que tal aconteça. Trata-se de uma das difíceis e deliciosas sutilezas da vida: reconhecer que certas coisas são graves mas, ao mesmo tempo, conseguir encara-las com freqüência com o mesmo espírito esportivo que encararíamos um jogo.

Vamos, porém, falar mais sobre isto no próximo capítulo. No momento vou citar apenas o conselho lindamente equilibrado de Dunbar:

Homem, agrada o teu Criador, e alegra-te,  
Não te importes com este mundo um momento sequer.

### **3. Eros**

Dou naturalmente o nome de Eros àquele estado que chamamos de “estar amando”; ou, se preferir, àquela espécie de amor em que os amantes estão “envolvidos”. Alguns leitores devem ter-se surpreendido quando num capítulo anterior descreve a Afeição como o amor em que nossa experiência parece aproximar-se mais daquela dos animais. Alguém poderia então perguntar: “Não é certo que nossas funções sexuais nos aproximam igualmente deles?” Isto é verdadeiro no que se refere à sexualidade humana de modo geral.

Não vou porém ocupar-me da sexualidade humana em si, pois ela faz parte de nosso assunto somente quando se torna um ingrediente do sentimento complexo de “estar amando”. Que a experiência sexual pode ocorrer sem Eros, sem estar “amando”, e que Eros inclui outros aspectos além da atividade sexual, tenho como certo. Se quiser colocar a questão assim,

não estou pesquisando a sexualidade comum a nós e aos animais ou mesmo comum a todos os homens, mas uma variação humana singular da mesma que se desenvolve dentro do “amor” - a qual chamo de Eros. O elemento carnal ou sexualidade animal contido em Eros, pretendo chamar de Vênus (seguindo um uso antigo). Chamo de Vênus aquilo que é sexual, não num sentido obscuro e refinado, como os psicólogos poderiam explorar, mas num sentido perfeitamente óbvio. O que é tido como sexual por aqueles que experimentam a sensação, o que poderia ser provado como sexual mediante as mais simples observações.

A sexualidade pode operar sem Eros ou como parte de Eros. Apresso-me a acrescentar que faço a distinção apenas para limitar nossa pesquisa e sem quaisquer implicações morais. Não estou de forma alguma adotando a idéia popular de que é a ausência ou presença de Eros que torna o ato sexual “impuro” ou “puro”, degradado ou belo, legal ou ilegal. Se todos os que se deitarem juntos sem estar no estado de Eros fossem abomináveis, nós todos viemos de uma linhagem espúria. As épocas e lugares em que o casamento depende de Eros são uma minoria. A maior parte de nossos ancestrais se casaram cedo com parceiros escolhidos por seus pais por razões que nada tinham a ver com Eros. Prestavam-se ao ato sem qualquer outro estímulo além do simples desejo animal.

E agiram bem; maridos e mulheres cristãos honestos, obedecendo aos pais, cumprindo suas “obrigações conjugais”, e educando suas famílias no temor do Senhor.

Este mesmo ato, porém, praticado sob a influência de um Eros ardente e sublime, que reduz o papel dos sentidos a uma consideração menor, pode, de ‘maneira oposta, revelar-se como simples adultério, envolvendo a traição da esposa, do marido, ou de um amigo, profanando a hospitalidade e resultando no abandono dos filhos.

Deus não se agrada do fato de a distinção entre um pecado e um dever depender de sentimentos nobres. Este ato, como qualquer outro, é justificado ou não por critérios bem mais prosaicos e explicáveis: pelo cumprimento ou quebra de promessas, pela justiça ou injustiça, pela bondade ou egoísmo, pela obediência ou desobediência. O meu tratamento exclui a simples sexualidade - sexualidade sem Eros - com bases que nada têm a ver com a moral, por ser irrelevante ao nosso propósito.



Eros (a variação humana) constitui para o evolucionista algo que surgiu de Vênus, uma complicação e desenvolvimentos tardios do impulso biológico imemorial. Não devemos supor, entretanto, que isto aconteça necessariamente na consciência do indivíduo. Uns provavelmente irão sentir a princípio um mero apetite sexual por uma mulher e depois passam, num estágio posterior, a “sentir amor por ela”. Mas duvido que isto seja comum. No geral, o que acontece primeiro é simplesmente uma deliciosa preocupação com o ser amado - uma preocupação geral, inespecífica, com a mulher total. O homem nestas condições na verdade não tem tempo para pensar em sexo, pois está muito ocupado pensando numa pessoa. O fato de ela ser uma mulher é muito menos importante do que ser ela mesma. Ele está cheio de desejo, embora este não tenha uma tonalidade sexual. Se lhe perguntasse o que quer, sua resposta sincera geralmente seria: “Continuar pensando nela”. E o amor contemplativo. E quando mais tarde desperta o desejo explicitamente sexual, não irá sentir (a não ser que teorias científicas estejam a influenciá-lo) que desde o princípio fora essa a razão de tudo. Ele irá sentir com muito maior probabilidade que a maré enchente de Eros, tendo demolido muitos castelos na areia e ilhado muitas rochas, encheu agora esta parte de sua natureza com uma sétima onda triunfante - a pequena poça de sexualidade comum que se encontrava na praia antes de chegar a maré. Eros se introduz nele como um invasor, dominando e reorganizando, uma a uma, as instituições de um país conquistado. Pode ter tomado muitas outras antes de chegar ao sexo nele; e irá reorganizá-lo também.

Ninguém indicou tão concisa e corretamente a natureza dessa reorganização do que George Orwell, que a rejeitava e preferia a sexualidade em sua condição primitiva, incontaminada por Eros. No livro 1984 o seu terrível herói (muito menos humano do que os heróis de quatro patas de seu excelente *Animal Farm*!), antes de penetrar a heroína, exige uma certeza: “Você gosta de fazer isso?” pergunta, “Não simplesmente de mim, mas da coisa em si?” Não fica satisfeito enquanto não obtém a resposta: “Adoro”. Este pequeno diálogo define a reorganização. O desejo sexual, sem Eros, deseja a coisa em si; Eros deseja o ser amado.

A coisa é um prazer transitório; isto é, um acontecimento que ocorre no interior de nosso próprio corpo. Usamos uma expressão idiomática infeliz quando dizemos a respeito de um homem sensual rondando as ruas que ele

“quer uma mulher”. Num sentido rigoroso da idéia, uma mulher é justamente o que ele não quer. Ele deseja um prazer em que a mulher acontece ser a peça necessária. O quanto ele se preocupa com a mulher como tal pode ser medido pela sua atitude cinco minutos depois do prazer (ninguém guarda o maço de cigarros depois de tê-los fumado). Eros, por sua vez, faz com que o homem não deseje uma simples mulher, mas uma mulher especial. De algum modo misterioso mas indiscutível, o amante deseja a amada, ela mesma, e não o prazer que lhe pode proporcionar. Amante nenhum no mundo jamais procurou os abraços da mulher amada como resultado de um cálculo, embora inconsciente, de que seriam mais agradáveis do que os de qualquer outra.

Se ele tivesse pensado no assunto, sem dúvida esperaria que fosse assim, mas levantar a questão seria sair por completo do mundo de Eros. O único homem que, segundo sei, fez essa pergunta foi Lucrécio, mas ele não se achava certamente apaixonado na ocasião. Sua resposta é digna de interesse. Aquele austero sibarita era de opinião que o amor na verdade prejudica o prazer sexual. A emoção era uma distração. Ela prejudicava a receptividade fria e crítica de seu paladar. (Um grande poeta; mas “Senhor, que grandessíssimos animais foram os romanos!”)

O leitor irá notar que Eros transforma então esplendidamente o que era por excelência um prazer-Necessidade no mais apreciativo de todos os prazeres. Faz parte da natureza do prazer-Necessidade indicar-nos o objeto apenas em relação à nossa carência, mesmo que esta seja momentânea.

Mas em Eros, uma Necessidade, em seu nível mais alto, vê o objeto mais intensamente como uma coisa admirável e importante em si mesma, muito além de sua relação com a necessidade do amante.

Se não tivéssemos passado por essa experiência, se fôssemos simples lógicos, iríamos recuar diante do conceito de desejar um ser humano diferenciar-se do sentimento de desejar qualquer prazer, conforto ou serviço que o ser humano possa prestar. Trata-se de algo certamente difícil de explicar.

Os próprios amantes estão tentando exprimir parte desse sentimento (mas não muito) quando dizem que gostariam de “comer” um ao outro. Milton expressou melhor quando inventou criaturas angelicais com corpos feitos de luz que podem alcançar a completa interpenetração em lugar de

nossos simples abraços. Charles Williams deu a entender parte disso nas palavras: “Amar você? Eu sou você.”

Sem Eros, o desejo sexual como qualquer outro desejo é um fato sobre nós mesmos. Dentro de Eros ele é um fato a respeito do ser amado, tornando-se quase um método de percepção e inteiramente um modo de expressão. Sente-se objetivo, algo fora de nós no mundo real. Essa a razão pela qual Eros, embora seja o rei dos prazeres, sempre (em seu auge) tem a atitude de considerar o prazer como um subproduto.

Pensar sobre isso iria atirar-nos de volta a nós mesmos, um mergulho em nosso próprio sistema nervoso. Mataria Eros, como você pode “matar” o mais interessante panorama, mantendo-o por inteiro em sua retina e nervos óticos. Mas, afinal de contas, prazer de quem, Pois uma das primeiras coisas que Eros faz é apagar a distinção entre dar e receber.

Até este ponto só tentei descrever e não avaliar, embora surjam inevitavelmente certas questões morais e não devo ocultar minha opinião sobre as mesmas. Ela está sendo submetida e não afirmada, achando-se naturalmente aberta a críticas de homens melhores, melhores amantes e melhores cristãos. No passado, e talvez ainda hoje por parte de muitas pessoas pouco requintadas, mantinha-se a opinião de que o perigo espiritual de Eros está quase inteiramente associado ao elemento carnal existente nele; que Eros é mais “santo” ou mais “puro” quando Vênus é reduzido ao mínimo. Os teólogos morais mais antigos parecem certamente ter pensado que o principal inimigo contra o qual teríamos de nos defender no casamento era uma rendição aos sentidos, que destrói a alma.

Deve ser notado, porém, que as Escrituras não fazem esta abordagem. Paulo, dissuadindo do casamento os convertidos nada diz sobre esse aspecto exceto desencorajar a abstinência prolongada de Vênus (I Co 7:5). O que ele teme é a preocupação, a necessidade de “agradar” constantemente o parceiro, as múltiplas distrações da vida doméstica. E o casamento em si e não o leito matrimonial que provavelmente nos impedirá de servir ininterruptamente a Deus. E Paulo não está certo? Se puder confiar em minha própria experiência, são os cuidados deste mundo (dentro e fora do casamento), tanto os práticos como os prudentes, e até mesmo o menor e mais prosaico desses cuidados, que constituem a grande distração.

A nuvenzinha de preocupações mínimas e decisões a respeito da

próxima hora interferiram com minhas orações com mais frequência do que qualquer outra paixão ou apetite. A tentação grande e permanente do casamento não é dirigida à sensualidade, mas, para falar francamente, à avareza. Com todo respeito devido aos guias medievais, não posso deixar de lembrar-me que todos eles eram celibatários, e provavelmente não sabiam o que Eros faz pela nossa sexualidade; como, em vez de agravar, ele reduz o caráter importuno e vicioso do simples apetite. E consegue isso não apenas satisfazendo-o, pois sem diminuir o desejo, Eros torna mais fácil a abstinência. Ele se inclina, sem dúvida, a uma preocupação com o ser amado que pode ser certamente um obstáculo à vida espiritual, mas não constitui especialmente uma preocupação sensual.

O verdadeiro perigo espiritual em Eros se encontra, creio eu, em outro ponto, mas voltarei a ele. No momento quero falar do perigo que em minha opinião especialmente assombra o ato do amor. Este é um assunto em que discordo (não com a raça humana, longe disso) mas com muitos de seus mais sérios porta-vozes. Acredito que todos somos encorajados a levar Vênus demasiado a sério; pelo menos com o tipo errado de seriedade. Durante toda a minha vida uma solenização ridícula e portentosa do sexo vem se desenvolvendo.

Certo autor nos conta que Vênus deve ocorrer durante a vida conjugal, num “ritmo solene e sagrado”. Um jovem de quem eu chamara de “pornográfico” o romance que muito admirara, replicou sinceramente confuso: “Pornográfico?”

Como pode ser isso? Ela fala do assunto com tanta seriedade”, como se uma expressão solene fosse uma espécie de desinfetante moral. Os nossos amigos que abrigam deuses das Trevas, a escola do “pilar de sangue”, tentam seriamente restaurar algo semelhante à religião fálica. Os anúncios que nos são impingidos, no seu nível mais “sexy” pintam a coisa em termos de arrebatamento, intensidade, quase desmaio; sem sequer uma pitada de alegria. E os psicólogos nos atormentaram tanto com a infinita importância do completo ajuste sexual e com a idéia de ser praticamente impossível alcançá-lo, que estou certo que alguns jovens casais vão para o ato cercados das obras completas de Freud, Kraft-Ebbing, Havelock Ellis e Dr. Stopes. O alegre e velho Ovídio que nunca ignorou um montículo de terra nem fez dele uma montanha seria muito mais objetivo. Chegamos ao estágio em que nada é mais necessário do que uma boa gargalhada à moda antiga.

Mas, podem replicar, a situação é séria. Têm razão, e essa razão pode ser dividida em quatro. Primeiro, teologicamente, porque esta é a participação do corpo no casamento que, por escolha de Deus, é a imagem mística da união entre Deus e o Homem. Segundo, como o que me aventuro a chamar de um sacramento sub-cristão, pagão ou natural, nossa participação humana e revelação das forças naturais da vida e da fertilidade - o casamento do Pai-Céu e Mãe-Terra. Terceiro, no nível moral, em vista das obrigações envolvidas e a incalculável importância de ser um pai e ancestral. Ela finalmente possui (algumas vezes, nem sempre) uma grande seriedade emocional na mente dos participantes.

Comer porém é também coisa séria; teologicamente, como o veículo do Sacramento Abençoado; eticamente, em vista de nosso dever de alimentar os famintos; socialmente, porque a mesa tem sido desde tempos remotos o lugar de conversar; e do ponto de vista médico também é importante como todos os que sofrem de dispepsia sabem. Todavia não levamos um registro de pessoas importantes conosco quando vamos jantar nem nos comportamos como se tivéssemos na igreja. E são os gourmets, e não os santos, que se aproximam mais de fazê-lo. Os animais são sempre sérios com relação à comida. Não devemos ser totalmente sérios a respeito de Vênus. Na verdade não será possível agir assim sem cometer uma violência contra a nossa humanidade. Não é sem razão que todas as línguas e literatura do mundo estão cheias de pilhérias sobre o sexo. Muitas delas podem ser tolas ou desagradáveis e quase todas são velhas. Devo porém insistir em que expressam uma atitude em relação a Vênus, que em análise final prejudica muito menos a vida cristã do que uma gravidade reverente.

Não devemos procurar um absoluto na carne. Ao banir as brincadeiras e o riso do leito de amor você pode dar entrada a uma deusa falsa. Ela se mostrará ainda mais falsa do que a Afrodite dos gregos; pois eles, mesmo enquanto a adoravam, sabiam que ela “apreciava o riso”. A massa do povo está perfeitamente certa em sua convicção de que Vênus é um espírito parcialmente cômico. Não somos em absoluto obrigados a cantar nossos duetos de amor imitando a maneira trêmula, emocionada e tristonha de Tristão e Isolda; cantemos em vez disso, repetidamente, como Papageno e Papagena.

A própria Vênus tomará vingança terrível se considerarmos sua seriedade (ocasional) da maneira como se apresenta, e isso de duas formas. A primeira é comicamente ilustrada por Sir Thomas Browne (embora não tenha esse propósito) quando ele diz que o seu serviço é “o ato mais imprudente que o homem sensato comete em toda a sua vida; nada também deprime mais a sua imaginação depois de acalmada do que considerar a asneira estranha e indigna que cometeu”.

Mas se ele tivesse praticado o ato com menos solenidade desde o princípio, não teria sofrido essa “depressão”. Se a sua imaginação não fosse desviada, depois de acalmar-se ela não produziria tal repulsa. Mas Vênus possui ainda outra e pior vingança. É um espírito zombador, maldoso, muito mais elfo do que deidade, e brinca conosco. Quando todas as circunstâncias externas parecem estar exatamente preparadas para o seu serviço, ela faz com que um ou os dois amantes se sintam totalmente indispostos para o ato. Quando todo ato explícito é impossível e nem mesmo olhares podem ser trocados - em trens, lojas e festas intermináveis - ela os assalta com toda a sua força. Uma hora mais tarde, quando o tempo e o lugar são propícios, ela se retira misteriosamente; talvez de um só deles. Que perturbação isso deve causar - quantos ressentimentos, suspeitas, vaidades feridas e toda a conversa corrente sobre as “frustrações” - naqueles que a deificaram! Mas os amantes sensatos riem. Tudo faz parte do jogo; um jogo de luta-livre, e as escapadas, quedas e colisões de cabeça devem ser tratadas como uma brincadeira. Fica difícil para mim deixar de considerar como uma brincadeira de Deus o fato de uma paixão tão sublime, tão aparentemente transcendente como Eros, ser assim ligada numa simbiose incongruente com um apetite físico que, como qualquer outro apetite, revela sem qualquer tato suas relações com fatores mundanos tais como tempo, saúde, dieta, circulação e digestão. Em Eros parecemos estar às vezes voando; Vênus nos dá o beliscão súbito que nos faz lembrar de que somos na verdade balões cativos. Trata-se de uma demonstração contínua da verdade de que somos criaturas complexas, animais racionais, identificados de um lado com os anjos, do outro com um gato macho. E mau não poder aceitar uma brincadeira. Pior ainda, não aceitar uma brincadeira divina; feita às nossas custas, mas também (quem duvida disto) em nosso benefício eterno.

O homem observou três aspectos do seu corpo. O primeiro é o dos pagãos ascéticos que o chamavam de prisão ou “túmulo” da alma, e o dos cristãos como Fisher para quem ele era um “saco de estrume”, alimento dos

vermes, sujo, vergonhoso, uma fonte de tentação para os maus e humilhação para os bons. Vem a seguir o dos neo-pagãos (eles raramente sabem grego), os nudistas e os sofredores dos deuses das Trevas, para quem o corpo é glorioso. Mas, em terceiro lugar, temos o ponto de vista expresso por Francisco de Assis quando chamou seu corpo de “Irmão Asno”. Os três podem ser justificados, não sei ao certo, mas quanto a mim prefiro o terceiro.

O termo asno é perfeitamente correto porque ninguém em seu juízo perfeito poderia reverenciar nem odiar um jumento. E um animal útil, forte, preguiçoso, obstinado, paciente, digno de amor e irritante; merecendo ora uma varada ora uma cenoura; tanto patético quanto absurdamente belo.

O mesmo acontece com o corpo. Não é possível viver com ele até reconhecermos que uma de suas funções em nossa vida é desempenhar o papel de bufão. Até que alguma teoria os tenha sofisticado, todo homem, mulher e criança no mundo sabe disto. O fato de termos corpos é a mais antiga das pilhérias. Eros (como a morte, o desenho de figuras e o estudo da medicina) pode em alguns momentos levar-nos a torna-lo com total seriedade. O erro consiste em concluir que Eros deveria fazer sempre isso e abolir permanentemente a graça. Mas não é o que acontece. As próprias faces de todos os amantes felizes esclarecem isso.

Os amantes, a não ser que seu amor seja de breve duração, repetidamente sentem um elemento não só de comédia, não só de brincadeira, mas até mesmo de bufonaria na expressão corporal de Eros. E o corpo nos frustraria se não fosse assim. Seria um instrumento excessivamente desajeitado para interpretar a música do amor a não ser que sua própria falta de jeito pudesse ser sentida como acrescentando à experiência total seu charme grotesco - um subenredo ou mascarada com sua própria violência franca que a alma encena em grandioso estilo. (Nas velhas comédias os amores líricos do herói e da heroína são imediatamente parodiados e corroborados por um caso muito mais vulgar entre uma Pedra-de-toque e uma Audrey ou um criado e uma arrumadeira.) O superior não subsiste sem o inferior. Existe sem dúvida em certos momentos uma excelsa poesia na carne em si; mas também, se me desculpam, um elemento irreduzível de não-poesia obstinada e ridícula. Se não se fizer sentir numa ocasião irá fazê-lo em outra. Será melhor plantá-la sem rodeios no drama de Eros como um escape cômico do que pretender que não a notou.

Nós realmente precisamos deste alívio. A poesia e a não-poesia ali se acham; tanto a gravidade como a leviandade de Vênus, o gravis ardor ou o peso candente do desejo. O prazer, levado ao extremo, nos esmaga como um sofrimento. O anseio por uma união que só a carne pode mediar enquanto essa mesma carne, nossos corpos que se excluem mutuamente, o tornam para sempre inalcançável, pode atingir a grandiosidade de uma busca metafísica. A amorosidade assim como a tristeza pode trazer lágrimas aos olhos. Vênus, porém, nem sempre surge assim “inteira, ligada à sua presa”, e o fato de que algumas vezes faz isso é a própria razão para conservar sempre uma dose de galhofa em nossa atitude para com ela. Quando as coisas naturais nos parecem mais divinas, o demônio está perto.

Esta recusa em mergulhar por inteiro - esta lembrança da leviandade mesmo quando no momento apenas a gravidade se manifesta - é especialmente pertinente a uma certa atitude que Vênus, em sua intensidade, desperta na maioria (creio que não em todos) dos amantes. Este ato pode levar o homem a um domínio extremo, embora de curta duração, à predominância de um conquistador ou captor, e a mulher à correspondentemente extrema abjeção e entrega. Daí a aspereza e até selvageria de algumas brincadeiras eróticas; o “beliscão do amante desejado e temido”. Como poderia um casal sensato pensar nisto? ou um casal cristão permiti-lo?

Penso que seja inofensivo e sadio sob uma condição.

Devemos reconhecer que temos aqui o que chamei de “sacramento pagão” no sexo. Na amizade, como notamos, cada participante representa precisamente a si mesmo - o indivíduo contingente que é. Mas no ato do amor não somos apenas nós mesmos. Também somos representantes. Não se trata aqui de empobrecimento mas enriquecimento, perceber que forças mais antigas e menos pessoais do que nós operam através de nossa pessoa. Em nós acha-se momentaneamente focalizada toda masculinidade e feminilidade do mundo, tudo que ataca e reage. O homem representa o papel de Pai-Céu e a mulher de Mãe-Terra; ele é a Forma e ela a Matéria.

Mas devemos dar o devido valor à palavra representa. Naturalmente, nenhum deles atua no sentido de ser um hipócrita. Mas cada um desempenha um papel em, digamos, algo comparável a uma peça misteriosa ou ritual (de um lado) e a uma mascarada ou mesmo uma charada (de outro).



A mulher que aceitasse como literalmente sua esta auto-rendição extrema, seria uma idólatra oferecendo a um homem o que pertence só a Deus. E o homem seria o mais vaidoso dos vaidosos, e na verdade um blasfemo, se viesse a arrogar-se a espécie de soberania à qual Vênus o exaltou.

Mas o que não pode ser legalmente cedido ou reclamado pode ser legalmente representado. Fora deste ritual ou drama ele e ela são duas almas imortais, dois adultos nascidos livres, dois cidadãos. Estaríamos enganados em supor que aqueles casamentos em que esta soberania é mais confirmada e reconhecida no ato de Vênus são os em que o marido provavelmente predomina na vida do casal como um todo; o inverso é talvez mais provável. Mas dentro do rito ou drama eles se transformam num deus e uma deusa entre os quais não existe igualdade cujas relações são assimétricas.

Alguns acharão estranho que eu descubra um elemento de ritual ou mascarada nesse ato tão freqüentemente considerado como o mais real, aberto e puramente genuíno, que jamais praticamos. Não somos verdadeiramente nós mesmos quando nus? Num certo sentido, não. O termo nu era originalmente um particípio passado. O homem nu era aquele que se submetera ao processo de despojamento, isto é, de pelar ou descascar (o verbo era usado para nozes e frutas).

Desde tempos imemoriais o homem nu pareceu aos nossos ancestrais como sendo anormal e não natural; não o homem que deixou de vestir-se, mas o que por alguma razão foi despido. E isso é um fato - qualquer um pode observá-lo numa casa de banho masculina - a nudez enfatiza a humanidade comum e diminui as características individuais. Dessa forma, somos mais “nós mesmos” quando vestidos. Através da nudez os amantes deixam de ser apenas João e Maria; o Ele e Ela universais são enfatizados. Quase poder-se-ia dizer que eles colocavam a nudez como um manto cerimonial ou como a fantasia para uma charada. Pois devemos continuar alertas - e mais do que nunca quando partilhamos do sacramento sagrado em nossas passagens amorosas - quanto a nos tornarmos sérios da maneira errada. O Pai-Céu é ele mesmo apenas um sonho pagão de Alguém muito maior do que Zeus e muito mais masculino do que o homem. E o homem mortal não é nem sequer o Pai-Céu e não pode realmente usar sua coroa. Apenas uma imitação dela, de ouropel. Não o chamo assim com desprezo. Gosto de rituais, gosto de teatro, gosto até de charadas. As coroas de papel têm o seu uso legítimo e sério no contexto próprio. Elas não são em última análise muito mais frágeis (“se a

imaginação as corrigir”) do que todas as honrarias terrenas.

Não ousou entretanto mencionar este sacramento pagão sem tentar impedir qualquer risco de confundi-lo com um mistério incomparavelmente superior. Da mesma maneira que a natureza coroa o homem com esse benefício, a lei cristã também o coroou na relação permanente do matrimônio, concedendo-lhe (ou será que deveria dizer “infligindo-lhe”?) uma certa “liderança”. Esta é uma coroação por completo diversa. E da mesma forma como podemos tomar o mistério natural demasiado a sério, podemos também não levar suficientemente a sério o mistério cristão.

Escritores cristãos (Milton especialmente) falaram algumas vezes da liderança do marido com uma complacência de gelar o sangue. Devemos voltar às nossas Bíblias. O marido é o cabeça da esposa somente até o ponto em que seja para ela o que Cristo é para a igreja. Deve amá-la como Cristo amou a igreja - leia adiante - e deu sua vida por ela (Ef 5:25).

Esta liderança então é melhor incorporada não no marido que todos desejaríamos ser, mas naquele cujo casamento se assemelha mais a uma crucifixão; cuja esposa recebe mais e retribui menos, é menos digna dele, é menos digna de amor (em sua condição natural). Pois a Igreja não tem beleza senão aquela que lhe confere o Noivo; ele não a encontra bela, mas lhe dá beleza. A confirmação desta terrível realidade não se manifesta nas alegrias do casamento de quem quer que seja, mas nas suas tristezas, nas doenças e sofrimentos de uma boa esposa ou nas faltas da esposa má, em seus cuidados incansáveis (e nunca ostentados) ou sua capacidade inesgotável de perdão; perdão, e não aquiescência. Da mesma forma que Cristo vê na Igreja terrena imperfeita, orgulhosa, fanática ou morna aquela Noiva que um dia se apresentará sem mancha nem ruga, e se empenha em produzi-la, também o marido cuja liderança se assemelha à de Cristo (e não lhe é permitida nenhuma outra) jamais desespera. Ele é um rei Cophetua que depois de vinte anos ainda espera que a pequena mendiga aprenda um dia falar a verdade e e lavar-se atrás da orelha.

Dizer isto não é afirmar que possa haver qualquer virtude ou sabedoria em fazer um casamento que envolve tanta miséria. Não existe bom senso nem virtude em buscar o martírio desnecessário ou cortejar deliberadamente a perseguição; todavia, é justamente no cristão perseguido ou martirizado que o modelo do Mestre é mais claramente concretizado. Assim sendo, nesses

casamentos terríveis, uma vez consumados, a “liderança” do marido, caso possa mantê-la, é mais semelhante a Cristo.

A feminista mais ardente não pode relutar em conceder ao meu sexo a coroa que lhe é oferecida no mistério pagão ou cristão, pois uma é de papel e a outra de espinhos. O perigo real não é o dos maridos agarrarem a última precipitadamente, mas que permitam ou obriguem as esposas a usurpá-la.

De Vênus, o ingrediente carnal no íntimo de Eros, volto-me agora para Eros como um todo. Veremos aqui repetido o mesmo padrão. Como Vênus em Eros não almeja realmente o prazer, também Eros não visa a felicidade. Podemos julgar que o faz, mas uma vez feito o teste o resultado é outro.

Todos sabem que é inútil tentar separar amantes provando que seu casamento será infeliz. Não só pelo fato de que não irão acreditar em suas palavras, pois mesmo que acreditassem não seriam dissuadidos. Quando Eros está em nós essa é justamente uma de suas marcas: preferimos ser infelizes com o ente amado a ser felizes em quaisquer outros termos.

Mesmo que os dois amantes sejam pessoas amadurecidas e experimentadas que saibam que corações partidos acabam por curar-se e possam prever claramente que, uma vez decididos a enfrentar a agonia da despedida, seriam certamente mais felizes dentro de dez anos do que o casamento em vista provavelmente os faria - mesmo assim não se separariam.

Todos esses cálculos são irrelevantes para Eros - da mesma forma que o julgamento brutal de Lucrécio é irrelevante para Vênus. Mesmo quando se toma claro, além de qualquer subterfúgio, que a união com o ser amado não trará felicidade quando não pode nem mesmo professar oferecer qualquer outro tipo de vida além de cuidar de um inválido incurável, da pobreza sem esperanças, do exílio ou da desgraça

- Eros jamais hesita em dizer: “Antes isto do que a separação.

Melhor ser miserável com ela do que feliz sem ela. Deixe que nossos corações se partam, desde que se partam juntos”. Se a voz em nosso íntimo não disser isto, não é a voz de Eros.

Esta a grandiosidade e o mal do amor. Note porém, como antes, lado a lado com essa grandeza, a brincadeira.

Eros, assim como Vênus, é objeto de anedotas incontáveis. E mesmo quando as circunstâncias dos dois amantes são tão trágicas que nenhum

espectador consegue estancar as lágrimas, eles próprios - na miséria, em leitos de hospital, nos dias de visita na prisão - serão algumas vezes surpreendidos por uma alegria que impressiona o observador (mas não eles) como insuportavelmente patética. Nada é mais falso do que a idéia de que a zombaria é necessariamente agressiva.

Até que tenham um filho para quem possam rir, os amantes estão sempre rindo um do outro.

No esplendor de Eros é que se ocultam as sementes do perigo.

Ele falou como um deus. Sua entrega total, sua desconsideração impetuosa da felicidade, sua transcendência da auto-consideração, soam como uma mensagem do mundo eterno.

Ele não pode porém, em sua posição natural, ser a voz do próprio Deus. Pois Eros, falando justamente com essa grandiosidade e manifestando essa transcendência do “eu”, pode impelir tanto para o mal como para o bem. Nada é mais superficial do que a crença de que o amor que leva ao pecado é sempre qualitativamente inferior - mais animal e mais trivial - àquele que leva ao casamento cristão fiel e produtivo.

O amor que leva a uniões cruéis e perjuras, até mesmo a pactos suicidas e assassinato, nem sempre é produto da sensualidade exacerbada nem do sentimento mal aplicado. Pode ser muito bem Eros em todo o seu esplendor, legitimamente sincero, pronto para qualquer sacrifício menos a renúncia.

Tem havido escolas de pensamento que aceitaram a voz de Eros como algo na verdade transcendente e tentaram justificar o absolutismo de suas ordens de comando. Platão supõe que “amar” é o reconhecimento mútuo na terra de almas que foram escolhidas uma para a outra numa existência celestial anterior.

Encontrar o ser amado é compreender “Nós nos amamos antes de ter nascido”. Isto é realmente admirável como um mito, a fim de expressar os sentimentos dos amantes. Mas se aceitássemos a idéia literalmente, ver-nos-íamos frente a frente com uma conseqüência embaraçosa. Teríamos de concluir que naquela vida esquecida e celestial as coisas não eram melhor administradas do que aqui, já que Eros pode unir os companheiros de jugo mais inadequados. Muitos casamentos infelizes e outros que já se previam que

seriam infelizes foram por amor.

Uma teoria com maior probabilidade de ser aceita atualmente é aquela que poderíamos intitular de “Romantismo Shaviano” - o próprio Bernard Shaw talvez a chamasse de “metabiológica”. Segundo a mesma, voz de Eros é a voz do élan vital ou Força da Vida, o “apetite evolucionário”. Ao envolver um casal determinado ele está buscando pais (ou ancestrais) para o super-homem, sendo indiferente tanto à felicidade pessoal como às regras morais porque visa algo que Shaw julga muito mais importante: a perfeição futura da nossa espécie. Mas se tudo isto fosse verdade ele decididamente não esclarece se devemos ou não obedecer-lhe e, caso positivo, por quê. Todas as imagens do Super-homem até agora oferecidas são tão pouco atraentes que valeria a pena fazer um voto de celibato imediatamente a fim de evitar o risco de concebê-lo. Em segundo lugar, esta teoria leva com certeza à conclusão de que a Força da Vida não compreende muito bem seu próprio objetivo (dela? ou dele?). Pelo que pudemos deduzir até agora, a existência ou intensidade de Eros entre duas pessoas não garante que seus descendentes sejam especialmente satisfatórios, ou sequer que venham a ter descendentes. Dois bons. traços hereditários (na linguagem dos criadores), e não dois bons amantes, é a receita para obter bons filhos. O que será que a Força da Vida estava fazendo durante todas aquelas gerações em que a concepção de filhos dependia muito pouco do Eros mútuo e sim dos casamentos arranjados, da escravidão e do rapto?

Será que ela só teve agora essa idéia brilhante para aperfeiçoamento da espécie?

Nem o tipo platônico nem o shaviano de transcendentalismo erótico pode ajudar o cristão. Não adoramos a Força da Vida nem sabemos nada a respeito de existências anteriores. Não devemos obedecer incondicionalmente à voz de Eros quando ele fala como um deus. Nem nos cabe ignorar ou tentar negar a qualidade divina. Este amor é real e verdadeiramente igual ao próprio Amor. Existe nele uma legítima aproximação de Deus (por semelhança); mas não, nem necessariamente, uma proximidade de Abordagem.

Eros, honrado na medida em que o amor de Deus e a caridade por nossos semelhantes permitir, pode tornar-se para nós um meio de Abordagem. A sua rendição total é um paradigma ou exemplo, embutido em

nossa natureza, do amor. que devemos exercitar para com Deus e o Homem.

Do mesmo modo que a natureza, para. quem a aprecia, dá conteúdo à palavra glória, este amor dá conteúdo ao I termo Caridade. É como se Cristo nos dissesse através de Eros: “Assim - deste modo com esta prodigalidade - sem contar o custo - você deve amar-me e ao menor de meus filhos”. Nosso louvor incondicional a Eros irá com certeza variar conforme as circunstâncias. De alguns é exigida renúncia total (mas não desprezo). Outros, com Eros como combustível e também como modelo, podem embarcar na vida conjugal, onde Eros, de si mesmo, jamais bastará - irá de fato sobreviver apenas na medida em que for continuamente disciplinado e confirmado por princípios superiores.

Eros, porém, honrado sem reservas e obedecido incondicionalmente, toma-se um demônio. E é justamente assim que ele alega ser honrado e obedecido. Divinamente insensível ao nosso egoísmo, ele é também demonicamente rebelde a qualquer reivindicação de Deus ou do homem que possam opor-se a ele. O poeta diz então.

As pessoas quando estão amando não se comovem com a [ bondade, E a oposição as faz sentir-se como mártires. Mártires é o termo exato. Há alguns anos quando escrevi sobre a poesia amorosa medieval e descrevi sua estranha e algo fictícia “religião de amor”, fui suficientemente cego para tratar o assunto como um fenômeno puramente literário.

Aprendi melhor desde então. Eros convida a esse tipo de coisa. De todos os amores, em seu apogeu, ele é o que mais se assemelha ao divino; sendo portanto o mais inclinado a exigir a nossa adoração. Por si mesmo ele sempre tende a transformar a condição de “estar amando” em uma espécie de religião.

Os teólogos sempre temeram neste amor o perigo da idolatria. Penso que queriam dizer com isso que os amantes poderiam vir a fazer um ídolo um do outro. Mas esse não me parece ser o perigo real, não no casamento certamente.

A conversa deliciosamente simples e a intimidade prática da vida conjugal tornam a idéia absurda. O mesmo acontece com a Afeição de que Eros invariavelmente se reveste. Mesmo durante o namoro duvido que alguém que tenha sentido sede pelo Não-Criado, ou sequer sonhasse em

senti-la, jamais supusesse que o ser amado poderia satisfazê-la. Como um companheiro de peregrinação estimulado pelo mesmo desejo, isto é, como um Amigo, o ser amado pode ser importante, de maneira gloriosa e útil; mas como um objeto do mesmo, não quero ser rude, mas seria ridículo, O verdadeiro perigo, suponho eu, não está na possibilidade de os amantes virem a colocar um ao outro num pedestal, mas que possam idolatrar o próprio Eros.

Não estou naturalmente dizendo que venham a construir altares e ofereçam-lhe orações. A idolatria a que me retiro pode ser vista na interpretação popular errada das palavras do Senhor: “Perdoados lhe são os seus muitos pecados, porque ela muito amou” (Lucas 7:47) . Pelo contexto e especialmente pela parábola anterior sobre os deveres, fica claro que o significado é este: “A grandiosidade do seu amor por Mim é evidência da grandeza dos pecados que perdoei a ela” . Milhares de pessoas, porém, têm uma opinião por completo diferente. Elas supõem em primeiro lugar, sem qualquer evidência, que os pecados da mulher foram contra a castidade, embora por tudo quanto sabemos podem ter sido usura, desonestidade nos negócios ou crueldade com os filhos. E acreditam então que o Senhor estivesse dizendo: “Perdão a infidelidade dela porque amou tanto”. A conclusão implícita é que um grande Eros atenua - quase sanciona quase santifica - qualquer ato provocado por ele.

Quando os amantes justificam algum ato que possamos reprovar, dizendo “O amor nos levou a isso”, note o tom. O indivíduo que explica: “Fiz isso porque estava com medo” ou “fiz isso porque estava zangado” fala de maneira muito diferente. Ele está dando uma desculpa por algo que julga que exige justificativa. Mas os amantes raramente estão fazendo exatamente isso.

Notem quão trêmula e quase devotamente pronunciam a palavra amor, não tanto como suplicando uma “circunstância atenuante” como apelando para uma autoridade. A confissão pode ser quase uma vanglória, contendo uma sombra de desafio. Eles “se sentem como mártires”. Nos casos extremos o que suas palavras realmente expressam é uma acanhada mas inabalável lealdade ao deus do amor.

“Essas razões na lei do amor passaram de todo,” ‘diz a Dalila de

Milton. O ponto é exatamente esse: na lei do amor.

“No amor”, temos a nossa própria “lei”, uma religião só nossa, nosso próprio deus. Onde um Eros real se faz presente, a resistência às suas ordens representa uma apostasia, e o que são na verdade tentações (pelo padrão cristão) falam com a voz de deveres - deveres quase religiosos, atos de zelo piedoso para com o Amor.

Ele constrói sua própria religião à volta dos amantes.

Benjamin Constant notou como o amor cria para eles, em poucas semanas ou meses, um passado conjunto que lhes parece imemorial. Recorrem continuamente ao mesmo com espanto e reverência, como os salmistas se reportam à história de Israel. Trata-se de fato do Velho Testamento da religião do Amor; o registro dos juízos e misericórdias do amor em relação aos seus escolhidos se compara ao momento em que eles souberam pela primeira vez que eram amantes. Depois disso, começa o seu Novo Testamento. Aham-se agora sob uma nova lei, sob o que corresponde à Graça nesta religião.

São novas criaturas, O “espírito” de Eros sobrepõe-se a todas as leis, e eles não devem “entristecê-lo”.

Esse espírito parece sancionar toda espécie de atos que não teriam ousado cometer de outro modo. Não estou querendo dizer apenas, ou principalmente, atos contra a castidade; pois podem ser também atos de injustiça ou impiedade contra o mundo exterior. Parecerão provas de piedade e zelo para com Eros. O casal pode dizer um para o outro num estado de espírito quase sacrificial: “Foi por amor que negligenciei meus pais - deixei meus filhos - enganei meu cônjuge - abandonei meu amigo na hora de maior necessidade”.

Essas razões na lei do amor passaram de todo. O discípulo pode até chegar a sentir um mérito especial nesses sacrifícios; pois que oferta mais valiosa pode ser depositada no altar do que a própria consciência?

E o tempo todo a pilhéria trágica é que este Eros cuja voz parece falar do reino eterno não é, ele mesmo, nem sequer necessariamente permanente, pois notoriamente é o mais mortal de nossos amores. O mundo ressoa com as queixas sobre a sua volubilidade. O que confunde é a combinação desta inconstância com seus protestos de permanência. Estar amando é tanto



pretender como prometer fidelidade por toda a vida. O amor faz juramentos não solicitados, não podendo ser impedido de fazê-los. “Serei sempre fiel” são quase as primeiras palavras que profere. Não com hipocrisia, mas sinceramente. Nenhuma experiência irá curá-lo dessa ilusão.

Todos ouvimos falar de pessoas que se apaixonam repetidamente; sinceramente convencidas a cada tentativa que “desta vez é para sempre”, que sua busca terminou, que encontraram seu verdadeiro amor e que serão fiéis até a morte.

Eros porém num certo sentido tem o direito de fazer esta promessa. A ventura de estar amando é de tal natureza que estamos certos em rejeitar como intolerável a idéia de que, o acontecimento talvez seja transitório. De um só pulo ele transpôs a parede espessa do nosso “eu”; tornou altruísta o apetite em si, jogou para o alto a felicidade pessoal como uma trivialidade e plantou os interesses de outrem no centro de nosso ser. Espontaneamente e sem qualquer esforço cumprimos a lei (em relação a uma pessoa) de amar nosso próximo como a nós mesmos. Trata-se de uma imagem, uma antecipação, do que devemos tornar-nos para todos se o próprio Amor imperar em nós sem um rival. Existe até mesmo um preparo para isso. Deixar de amar novamente é - se posso inventar essa feia palavra - uma espécie de desredenção.

Eros é impelido a prometer o que Eros por si mesmo não pode cumprir.

Será que vamos nos manter nesse estado de liberdade altruísta a vida inteira? Talvez nem mesmo uma semana. Entre os melhores amantes esta condição é intermitente. O velho “eu” logo mostra não estar tão morto corno parecia como acontece depois de uma conversão religiosa. Em qualquer dos casos ele pode achar-se momentaneamente inconsciente, mas logo se levantará; se não ficar de pé, pelo menos se porá de joelhos; se não rugir, pelo menos vai voltar aos seus resmungos mal-humorados ou seus queixumes. E Vênus escorregará de volta à simples sexualidade.

Esses lapsos não destruirão porém uma união entre duas pessoas “decentes e sensatas”. O casal cujo matrimônio correrá certamente um risco ou talvez venha a ser destruído é aquele que fez de Eros um ídolo. Pensaram

que ele tinha o poder e a fidelidade de um deus. Esperavam que esse simples sentimento fizesse por eles tudo o que fosse necessário, e isso permanentemente. Quando essa expectativa não se realiza jogam a culpa sobre Eros ou, no geral, sobre os seus parceiros. Na verdade, porém, Eros, depois de ter feito sua promessa gigantesca e lhe mostrado vislumbres do que seria a sua realização, “fez a sua parte”. Como um padrinho ele faz os juramentos, mas somos nós que devemos cumpri-los.

Cabe-nos fazer as obras de Eros quando ele não se acha presente. Todos os bons amantes sabem disso, embora os que não forem refletidos ou articulados só poderão expressar essa idéia em algumas frases convencionais, tais como: “aceitar de boa mente o lado bom e o mau”, não “esperar demasiado”, ter “um pouco de senso comum”, e outras. Todos os bons amantes cristãos sabem que este programa, por mais modesto que ele soe, não poderá ser executado sem humildade, caridade e graça divinas; que ele é na verdade toda a vida cristã observada de um determinado ângulo.

Eros então, como os demais amores, mas fazendo mais impacto por causa de sua força, doçura, terror e elevado propósito, revela sua verdadeira posição. Ele não pode de si mesmo ser aquilo que deve ser se se mantiver como Eros.

Precisa de ajuda, portanto necessita de disciplina. O deus morre ou se transforma num demônio a não ser que obedeça a Deus. Seria melhor em tal caso que sempre morresse.

Mas pode continuar vivendo, impiedosamente acorrentando dois atormentadores mútuos, cada um repleto do veneno do ódio-no-amor, cada um voraz para receber e implacavelmente recusando-se a dar, ciumento, suspeito, ressentido, lutando pelo domínio, determinado a ser livre sem permitir liberdade, vivendo de “cenças”. Leia Ana Karenina e não pense que tais coisas só acontecem na Rússia. A velha hipérbole de os amantes “comerem” um ao outro pode aproximar-se terrivelmente da verdade.

## **4. Caridade**

William Morris escreveu um poema intitulado “O Amor é Suficiente” e alguém fez uma breve revisão do mesmo, dizendo: “Ele não é”. Foi esse o

fardo deste livro. Os amores naturais não são auto-suficientes. Algo mais, a princípio vagamente descrito como “decência e senso comum”, mas depois revelado como bondade e finalmente como o total da vida cristã numa relação particular, deve vir em ajuda do mero sentimento caso este deva manter-se agradável.

Dizer isto não é depreciar os amores naturais mas indicar onde se acha a sua verdadeira glória. Não é desprezo pelo jardim dizer-lhe que não poderá tirar sozinho as ervas daninhas nem podar as árvores frutíferas ou colocar uma cerca ao seu redor, ou mesmo cortar a grama. Um jardim é uma coisa boa, mas essa não é a espécie de bondade que ele possui, pois permanecerá um jardim, distinto de uma selva somente se alguém fizer todas essas coisas para ele.

Sua verdadeira glória é de um tipo muito diferente. O próprio fato de necessitar cuidados constantes dá testemunho dessa glória. Ele fervilha de vida. Ele resplandece em cores e aromas celestiais e apresenta a cada hora de um dia de verão belezas que o homem jamais poderia ter criado nem mesmo imaginado com seus próprios recursos. Se você quiser ver a diferença entre a contribuição dele e a do jardineiro, coloque o mato mais comum que nele cresce lado a lado com as enxadas, ancinhos, tesouras de podar e pacote de inseticida; você colocou beleza, energia e fecundidade ao lado de coisas mortas, estéreis. Assim também a nossa “decência e bom senso” se mostram cinzas e cadavéricos ao lado da genialidade do amor. E, quando o jardim se encontra em plena glória, as contribuições do jardineiro para essa glória continuarão desprezíveis quando comparadas às da natureza.

Sem a vida brotando da terra, sem a chuva, a luz e o calor descendo do céu, ele nada poderia fazer. Depois de ter feito tudo, simplesmente encorajou aqui e desencorajou ali, poderes e belezas de uma fonte diferente. A sua contribuição, porém, embora pequena, é indispensável e laboriosa. Quando Deus plantou um jardim, Ele colocou um homem sobre o mesmo e este debaixo das suas ordens. Quando Ele plantou o jardim da nossa natureza e fez com que amores brotassem e frutificassem nele estabeleceu que “cuidássemos” deles.

Comparada com os mesmos ela é seca e fria e a não ser que a graça divina desça, com a chuva e o sol, usaremos em vão este instrumento. Mas os seus serviços laboriosos, e na maioria negativos, são indispensáveis. Se eles foram necessários enquanto o jardim era ainda paradisíaco, quanto mais agora quando o solo se contaminou e as piores espécies de ervas daninhas parecem

crescer alegremente nele? Mas, não permita o céu que labutemos com espírito de presunção e estoicismo. Enquanto ceifamos e podemos sabemos muito bem que aquilo em que estamos trabalhando está cheio de um esplendor e vitalidade que nossa vontade racional jamais poderia ter suprido por si mesma. Liberar esse esplendor, fazer com que se torne completamente aquilo que está tentando ser, obter apenas árvores altas em lugar de moitas emaranhadas, e maçãs doces em lugar de azedas, é parte de nosso propósito.

Mas apenas parte. Pois devemos encarar agora um tópico que deixe para o final. Até aqui quase não disse nada sobre os nossos amores naturais rivalizarem com o amor de Deus. A questão não pode mais entretanto ser evitada. Existem duas razões para tê-la posto de lado até este momento.

Uma delas, já insinuada, é que não é neste ponto que a maioria de nós precisa começar. A questão, no início, raramente é dirigida à nossa condição, pois para a maioria de nós a verdadeira rivalidade se acha entre o “eu” e o “Outro” humano, e não ainda entre o “Outro” humano e Deus.

E perigoso pressionar sobre alguém o dever de ultrapassar o amor terreno quando sua real dificuldade está em chegar até esse ponto.

Sem dúvida é fácil amar menos nosso semelhante e imaginar que isso está acontecendo porque estamos aprendendo a amar mais a Deus, quando a verdadeira razão pode ser muito diversa. Podemos estar somente “confundindo a deterioração da natureza pelo crescimento na Graça”. Muitas pessoas acham realmente difícil odiar suas esposas ou mães.

M. Mauriac, numa cena excelente, retrata os outros discípulos estupefatos e confusos com este estranho mandamento, mas não Judas, ele o aceita com facilidade.

Enfatizar a rivalidade num capítulo anterior do livro teria sido também prematuro de outra forma. A reivindicação de divindade, que nossos amores fazem tão facilmente, pode ser refutada sem adiantar-se tanto. Os amores provam que são indignos de tomar o lugar de Deus pelo fato de não conseguirem permanecer eles mesmos e cumprir o que prometem sem a ajuda divina. Por que provar que algum principelho não é o verdadeiro imperador quando sem o apoio deste ele não pode sequer manter o trono subordinado e pacificar sua insignificante província por seis meses? Até mesmo por sua própria causa os amores devem permanecer em plano secundário se quiserem

ser aquilo que pretendem ser. Neste jugo está sua verdadeira liberdade; eles “ficam mais altos quando se inclinam”. Pois quando Deus governa o coração humano, embora tenha de remover algumas vezes e por completo certas autoridades que lhe são inatas, com frequência mantém outras em suas posições e, sujeitando a sua autoridade a Ele, dá pela primeira vez a esse coração uma base firme. Nas palavras de Emerson: “quando os semideuses se vão, os deuses chegam”. Essa máxima é bastante duvidosa e seria melhor dizer: “Quando Deus chega (e somente então) os semideuses podem ficar”. Abandonados aos seus próprios recursos eles desaparecem ou se transformam em demônios. Somente em Seu nome é que podem com beleza e segurança “brandir seus pequenos tridentes”. O “slogan” rebelde: “Tudo em função do amor” é realmente a sentença de morte do amor (com a data da execução deixada em branco, no momento).

Mas a questão da Rivalidade, por essas razões de há muito adiadas, precisa ser agora enfrentada. Num período anterior, exceto no Século Dezenove, ela teria sido parte importante num livro sobre este assunto. Se os vitorianos precisavam ser lembrados de que o amor não basta, teólogos mais antigos estavam sempre declarando em alta voz que o amor (natural) irá provavelmente mostrar-se excessivo. O perigo de amar nossos semelhantes muito pouco estava menos presente em suas mentes do que amá-los com idolatria. Em toda mãe, esposa, filho e amigo eles viam um possível rival de Deus. E, naturalmente, nosso Senhor faz o mesmo (Lucas 14:26).

Existe um método para dissuadir-nos de amar imoderadamente nosso semelhante que me acho rejeitando desde o princípio. Faço isso com tremor, pois encontrei-o nas páginas de um grande santo e pensador a quem muito devo.

Em palavras que ainda podem provocar lágrimas, Agostinho descreve a desolação em que a morte de seu amigo Nebridius o mergulhou (Confissões IV, 10). E extrai então uma moral. Isto é o que acontece, diz ele, quando entregamos nosso coração a qualquer coisa além de Deus. Todos os seres humanos morrem. Não permita que sua felicidade dependa de algo que pode perder. Caso o amor deva ser uma bênção e não uma maldição, deve dirigir-se ao único Amado que jamais partirá.

Isto na verdade é de um bom senso notável. Não coloque os seus bens num recipiente rachado. Não gaste demasiado numa casa da qual tenha de

sair. E não existe ninguém que reaja mais naturalmente do que eu a tais máximas. Sou uma criatura que põe a segurança em primeiro lugar. De todos os argumentos contra o amor nenhum faz um apelo mais forte à minha natureza do que “Cuidado! Isto pode fazer com que sofra”.

A minha natureza, ao meu temperamento, mas não à minha consciência. Quando respondo a esse apelo pareço, a mim mesmo, estar a milhares de quilômetros de Cristo. Se existe alguma coisa de que estou certo é o fato de Seus ensinamentos não terem tido por um instante sequer o propósito de confirmar minhas preferências congênicas por investimentos seguros e responsabilidades limitadas. Duvido que haja em mim algo que o desagrade tanto quanto isso. E quem poderia começar a amar a Deus numa base tão prudente - porque a segurança (por assim dizer) é melhor? Quem poderia sequer incluí-la entre as razões para amar? Você escolheria uma esposa ou um amigo, ou até mesmo um cão, nesse estado de espírito? E preciso estar completamente fora do mundo do amor, de todos os amores, quando se fazem cálculos desses.

Eros, o fora da lei, preferindo o Amado à felicidade, se assemelha ao próprio Amor muito mais do que isto.

Julgo que esta passagem das Confissões é mais um remanescente das sofisticadas filosofias pagãs que o cercavam do que parte de seu cristianismo. Ela está mais próxima da “apatia” estoica ou do misticismo neoplatônico do que da caridade.

De minha parte, prefiro seguir Aquele que chorou sobre Jerusalém e sobre o túmulo de Lázaro e, amando a todos, tinha porém um discípulo a quem ele “amava” num sentido especial. Paulo tem para nós maior autoridade que Agostinho - o apóstolo Paulo que mostra todos os sinais de que teria sofrido como homem e cujos sentimentos com certeza não seriam refreados no caso de Epafrodito ter morrido (Filipenses 2:27). Mesmo sendo admitido que o fato de nos protegermos das decepções fosse uma atitude sábia, o próprio Deus oferece tal segurança? Parece que não. Cristo diz no final: “Por que me abandonaste?”

Não existe alívio na sugestão de Agostinho. Nem em qualquer outra linha de pensamento. Não existe um investimento seguro. Amar é ser vulnerável. Ame qualquer coisa e seu coração irá certamente ser espremido e

possivelmente partido. Se quiser ter a certeza de mantê-lo intacto, não deve dá-lo a ninguém, nem mesmo a um animal. Envolve-o cuidadosamente em passatempos e pequenos confortos, evite todos os envolvimento, feche-o com segurança no esquite ou no caixão do seu egoísmo. Mas nesse esquite - seguro, sombrio, imóvel, sufocante - ele irá mudar. Não será quebrado, mas vai tornar-se inquebrável, impenetrável, irredimível.

A alternativa para a tragédia, ou pelo menos para o risco da tragédia é a danação. O único lugar fora do céu onde você pode manter-se perfeitamente seguro contra todos os perigos e perturbações do amor é o inferno.

Acredito que os amores mais fora-da-lei e imoderados são menos contrários à vontade de Deus do que uma falta de amor auto-provocada e auto-protetora. E como ocultar o talento (a moeda) num lenço e por essa mesma razão. “Eu sabia que o senhor era um homem cruel”. Cristo não ensinou e sofreu a fim de nos tornarmos, mesmo em nossos amores naturais, mais cuidadosos com nossa própria felicidade. Se o homem não faz cálculos com relação aos entes queridos terrenos a quem vê, irá provavelmente agir da mesma forma para com Deus a quem não vê. Iremos aproximar-nos mais de Deus aceitando os sofrimentos inerentes a todos os amores e oferecendo-os a Ele, em lugar de fazer tudo para evitá-los. É preciso despojar-nos de toda a nossa armadura defensiva. Se nossos corações tiverem de partir-se, e se Ele escolher este como sendo o meio de parti-los, assim seja.

Continua sendo verdade que todos os amores naturais podem ser imoderados. Imoderado não significa “insuficientemente cauteloso”, nem “excessivo”. Não se trata de um termo quantitativo. E provavelmente impossível amar qualquer ser humano simplesmente “demasiado”. Podemos amá-lo demais em proporção ao nosso amor a Deus; mas é a insignificância de nosso amor por Deus e não a grandeza de nosso amor pelo homem que constitui o excesso, embora mesmo isto precise ser aperfeiçoado. De outra forma poderíamos perturbar aqueles que já se acham no caminho certo, mas se alarmem por não poderem sentir em relação a Deus uma emoção tão sensível como a que sentem pelo ente amado terreno. Deveríamos desejar ardentemente, pelo menos é o que penso, que pudéssemos senti-la sempre e devemos orar para que este dom nos seja concedido. Mas a questão de estarmos amando “mais” a Deus ou ao ente querido não é, no que se refere ao nosso dever cristão, uma questão relativa à intensidade comparativa de dois sentimentos. A verdadeira pergunta é a quem você serve, ou prefere, ou

coloca em primeiro lugar (quando surge a necessidade de fazer uma opção)? A sua vontade cede, em análise final, a qual das duas exigências?

Como freqüentemente acontece, as palavras do Senhor são tanto mais fortes como mais tolerantes do que as dos teólogos. Ele nada diz sobre guardar-se dos amores terrenos por medo de ferir-se, mas afirma algo que estala como um chicote a respeito de esmagá-los sob os pés quando tentam impedir-nos de segui-lo. “Se alguém vem a mim, e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher... e ainda a sua própria vida, não pode ser meu discípulo” (Lucas 14:26).

Como devemos, porém, compreender a palavra “aborreço” ou “odeia”? Que o próprio Amor esteja ordenando o que entendemos comumente por odiar, ordenando que guardemos ressentimento, que nos regozijemos com a miséria alheia, nos agrademos em injuriá-lo, é quase uma contradição. Penso que nosso Senhor no sentido aqui incluso, “odiou” Pedro quando disse, “Arreda”. Odiar é rejeitar, virar o rosto, não fazer concessões ao ser amado quando ele profere as sugestões do diabo, por mais doces que pareçam ou mais dignas de piedade. O homem que tenta servir a dois senhores, disse Jesus, “odiará” um deles e “amará” o outro.

Não se trata aqui com toda certeza de simples sentimentos de aversão e apreciação.

Ele irá associar-se, ceder, e trabalhar para um e não para o outro. Consideremos de novo: “amei a Jacó, porém aborreci a Esaú” (Malaquias 1:2-3). Como o chamado “ódio” de Deus foi manifestado na história em questão? Não da forma como poderíamos esperar. Não existe naturalmente base para supor que Esaú teve um mau fim e perdeu a sua alma. O Velho Testamento, aqui como em outros pontos, nada tem a dizer, sobre esses assuntos.

Do ponto de vista da vida terrena, em todos os sentidos comuns, Esaú foi muito mais abençoado que Jacó. Foi Jacó que passou por todas as decepções, humilhações, terrores e sofrimentos. Mas ele possui algo que falta a Esaú. Ele é um patriarca. Passa adiante a tradição hebraica, transmite a vocação e a bênção, toma-se o ancestral do Senhor. O “amor” a Jacó parece significar sua aceitação para uma vocação elevada (e penosa); o “ódio” a Esaú, a sua rejeição.



Ele é “posto de lado”, deixa de alcançar o alvo, é julgado inútil para o propósito em vista. Assim sendo, em último recurso temos de abandonar ou desqualificar os que estão mais próximos de nós e nos são mais queridos quando eles interferem em nossa obediência a Deus. Não devemos agir de acordo com a piedade que sentimos, é preciso fechar os olhos às lágrimas e os ouvidos às súplicas.

Não direi que este dever é difícil, Alguns o acham demasiado fácil e outros difícil demais, quase insuportável. O que é difícil para todos é saber quando chega a ocasião para tal “ódio”. Nosso temperamento nos engana. Os mansos e ternos - maridos excessivamente afeiçoados, mulheres submissas, pais amorosos, filhos obedientes não acreditarão facilmente que ela tenha jamais chegado. As pessoas auto-suficientes, um tanto dominadoras, poderão crer demasiado cedo. Essa a razão por que é de extrema importância ordenar de tal forma nossos amores que ela provavelmente nunca venha a chegar.

Como isto poderia acontecer é fácil verificar, num nível muito inferior, quando o Cavaleiro-poeta, partindo para a guerra, diz à sua amada:

Não poderia amar-te tanto querida,  
Se não amasse a honra ainda mais.

Existem mulheres para quem essa súplica não teria significado. A honra seria apenas uma daquelas coisas tolas de que os homens falam. Uma desculpa verbal, portanto uma agravação da ofensa contra a “lei do amor” que o poeta está prestes a cometer. Lovelace pode usá-la com confiança porque a sua amada é a esposa de um Cavaleiro, admitindo como ele as exigências da honra. Não é preciso que a “odeie”, que vire o rosto para ela, porque ambos reconhecem a mesma lei.

Concordaram e compreenderam-se mutuamente muito antes a respeito deste assunto. A tarefa de levá-la a crer na honra não precisa ser agora empreendida - agora que a decisão está sobre eles. Este acordo anterior é absolutamente necessário quando uma reivindicação maior do que a da honra está em causa.

Quando a crise se abate é tarde demais para contar à sua esposa, marido, mãe, ou amigo, que seu amor possuía suas reservas secretas todo o

tempo - “sob Deus” ou “até o ponto em que um amor mais alto permita”. Deviam ter sido advertidos; não explicitamente, mas pela implicação de mil conversas, pelo princípio revelado em uma centena de decisões sobre trivialidades.

De fato, um verdadeiro conflito sobre esse assunto deveria fazer-se sentir suficientemente cedo a fim de evitar que um casamento ou uma amizade viesse a existir. O melhor amor de um ou outro tipo não é cego. Oliver Elton, falando de Carlyle e Mill, afirmou que diferiam a respeito da justiça e que tal diferença seria naturalmente fatal “a qualquer amizade digna desse nome”. Se “tudo” - realmente tudo - “pelo amor” estiver implícito na atitude do ser amado, o amor dele ou dela não vale a pena de ser alcançado, pois não se relaciona da maneira certa com o próprio Amor.

Isto me leva ao pé da última subida íngreme que este livro deve empreender. Devemos tentar associar as atividades chamadas “amores” àquele amor que é Deus, um tanto mais precisamente do que fizemos até agora. A precisão pode, como é natural, ser apenas aquela de um modelo ou símbolo, certa de falhar no final, e mesmo enquanto a usamos, exigindo correção de outros modelos. O mais humilde de nós, num estado de Graça, pode ter algum “conhecimento por familiaridade” (*connaitre*) algum “sabor” do próprio Amor; mas o homem mesmo no apogeu da santidade e inteligência não tem um “conhecimento direto sobre” (*savoir*) o Ser final - apenas analogias. Não podemos ver a luz, embora com ela possamos ver coisas. Declarações sobre Deus são extrapolações do conhecimento de outras coisas que a iluminação divina nos capacita a ver. Estendo-me nesses pontos porque, no que se segue, meus esforços para ser claro (e não intoleravelmente extenso) podem sugerir uma confiança que na verdade não sinto. Seria um louco se o fizesse. Aceite-os como um devaneio, quase como um mito. Se algo neste estudo for de utilidade, faça uso dele; caso contrário, ponha-o de lado.

Deus é amor. De novo: “Nisto consiste o amor, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou” (I João 4:10). Não devemos principiar com misticismo, com o amor da criatura por Deus, ou com a maravilhosa antecipação da fruição de Deus concedida a alguns na vida terrena.

Começamos no verdadeiro início, com o amor como a energia Divina.

Este amor primevo é o amor-Doação. Em Deus não existe fome a ser satisfeita, apenas fartura que deseja doar. A doutrina de que Deus não tinha necessidade de criar não é uma peça de especulação acadêmica, mas essencial.

Sem ela dificilmente poderíamos evitar o conceito do que só nos caberia chamar Deus de “administrador”, um Ser cuja função ou natureza fosse “operar” o universo, que se acha em relação a ele como o reitor para a escola e o gerente para o hotel. Ser porém soberano do universo não é coisa difícil para Deus. Em si mesmo, em casa, na “terra da Trindade”, ele é soberano de um reino muito maior. Devemos manter sempre diante dos olhos essa visão de Lady Juliana em que Deus levava na mão um objeto pequeno, do tamanho de uma noz, e essa noz era “tudo que é feito”. Deus, que de nada precisa, faz existir pelo amor criaturas inteiramente supérfluas a fim de que possa amá-las e aperfeiçoá-las.

Ele cria o universo, já prevendo — ou deveríamos dizer “vendo”? Não existem tempos em Deus — a nuvem zumbidora de moscas ao redor da cruz, as costas esfoladas comprimidas contra a estaca rústica, os pregos atravessando os nervos, a sufocação repetida e incipiente à medida que o corpo desfalece, a tortura contínua das costas e dos braços quando ele é içado a fim de poder respirar. Se posso ousar fazer uma imagem biológica, Deus é um “hospedeiro” que cria deliberadamente seus: próprios parasitas; fazendo-nos existir a fim de que possamos explorá-lo e “tirar proveito” dEle. Este o diagrama do próprio Amor, o inventor de todos os amores.

Deus, como Criador da natureza, implanta em nós tanto o amor-Doação como o amor-Necessidade. Os amores-Doação são imagens naturais dele mesmo; aproximações dele por semelhança, que não são necessariamente proximidades de abordagem nem abrangem todos os homens. Uma mãe devotada, um governador ou professor benévolo, podem dar e dar, manifestando sempre a semelhança, sem proceder à abordagem. O amor-Necessidade, até o ponto em que pude observar, não tem semelhança como o Amor que Deus é. São na verdade correlativos, opostos; não como o mal é o contrário do bem naturalmente, mas como a forma do manjar branco é diferente da do mofo.

Mas, além desses amores naturais, Deus pode conceder um dom muito mais precioso; ou seja, desde que nossa mente precisa dividir e classificar, dois dons.

Ele comunica aos homens uma parcela de seu próprio amor-Doação. Isto difere dos amores-Doação que embutiu na natureza deles, pois os mesmos jamais buscam simplesmente o bem do objeto amado por causa do próprio objeto.

Inclinam-se a favor daqueles bens que eles mesmos podem conceder, ou os que prefeririam, ou ainda os que se enquadram com uma imagem preconcebida da vida que gostariam que o objeto levasse. Mas o amor-Doação divino – o próprio Amor operando no homem – é inteiramente desinteressado e deseja o que é simplesmente melhor para o ente amado.

De novo, o amor-Doação natural está sempre dirigido para os objetos que a pessoa que ama considera de alguma forma intrinsecamente dignos de amor - objetos para os quais a Afeição, ou Eros ou um ponto de vista partilhado o atraia, ou, falhando isso, aos gratos e merecedores, ou talvez àqueles cujo desamparo é de um tipo cativante e sedutor. Mas o amor-Doação divino no homem o capacita a amar o que não é naturalmente digno de amor; os leprosos, criminosos, inimigos, retardados, rabugentos, superiores e zombeteiros.

No final, mediante um paradoxo, Deus capacita os homens a terem um amor-Doação em referência a Ele mesmo.

Existe de fato um sentido em que ninguém pode dar a Deus o que já não seja seu; e se já é dEle, o que você terá dado? Mas desde que é demasiado óbvio podemos ter reservas, guardar nossa vontade e nosso coração de Deus, podemos nesse sentido, também dá-los. O que é dEle de direito e não existiria num momento se deixasse de ser seu (como o canto é do cantor), Ele mesmo assim tornou nosso de forma tal que podemos oferecê-lo livremente de volta a Ele. “Nossa vontade é nossa para fazê-la tua”. E como todos os cristãos sabem existe um outro modo de dar a Deus, todo estranho que alimentamos ou vestimos é Cristo. Isto é aparentemente amor-Doação a Deus quer o saibamos ou não. O próprio Amor pode operar naqueles que nada sabem a seu respeito.

As “ovelhas” na parábola não tinham idéia do Deus oculto no prisioneiro a quem visitaram ou do Deus oculto nelas quando fizeram a visita. (Penso que a parábola inteira fala do julgamento dos pagãos, pois começa dizendo que o Senhor irá chamar “todas as nações” diante dEle - presumivelmente os gentios, os goyim).

Que tal amor-Doação venha pela Graça e devesse chamar-se Caridade, todos irão concordar. Devo, porém acrescentar algo que talvez não seja tão facilmente admitido. Ao que me parece, Deus concede dois outros dons: um amor-Necessidade dEle mesmo, sobrenatural, e um amor-Necessidade sobrenatural de uns pelos outros. Não quero indicar com o primeiro o amor Apreciativo dEle mesmo, o dom da adoração. O pouco que tenho a dizer sobre esse assunto mais elevado, mais sublime, virá mais tarde. Estou falando de um amor que não sonha sequer em ser generoso, uma indigência insondável.

Como um rio cortando seu próprio caminho, como um vinho mágico que ao ser despejado criasse simultaneamente o copo que iria contê-lo, Deus transforma nossa necessidade deles em amor-Necessidade de sua pessoa. Mais estranho ainda é que Ele cria em nós uma receptividade maior da Caridade por parte de nossos semelhantes. A necessidade está tão próxima da cobiça e nós já somos tão cobiçosos que parece uma graça singular. Não posso porém tirar da cabeça a idéia de que é isto que acontece.

Vamos considerar primeiro este amor-Necessidade sobrenatural dEle mesmo, concedido pela Graça. A Graça, naturalmente, não cria a necessidade. Esta já se encontra ali; “dada” (como dizem os matemáticos) no simples fato de sermos criaturas, e incalculavelmente acrescentada por sermos criaturas decaídas. O que a Graça dá é o pleno reconhecimento, a percepção sensível, a aceitação completa - e até mesmo, com certas reservas, a aceitação alegre - desta Necessidade. Pois, sem a Graça, nossos desejos e nossas necessidades entram em conflito.

Todas essas expressões de auto-depreciação que a prática coloca na boca do cristão parecem para o mundo exterior como o rastejar insincero de um bajulador perante um tirano, ou pelo menos um modo de falar, como o cavaleiro chinês se deprecia ao chamar-se de “pessoa rude e iletrada”.

Na verdade, porém, elas expressam a tentativa contínua, por ser continuamente necessária, de negar aquela interpretação errada de nós mesmos e de nossa relação com Deus que a natureza, mesmo quando oramos, está sempre nos recomendando.

No momento em que cremos que Deus nos ama, logo sentimos o impulso de crer que Ele faz isso não por ser Amor, mas porque somos

intrinsecamente dignos de amor.

Os pagãos obedeciam a este impulso sem envergonhar-se; um homem bom era “querido dos deuses” por ser bom. Mas nós, tendo sido melhor informados, recorremos ao subterfúgio. Longe de nós pensar que possuímos virtudes pelas quais Deus poderia amar-nos. Mas, então, quão magnificamente nos arrependemos! Como diz Bunyan (no livro “O Peregrino”), ao descrever sua primeira e ilusória conversão: “Julgava não haver ninguém na Inglaterra que agradasse mais a Deus do que eu”. Atirados para fora disto, oferecemos a seguir à admiração de Deus nossa própria humilhação. Com certeza Ele irá ficar contente com isso? Ou, se não for isso, nosso reconhecimento perspicaz e humilde de que carecemos ainda de humildade. Assim, camada após camada, sutileza dentro de sutileza, permanece ainda uma impressão hesitante de nossa própria atração. É fácil reconhecer, mas praticamente impossível compreender por muito tempo, que não passamos de espelhos cujo brilho, caso sejamos brilhantes, totalmente derivado do sol que resplandece sobre nós. Com certeza devemos ter pelo menos um pouco de luminosidade inata? Não somos certamente apenas criaturas?

A Graça substitui por uma aceitação plena de nossa Necessidade, como a de uma criança, mostrando júbilo completo na dependência total, o emaranhado absurdo de uma Necessidade, mesmo um amor-Necessidade, que jamais reconhece a sua própria carência. Tornamo-nos “mendigos alegres”. O homem bom se entristece com os pecados que aumentaram a sua Necessidade, mas não fica de todo triste pela nova Necessidade que produziram. E não se aborrece absolutamente com a Necessidade inocente inata à sua condição de criatura. Pois todo o tempo esta ilusão de que temos algo nosso mesmo ou que possamos por uma hora reter através de nossos próprios esforços qualquer bondade que Deus possa derramar sobre nós, nos impediu de ser felizes. Somos como os banhistas que querem manter os pés - ou um pé, ou um só dedo - no fundo, quando perder o pé seria entregar-se a um tombo glorioso em meio às ondas. Os resultados de abandonarmos nossa última reivindicação à liberdade, poder ou mérito intrínsecos, são verdadeira liberdade poder e merecimento; que irão pertencer-nos realmente só porque Deus nos dá essas coisas e porque sabemos (num outro sentido) que são “nossas”. Anodos livrou-se de sua sombra.

Deus, porém, também transforma nosso amor-Necessidade de uns

pelos outros, e isto exige uma transformação idêntica. Todos nós necessitamos às vezes, e alguns na maior parte do tempo, aquela Caridade proveniente de outros que, sendo o próprio Amor neles, ama os que não são dignos de amor. Mas isto, embora seja um tipo de amor necessário, não é aquele que desejamos. Queremos ser amados pela nossa sagacidade, beleza, generosidade, justiça, utilidade. A primeira insinuação de que alguém está nos oferecendo o mais sublime de todos os amores é um choque terrível. Isto é tão reconhecido que as pessoas maldosas irão pretender que estão nos amando por Caridade precisamente por saberem que isso irá ferir- nos. Dizer a alguém que espera uma renovação de Afeição, Amizade, ou Eros, “eu o perdoo como cristão” é simplesmente um modo de continuar a briga. Os que dizem isso estão na verdade mentindo. Mas essas palavras não seriam ditas com falsidade a fim de ferir, a não ser que, sendo verdadeiras, elas fossem ofensivas.

Como é difícil receber, e continuar recebendo de outros um amor que não depende de nossa própria atração, pode ser exemplificado mediante um caso extremo. Suponhamos que você tenha contraído logo após o casamento uma doença incurável que talvez não vá matá-lo por muitos anos; tornando- o inútil, impotente, medonho, repulsivo; dependendo do ordenado de sua mulher; empobrecendo quando esperava enriquecer; prejudicado até mesmo no intelecto e varrido por rajadas de um gênio incontrolável, cheio de exigências inevitáveis. Suponhamos também que a piedade e o cuidado de sua esposa sejam inesgotáveis. O homem que pode aceitar isto com brandura, que pode tudo receber e não dar nada em troca.- que pode abster-se até daquelas cansativas auto-depreciações que só na verdade uma exigência de carinhos e conforto extra, está fazendo algo que o amor-Necessidade em sua condição simplesmente natural não poderia atingir. (A esposa sem dúvida também estará praticando algo além do alcance de um amor- Doação natural, mas esse não é o ponto no momento.)

Num caso assim, receber é mais difícil e talvez mais abençoado do que dar. Mas o que o exemplo extremo ilustra é universal. Todos recebemos Caridade. Existe alguma coisa em cada um de nós que não pode ser amado naturalmente.

Não é culpa de ninguém não amar essa coisa. Somente os dignos de amor podem ser amados com amor natural. Seria o mesmo que pedir às pessoas para gostarem de pão embolorado ou do som de uma furadeira

mecânica. Podemos ser perdoados, dignos de piedade e amados apesar dessa falha, com Caridade e de nenhum outro modo. Todos os que têm bons pais, esposas, maridos ou filhos, podem estar certos de que algumas vezes, e talvez sempre com respeito a algum traço ou hábito particular, estão recebendo Caridade e não sendo amados por serem dignos de amor, pois o próprio Amor está naqueles que os amam.

Deus então, quando admitido no coração humano, transforma não só o amor-Doação mas o amor- Necessidade; não apenas o nosso amor-Necessidade dEle, mas nosso amor-Necessidade de uns pelos outros. Isto não é naturalmente a única coisa que pode acontecer. Ele pode surgir com o que nos parece uma missão ainda mais medonha e exigir que um amor natural seja totalmente abandonado.

Uma vocação, elevada e terrível como a de Abraão pode constranger o homem a voltar as costas a seu próprio povo e à casa de seu pai. Eros, quando dirigido a um objeto proibido talvez tenha de ser sacrificado. Em tais casos, o processo, embora difícil de suportar, é fácil de entender.

O que provavelmente iremos esquecer é a necessidade de uma transformação mesmo quando o amor natural tem permissão para prosseguir.

Em tal caso o Amor divino não toma o lugar do natural como se tivéssemos de jogar fora a porta para abrir espaço para o ouro. Os amores naturais passam a ser tipos de Caridade, embora não percam sua qualidade de amores naturais.

Vemos aqui imediatamente uma espécie de eco, ou rima, ou corolário da própria Encarnação. Isto não deve surpreender-nos, pois o Autor de ambos é o mesmo. Da mesma forma que Cristo é perfeito Deus e perfeito Homem, os amores naturais são chamados para tomar-se a perfeita Caridade e também perfeitos amores naturais. Do mesmo modo como Deus se torna Homem “não pela conversão da Divindade em carne, mas introduzindo em Deus a humanidade” isso acontece aqui. A Caridade não se dilui no simples amor natural, mas este é introduzido, feito instrumento adaptado e obediente, do próprio Amor.

Como isto acontece quase todos os cristãos sabem. Todas as atividades (com exceção dos pecados) dos amores naturais podem num momento favorável tornar-se obras do amor-Necessidade alegre, franco e grato, ou do



amor-Doação, generoso, não oficial, sendo ambos Caridade. Nada é demasiado trivial ou animal para ser assim transformado.

Um jogo, uma brincadeira, uma bebida partilhada, uma conversa ociosa, um passeio, um ato de Vênus - todos eles podem ser modalidades em que perdoamos ou aceitamos perdão, em que consolamos ou somos reconciliados, em que não “buscamos o que é nosso”. Dessa forma, em nossos próprios instintos, apetites e distrações, o Amor preparou-se para um “corpo”.

Eu mencionei porém “uma hora favorável”. As horas passam depressa. A transformação total e segura de um amor natural em uma forma de Caridade é uma obra tão difícil que talvez homem algum decaído já chegou ao ponto de realizá-la com perfeição. A lei que exige que os amores sejam assim transformados é, todavia, segundo suponho, inexorável.

Um dos problemas é que podemos tomar aqui o caminho errado, como é comum. Um círculo ou família cristã, tendo entendido este princípio pode querer demonstrar em seu comportamento exterior e especialmente em suas palavras, ter alcançado a coisa em si uma demonstração elaborada, embaraçosa e intolerável. Tais pessoas fazem de toda questão trivial um assunto de importância espiritual explícita - em voz alta e uns para os outros (para Deus, de joelhos, por trás de portas fechadas seria outra coisa). Estão sempre pedindo perdão desnecessariamente ou oferecendo esse sentimento de maneira intolerável. Quem não preferiria viver com essas pessoas comuns que superam seu mau humor (e o nosso) sem muita ênfase, permitindo que uma refeição, uma noite de sono ou uma brincadeira conserte tudo? A verdadeira obra deve ser dentre todas a mais secreta. E, se isso for possível, secreta até para nós mesmos. Nossa mão direita não precisa saber o que a esquerda está fazendo. Não progredimos muito se jogamos cartas com os filhos “simplesmente” para diverti-los ou para mostrar-lhes que foram perdoados. Se isto é o melhor que podemos fazer, estamos certos em agir assim. Mas seria muito melhor se uma Caridade mais profunda, menos consciente, nos levasse a uma disposição mental em que uma brincadeira com as crianças fosse exatamente aquilo que mais desejássemos no momento.

Somos, porém, ajudados neste trabalho necessário justamente por aquele aspecto de nossa experiência que mais lamentamos. O convite para transformarmos nossos amores naturais em Caridade jamais é omitido. Ele é

provido por aquelas fricções e frustrações que nos defrontam em todos eles, uma evidência indiscutível de que o amor (natural) não vai “basta” - indiscutível, a não ser que estejamos cegos pelo egoísmo. Quando isso acontece, fazemos uso deles absurdamente. “Se apenas eu tivesse sido mais feliz com meus filhos (esse menino cada dia mais se parece com o pai) poderia tê-los amado perfeitamente.” Mas toda criança é algumas vezes irritante, grande parte delas chega a ser até odiosa. “Se apenas meu marido fosse mais considerado, menos preguiçoso, menos extravagante”... “Se pelo menos minha mulher fosse menos geniosa e tivesse mais bom senso, e fosse menos extravagante”... “Se meu pai não fosse tão infernalmente prosaico e mesquinho”. Mas em todos e, logicamente, em nós também, existe aquele defeito que exige tolerância e perdão. A necessidade de praticar essas virtudes nos leva, nos força a tentar transformar nosso amor em Caridade; ou, melhor ainda, faz com que permitamos que Deus transforme os nossos sentimentos.

Essas irritações e atritos são benéficos. Pode ser até que onde eles não existirem a conversão do amor natural seja mais difícil. Quando são muitos a necessidade de superá-los é evidente. Erguer-se acima dele quando estiver tão satisfeito e tão pouco impedido quanto o permitirem as condições terrenas - ver que precisamos rios elevar quando tudo parece estar tão bem isto pode exigir uma conversão mais sutil e uma percepção mais delicada. Deste modo também pode ser difícil para os “ricos” entrarem no Reino..

Creio, porém, que a necessidade da conversão é inexorável, pelo menos se nossos amores naturais devam entrar na vida celestial. Que eles podem entrar a maioria de nós acredita. Podemos esperar que a ressurreição do corpo signifique também a ressurreição do que pode ser chamado nosso “corpo maior”; a textura geral de nossa vida terrena com suas afeições e relacionamentos. Mas apenas numa condição; não se trata de uma condição estabelecida por Deus, mas que é necessariamente inerente ao caráter do Céu. “Carne e sangue”, a simples natureza, não pode herdar o Reino. O homem só pode subir ao céu porque o Cristo, que morreu e ascendeu aos céus, é “formado nele”. Não devemos então supor que o mesmo se aplica aos amores do homem?

Somente aqueles em que o próprio Amor entrou subirão até o próprio Amor. E esses podem ser levantados com Ele apenas se tiverem, de algum modo e até certo ponto, partilhado a sua morte; se o elemento natural neles se submeteu —ano após ano, ou em uma agonia repentina — à transmutação..

A moda do mundo passa. O próprio nome da natureza implica em transitoriedade. Os amores naturais só podem esperar a eternidade na proporção em que tiverem permitido a sua integração na eternidade da Caridade; tenham pelo menos permitido que processo seja iniciado aqui na terra, antes que chegue a noite quando ninguém pode trabalhar. E o processo sempre envolverá uma espécie de morte. Não existe fuga possível. Em meu amor por minha esposa ou um amigo o único elemento eterno é a presença transformadora do próprio Amor. Só por essa presença os demais elementos podem esperar, como esperam nossos corpos físicos, levantar-se dentre os mortos. Pois só isto é santo neles, só isto é o Senhor.

Os teólogos algumas vezes perguntaram se iremos — “conhecer-nos uns aos outros” no céu, e se os relacionamentos de amor especiais mantidos na terra continuariam a ter ali qualquer significado. Parece razoável responder: “Isso talvez dependa do tipo de amor que se tenha tornado, ou estava se tornando, na terra”, pois com certeza o fato de encontrar-se no mundo eterno com alguém por quem o seu amor neste mundo fosse simplesmente natural, embora forte, não seria (nessa base) nem mesmo interessante. Não seria como encontrar na vida adulta alguém que parecera um grande amigo na escola devido apenas aos interesses e ocupações comuns?

Se não houvesse mais nada, se não fosse uma alma afim, será agora um perfeito estranho. Nenhum de vocês joga mais futebol. Você não quer mais trocar a sua ajuda com o francês dele pela ajuda dele com a sua aritmética.

Suspeito que no céu um amor que jamais incorporou o próprio Amor seria igualmente irrelevante. Pois a Natureza passou. Tudo o que não é eterno acha-se eternamente fora de moda.

Não devo porém terminar neste tom, não ousa — e muito menos porque anseios e terrores pessoais me levam a fazer isso — deixar qualquer leitor enlutado e desolado convencido da difundida ilusão de que a reunião com os mortos queridos é o alvo da vida cristã. A negação disto pode parecer dura e irreal aos ouvidos dos que têm o coração partido, mas é preciso fazê-lo.

“Tu nos fizeste para ti mesmo”, disse Agostinho, “e o nosso coração não encontra descanso até aproximar-se de ti”. Este pensamento, tão fácil de

acreditar por um breve momento diante do altar ou talvez, meio orando meio meditando num bosque, soa como zombaria ao lado de um leito de morte. Mas seremos ainda mais dignos de zombaria se, deixando esta idéia de lado, nos apegarmos à esperança - talvez até com a ajuda de uma vidente e necromancia - de algum dia, e dessa vez para sempre, gozar da companhia do ente amado na terra, e nada mais. É difícil imaginar que tal prolongamento infindo da felicidade terrena não fosse completamente satisfatório.

Mas, se posso confiar em minha própria experiência, imediatamente sentimos uma aguda advertência de que existe alguma coisa errada. No momento em que tentamos usar nossa fé no outro mundo com esse propósito, essa fé fracassa. Os momentos em que ela mostrou-se realmente forte durante minha vida foram todos momentos em que o próprio Deus foi o foco de meus pensamentos. Ao crer nele eu podia então pensar no céu como um corolário. Mas o processo inverso, crer primeiro na reunião com o ser amado e então, por causa dessa reunião, crer no céu e finalmente, por causa do céu, crer em Deus — isso não funciona. Podemos naturalmente imaginar coisas. Mas a pessoa autocrítica logo perceberá cada vez mais que a imaginação atuante é a sua; ela sabe que está apenas tecendo uma fantasia. As almas mais simples irão descobrir que as fantasias que tentam alimentar não ajudam em nada, podendo ser apenas estimuladas a uma aparência de realidade mediante esforços patéticos de auto-hipnose e talvez com a ajuda de figuras ignóbeis e hinos e (o que é pior) feiticeiras.

Descobrimos assim pela experiência que não adianta pedir ao céu conforto terreno. O céu só pode dar consolo celestial e nenhum outro. A terra também não dá conforto terreno. Na verdade esse é um consolo que não existe.

O sonho de descobrir o nosso fim, aquilo para que fomos feitos, num céu de amor puramente humano não poderia realizar-se a não ser que toda a nossa Fé estivesse errada.

Fomos feitos para Deus. Apenas sendo em alguns aspectos como Ele, apenas sendo uma manifestação da sua beleza, bondade, sabedoria, é que algum ente amado terreno pode ter provocado o nosso amor. Não se trata de nós os termos amado excessivamente, mas que não compreendemos o que estávamos amando. Não é que nos venham a pedir para nos afastarmos deles, tão queridos e familiares, e nos voltarmos para um Estranho.

Quando contemplarmos a face de Deus saberemos que sempre a conhecemos. Ele participou, fez, sustentou e moveu, momento a momento, interiormente, todas as nossas experiências terrenas de amor inocente. Tudo o que era amor nelas, mesmo na terra, era muito mais dEle do que nosso, e nosso apenas por ser dEle. No céu não haverá angústia nem necessidade de afastar-nos de nossos entes queridos. Primeiro porque já fizemos isso; dos retratos para o Original, dos regatos para a Fonte, das criaturas que Ele fez dignas de amor para o Próprio Amor. Mas, em segundo lugar, porque os encontraremos todos nEle. Amando-O mais do que a eles, iremos amá-los mais do que o fazemos agora.

Tudo isso está porém distante na “terra da Trindade”, não aqui no exílio, no vale de lágrimas. Aqui embaixo tudo é perda e renúncia. O verdadeiro propósito do luto (no que nos afeta) pode ter sido forçar isto sobre nós. Somos então impelidos a tentar crer, aquilo que não podemos ainda sentir, que Deus é nosso verdadeiro Amado. Essa a razão por que a perda é algumas vezes mais fácil para o incrédulo do que para nós. Ele pode esbravejar e clamar, sacudindo o dedo para o universo e (caso seja um gênio) escreve poemas como Housman ou Hardy. Mas nós, na maré vazante, quando o menor esforço já nos parece excessivo, precisamos começar a tentar o que se afiguram como impossibilidades.

“E fácil amar a Deus?” pergunta um velho autor. “E fácil”, replica ele, “para os que o fazem.” Incluí duas Graças sob a palavra Caridade. Mas Deus pode dar uma terceira. Ele pode despertar no homem, em relação a Ele mesmo, um Amor Apreciativo sobrenatural. De todos os dons este é o que mais deve ser desejado. Pois é nele e não em nossos amores naturais, nem mesmo na ética, que se encontra o verdadeiro centro de toda vida humana e angélica. Com isto todas as coisas são possíveis.

E com isto, onde um livro melhor iria começar, o meu termina.

Não ousou prosseguir. Deus sabe, e não eu, se jamais provei deste amor. Talvez só imaginasse o seu sabor. Aqueles como eu, cuja imaginação ultrapassa de longe a sua obediência, estão sujeitos a um castigo justo. Imaginamos facilmente condições muito mais elevadas do que aquelas que realmente chegamos a alcançar. Se descrevermos o que imaginamos

poderemos fazer com que outros, e nós, acreditem que na verdade estivemos ali. E se apenas imaginei, será uma nova ilusão que até o fato de ter imaginado fez em alguns momentos todos os demais objetos do desejo - sim, até a paz, até não ter mais medo - parecerem como brinquedos partidos e flores murchas? Talvez. Talvez, para muitos de nós, toda experiência simplesmente define, por assim dizer, a forma daquela brecha onde o nosso amor por Deus deveria estar. Não é suficiente, mas já é alguma coisa. Se não pudermos “praticar a presença de Deus”, já é algo praticar a ausência dele, ter cada vez maior percepção de nossa falta de percepção, até que nos tornemos como homens que fiquem ao lado de uma grande catarata e não ouçam qualquer ruído ou como um homem numa história que olha no espelho e não vê nenhum rosto nele, ou como aquele no sonho que estende a mão para objetos visíveis e não consegue tocá-los.

Saber que se está sonhando significa não estar mais dormindo perfeitamente. Mas para as notícias do mundo completamente desperto você precisa procurar os meus melhores.

Fim